

Dênis Cândido da Silva

A IGREJA DIANTE DO PARADOXO DO EVANGELHO:
UM DIÁLOGO ECLESIOLÓGICO A PARTIR DA *EVANGELII GAUDIUM*

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão

Belo Horizonte

FAJE- Faculdade de Filosofia e Teologia

2024

Dênis Cândido da Silva

A IGREJA DIANTE DO PARADOXO DO EVANGELHO:
UM DIÁLOGO ECLESIOLÓGICO A PARTIR DA *EVANGELII GAUDIUM*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão, SJ

FICHA CATALOGRÁFICA

S586i	<p>Silva, Dênis Cândido da</p> <p>A Igreja diante do paradoxo do Evangelho: um diálogo eclesiológico a partir da Evangelii Gaudium / Dênis Cândido da Silva. - Belo Horizonte, 2024.</p> <p>100 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Igreja. 2. Teologia pastoral. 3. Evangelização. 4. Misericórdia. 5. Francisco, Papa. I. Adão, Francys Silvestrini. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título</p> <p style="text-align: right;">CDU 25</p>
-------	--

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

Denis Candido da Silva

**A IGREJA DIANTE DO PARADOXO DO EVANGELHO:
UM DIÁLOGO ECLESIOLÓGICO A PARTIR DA EVANGELII GAUDIUM**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 12 de março de 2024.

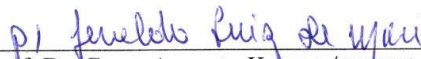
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Francys Silvestrini Adão / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Geraldo Luiz de Mori / FAJE



Prof. Dr. Cesar Augusto Kuzma / PUC Rio (Visitante)

AGRADECIMENTOS

Segundo o cardeal e poeta José Tolentino Mendonça, “o agradecimento é a memória do coração”. Concluir uma pesquisa está para além de suas páginas escritas. Muita coisa do que foi vivido ao longo desses anos ficará guardada na memória e no coração. Essa minha pesquisa é marcada por um misto de vários sentimentos, difíceis de serem descritos aqui, e apesar de todo sofrimento vivido ao longo desse período, o sentimento ainda é de gratidão. Agradeço a Dom José Aristeu Vieira, meu bispo diocesano, e à Associação Diocesana dos Presbíteros de Luz-MG pela oportunidade de me dedicar ao estudo por esses anos e por custearem o pagamento das mensalidades. Espero poder retribuir no trabalho pastoral o investimento feito. A todos os professores, professoras e funcionários da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia que, na partilha de seus conhecimentos, contribuíram na maturação dessa pesquisa. Ao querido amigo padre Severino Alessio, pela sua presença amiga ao longo de todo esse processo. A meu orientador Prof. Dr. Francys Silvestrini, que, ao longo desse caminho, além de orientar meus estudos foi também ombro amigo em vários momentos. As lágrimas também são um exercício teológico. Grande parte desta escrita foi realizada dentro de hospitais, ao lado de um leito, dentro dos CTIs, acompanhando o grande amigo e irmão de caminhada Dom Mauro Morelli. Foram nesses lugares que pude compreender profundamente o quão é importante e necessária a proposta eclesial de Francisco. Nesses “lugares de dor”, eu ressignifiquei a minha fé e meu ministério sacerdotal e até mesmo o meu pensar teológico. A todas essas pessoas que me revelaram o seu sofrimento e que me ajudaram a entender as minhas dores, o meu muito obrigado. Por fim, agradeço ao grande amigo Dom Mauro Morelli (*in memoriam*), que mesmo não estando presente fisicamente se faz tão presente como “memória inquieta”. Sua amizade ao longo desses oito anos de convivência e os últimos meses de sua vida, estando ao seu lado participando de seu sofrimento, foi a maior experiência cristã que eu pude viver até esse momento em minha vida. Essas páginas são para o senhor, Dom Mauro Morelli, que assim como o papa Francisco crê que um novo mundo, uma nova humanidade e uma nova Igreja são possíveis.

RESUMO

A investigação sobre o que o papa Francisco compreende por evangelização e qual a relevância da Igreja para a sociedade contemporânea, segundo sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, é a base deste estudo. Tal investigação se dá à luz da literatura teológica contemporânea a respeito de alguns elementos trazidos pelo pontificado de Francisco e seu programa pastoral. O objetivo é verificar e destacar algumas profundas contribuições teológicas e pastorais de Francisco para a Igreja contemporânea. Para isso, partiu-se da análise dos principais desafios apresentados à Igreja pelo mundo contemporâneo, bem como de suas oportunidades para um novo momento eclesial. Em seguida, focou-se em alguns traços da teologia do papa Francisco centrada, sobretudo, no evangelho da misericórdia. Por fim, procurou-se demonstrar que a proposta de Francisco exige realmente uma profunda conversão pastoral e a mudança de alguns paradigmas, que ainda sustentam a ação evangelizadora, não mais condizentes com a demanda contemporânea. Destacam-se positivamente, sobretudo, a centralidade do Evangelho, o acento de uma práxis que passa pelo compromisso com os mais pobres, bem como a necessidade de assumir, pôr em prática e desenvolver a eclesiologia proposta pelo Concílio Vaticano II.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco. Evangelho. Misericórdia. Conversão. Práxis. Missão. Cristianismo.

ABSTRACT

The investigation into what Pope Francis understands by evangelization and the relevance of the Church to contemporary society, according to his apostolic exhortation *Evangelii Gaudium*, is the basis of this study. This investigation takes place in the light of contemporary theological literature regarding some elements brought by the pontificate of Francis and his pastoral program. The objective is to verify and highlight some of Francis' profound theological and pastoral contributions to the contemporary Church. To achieve this, we started by analyzing the main challenges presented to the Church by the contemporary world, as well as its opportunities for a new ecclesiastical moment. Then, he focused on some features of Pope Francis' theology, centered above all on the gospel of mercy. Finally, we sought to demonstrate that Francis' proposal really requires a profound pastoral conversion and the change of some paradigms that still support evangelizing action, no longer in line with contemporary demand. Above all, the centrality of the Gospel stands out positively, the emphasis on a praxis that involves commitment to the poorest, as well as the need to assume, put into practice and develop the ecclesiology proposed by the Second Vatican Council.

KEYWORDS: Francis. Church. Gospel. Mercy. Conversion. Praxis. Mission. Christianity.

ABREVIATURAS:

EG – *Evangelii Gaudium*

DAp – Documento de Aparecida

CDC- Código de Direito Canônico

GS – *Gaudium et Spes*

FT– *Fratelli Tutti*

MV – *Misericordiae Vultus*

AL – *Amoris Laetitia*

Med – Conferência de Medellín

SD – Santo Domingo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 HÁ ESPERANÇA NUMA SOCIEDADE PÓS-OTIMISTA?	12
1.1 Esboço do cenário contemporâneo	13
1.1.1 A sociedade líquida de Zigmunt Bauman	14
1.1.2 A sociedade do cansaço de Byung-Chul Han	16
1.1.3 A cultura do efêmero: o olhar do papa Francisco	17
1.1.4 Um cenário sombrio?	21
1.2 Leitura teológica do tempo presente	22
1.2.1 A crise como um paradoxo pascal	22
1.2.2 O irreversível fim da cristandade	24
1.2.3 No pós-otimismo, o possível ressurgimento da esperança	26
1.3. Que Igreja para um mundo em crise?	29
1.3.1. A fé cristã numa sociedade plural	31
1.3.2 Pertencimento ou experiência: um cristianismo para o tempo presente	33
2 PAPA FRANCISCO E A CONVERSÃO TEOLÓGICO-PASTORAL	39
2.1 Francisco: nome, periferia e eclesiologia	40
2.1.1 Num mundo enfermo, uma Igreja “hospital de campanha”	45
2.2 “Recuperar o frescor original do Evangelho”	49
2.2.1 Uma cristologia da carne e cruz: limite e plenitude	51
2.3 Deus é misericórdia: a chave de um pontificado	54
2.3.1 Entre os privilegiados e esquecidos	58
2.3.2 Misericórdia, uma mesa para todos, todos, todos	61
3 A DIFÍCIL TAREFA DE DESPERTAR A IGREJA: O HORIZONTE E O CAMINHO	63
3.1 É preciso voltar à Galileia	64
3.2. Do centro às periferias, a Igreja das margens, o sonho do papa Francisco	65
3.2.1 “Uma Igreja pobre e para os pobres”	70
3.2.2 Uma urgente conversão pastoral e estrutural	75
3.3 A sinodalidade: um possível caminho	78
3.3.1 Sínodo e sinodalidade: riscos e oportunidades	81
3.3.2 Caminhar juntos como povo de Deus	84
3.3.3 Missionariedade e sinodalidade: caminhar juntos com os mais vulneráveis	86
CONCLUSÃO	90
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* apresenta-se como roteiro programático do pontificado do papa Francisco e, com seu toque pessoal, traz o roteiro que a Igreja é chamada a percorrer ao longo de seu pontificado (EG n. 1). É o documento que inaugura o pontificado e carrega claramente as marcas do pensamento pastoral de Francisco. É notável que a exortação possui um estilo próprio, menos formal e mais pastoral, visivelmente encarnada na realidade contemporânea e em diálogo com ela.

De acordo com o papa Francisco, “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG n. 176). Para que o Reino de Deus chegue a todas as pessoas e lugares, é preciso sair. “Naquele ide de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a nova saída missionária” (EG n. 20). Como operacionalizar essa saída? Como “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias” (EG n. 20)?

O paradigma da “Igreja em saída” inspira, não sem contradições e resistências, a possibilidade de um novo agir pastoral, pautado pela misericórdia e compaixão, traços fortes da teologia pastoral de Francisco. Não se trata de levar Cristo ao mundo secularizado, ou converter tudo e todos. Mas descobrir a presença de Cristo no mundo. Uma “Igreja em saída” é uma Igreja que “toma a iniciativa, sem medo de ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos” (EG n. 24). Francisco, ao propor uma “Igreja em saída”, indica justamente que tal saída precisa ser direcionada para as periferias. É na periferia que se encontra a grande massa descartável de nossa sociedade injusta e consumista. É na periferia que se encontram os marginalizados, os invisíveis ou desconhecidos, mas também a revelação da própria desarticulação pastoral da Igreja.

Francisco tem consciência que vivemos em um mundo em crise. O cenário pode ser descrito e caracterizado como tempo carregado de incertezas, fragmentado, em desconstrução, com profunda inversão de valores, vazio, imediatista, hedonista, narcisista, “nihilista”, “líquido” e “cansado”. Francisco afirma que “a humanidade vive uma transformação histórica” (EG n. 52). A Igreja, diante de tal cenário, se vê profundamente questionada. A pós-modernidade, além de expor a fragilidade eclesial, questiona a própria credibilidade da ação pastoral e evangelizadora na Igreja. Por que sou cristão? O Evangelho ainda é boa notícia? Quais são os fundamentos de nossa esperança?

O grande desafio com que o Cristianismo se vê confrontado não seria tanto sua sobrevivência, mas sobretudo sua relevância. Diante dessa problemática, outras interrogações surgem no processo da construção do raciocínio, como, por exemplo: qual é relevância de nossa ação pastoral nesse contexto? Numa realidade marcada por paradoxos e fortes contradições, qual a relevância da proposta de Francisco contida na *Evangelii Gaudium*? Na busca por respostas, partimos da proposta de Francisco sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual e se tal proposta consegue estar em sintonia com os desafios exigidos.

Vários teólogos contemporâneos têm dedicado suas pesquisas a um diálogo com o pensamento do papa Francisco, além dos inúmeros desafios colocados à ação pastoral da Igreja pela própria sociedade. Em nosso trabalho, selecionamos, principalmente, quatro teólogos: dois brasileiros – Agenor Brighenti e Francisco de Aquino Júnior – e dois do contexto europeu – o espanhol José Antonio Pagola e o checo Tomáš Halík –, pela solidez de suas produções teológicas e afinidade com o pensamento e a proposta eclesial de Francisco. Seus escritos nos ajudarão a aprofundar os elementos eclesiológicos centrais propostos no magistério e na prática de Francisco. Além desses quatro teólogos, nossa pesquisa também será enriquecida por outros comentadores do pontificado de Francisco, bem como de sua teologia. Tais contribuições serão apresentadas nas notas de rodapé. Espera-se, dessa forma, demonstrar que Francisco realmente está atento aos “sinais dos tempos” e que sua reflexão e prática inspiram e interpelam a Igreja católica em seu serviço aos homens e mulheres do mundo contemporâneo.

Na busca por possíveis respostas às nossas questões, o trabalho está organizado em três capítulos, seguindo o estilo de um ensaio teológico, semelhante aos do papa Francisco e dos nossos interlocutores teológicos: iniciaremos com um olhar panorâmico sobre o atual momento histórico para perceber quais são os desafios e anseios colocados à nossa pastoral pelo sujeito contemporâneo, e como tais anseios desafiam a vivência cristã da fé; em seguida, ciente da realidade e do atual momento histórico, iluminamos tal realidade pela proposta pastoral e teológica do papa Francisco contida, sobretudo, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* – mas também em outros textos do pontífice – onde espera-se demonstrar que a proposta de Francisco é uma proposta capaz de dar resposta aos anseios do sujeito contemporâneo; por fim, propomos que o projeto pastoral de Francisco “na e para a Igreja”, como sinal “no e para o mundo”, só será possível mediante uma profunda “conversão pastoral” – sem essa conversão pastoral nada ou muito pouco será feito.

Nossa pesquisa pretende apresentar, de maneira não exaustiva, um diálogo teológico-pastoral com os principais pontos da eclesiologia do papa Francisco, presente na *Evangelii*

Gaudium, que é o seu texto programático, e verificar se tal proposta consegue ser realmente uma resposta aos desafios e aos anseios do atual momento.

1 HÁ ESPERANÇA NUMA SOCIEDADE PÓS-OTIMISTA?

O objetivo deste primeiro capítulo é realizar uma leitura social, teológica e contemplativa da realidade contemporânea. Compreende-se que nosso mundo atravessa um período de grandes, rápidas e profundas transformações, tanto sociais, ambientais, antropológicas como eclesiais, que afetam, ao mesmo tempo, nosso modo de ser, pensar e crer. Por sua própria natureza, o processo vertiginoso de aceleradas mudanças torna precária qualquer análise da conjuntura atual. O Documento de Aparecida afirma que “vivemos uma mudança de época” (DAp n.44) e que a “novidade dessas mudanças, diferentemente do ocorrido em outras épocas, é que elas têm alcance global” (DAp n.34).

Não se trata aqui de uma análise exaustiva sobre o cenário contemporâneo, mas da apresentação de alguns pontos que caracterizam a realidade atual e que afetam diretamente a vida e missão da Igreja, inserida numa sociedade aqui definida como “pós-otimista”, apelando a uma nova compreensão de sua própria vocação, e conseqüentemente a uma mudança de rumo. Contrariamente ao que se imaginava, a secularização não acabou por provocar o fim da religião, mas, antes, a sua transformação. O que é ser cristão na sociedade atual? Como viver a fé cristã nesse atual momento histórico?

O paradigma de transformação, que foge ao domínio do sujeito contemporâneo, é central para a compreensão da realidade atual. A acelerada secularização e a perda de credibilidade da Igreja católica diante da sociedade questionam e fazem repensar a relevância da vida eclesial e da própria vivência cristã. As grandes instituições religiosas perderam o monopólio, mas não totalmente o seu poder de atração. A sociedade contemporânea ainda não é totalmente arreligiosa.

Por essa razão, tem-se a sensação de que o testemunho e a ação cristã não mais desencadeiam mudanças que afetam a vida e os anseios do sujeito contemporâneo. Dessa maneira, fica evidente que o concerto entre Igreja e sociedade está desafinado, se é que algum dia foi afinado ou harmonioso. Não há sintonia e nem sinfonia. Tem-se a impressão de que a Igreja não consegue entrar em sintonia com a sociedade atual e sua palavra não provoca mudanças e nem faz o coração arder. Há um desencontro entre Igreja e mundo. Evidentemente, aqui não se trata de uma “mundanização” ou uma adequação da Igreja à sociedade, mas sim de uma possível conciliação. Diante de tal realidade, há o risco de que a existência da Igreja seja irrelevante ou pouco expressiva. De certa maneira, o mundo caminha ou caminhará sem os valores cristãos.

Quais são os “sinais” desse tempo atual que precisam ser interpretados à luz do Evangelho? A Igreja católica está atenta, de fato, às novas questões que afetam seu agir eclesial e pastoral? Quais são as perguntas que o mundo e o sujeito contemporâneo têm colocado à Igreja e que não perpassam a sua ação pastoral? Estar atento aos “sinais dos tempos” é estar atento a essas questões que o mundo e o sujeito contemporâneo têm apresentado.

Entretanto, a própria situação contemporânea é, ao mesmo tempo, um desafio e uma oportunidade. Mais do que paralisar, o atual momento histórico, que por ora assola o nosso viver e nossas convicções, é uma possibilidade também de avançar “para águas mais profundas”. Abandonar a segurança das margens e viver grandes travessias. A crise desnuda e expõe a nossa fragilidade eclesial. O papa Francisco tem insistido, de maneira ousada e corajosa, que para ser uma Igreja na contemporaneidade é necessário abrir mão de certas convicções. “Evangelizamos também ao procurar enfrentar os diferentes desafios que se nos podem apresentar” (EG n. 61). É preciso renunciar a nostalgias restauradoras, redescobrir, repensar e por vezes recomeçar, voltar à origem e fonte do caminho. É necessário redescobrir a beleza, a originalidade e a força do Evangelho neste aparente caos. Para tanto, neste primeiro capítulo veremos as contribuições de alguns pensadores e teólogos contemporâneos, além da própria contribuição de Francisco sobre a realidade atual, elaborando assim um diagnóstico do cenário e como esse cenário afeta diretamente a vivência da fé e o pensar pastoral da Igreja e na Igreja.

1.1 Esboço do cenário contemporâneo

A cultura contemporânea se apresenta como uma realidade complexa, ambígua e muitas vezes paradoxal. Apesar das inúmeras análises sociológicas, filosóficas e teológicas do tempo presente, não é possível apresentar um diagnóstico preciso do que realmente está acontecendo com a sociedade e o sujeito contemporâneos. Trata-se de uma análise sempre fragmentada e em construção. Os muitos termos usados que fazem referência a esse tempo tanto ajudam como dificultam a compreensão: as expressões “modernidade líquida”, “modernidade tardia”, “hipermodernidade”, “pós-modernidade”, “sociedade pós-otimista”, “pós-cristã”, entre outras, demonstram que se trata de uma realidade sujeita a várias leituras e diagnósticos. Fato é que “a humanidade vive uma transformação histórica” (EG n. 52).¹ É um tempo novo, com inúmeros

¹ Paradoxalmente como afirma Mário França, “época de mudanças é igualmente época de resistências a mudanças”. MIRANDA, Mário França. Linhas eclesiológicas da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella;

desafios e oportunidades. Conseqüentemente, aquilo que é novo tende a gerar angústia e incerteza.

Fica evidente que o atual momento é complexo, tenso e cheio de contradições. Os pesquisadores não enxergam a realidade pelo mesmo prisma, mas uma palavra é sempre dita na maioria das análises contemporâneas: “crise”. É praticamente consenso que se vive uma profunda e generalizada crise. Tal crise afeta todos os setores: cultural, econômico, social, ecológico e eclesial. Vive-se, de certa maneira, uma “crise holística” ou crise total. Mas de qual crise se está realmente falando? Dentre as diversas análises, propomos aqui três que nos ajudam a perceber um pouco melhor o atual cenário. Não é nosso interesse analisar de maneira exaustiva a situação contemporânea, mas apenas apontar alguns traços que ajudam a pensar e perceber o cenário e quais os impactos disso tudo na vivência da fé cristã e na evangelização.

1.1.1 A sociedade líquida de Zigmunt Bauman

A “sociedade líquida” é uma expressão cunhada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman para descrever a natureza fluida e efêmera das relações sociais e da cultura contemporânea. A noção de liquidez perpassa grande parte da obra de Bauman. Para ele, a sociedade líquida é caracterizada por uma falta de estabilidade e estruturação social que eram típicas da sociedade moderna. Dessa forma, o paradigma da liquefação é um paradigma claro da falta de forma, de fronteira da realidade pós-moderna.

Na perspectiva de Bauman, a sociedade líquida é resultado da transição da “fase sólida” da modernidade para a “fase líquida” da pós-modernidade. Seu argumento é que, enquanto a modernidade era caracterizada pela ordem e estabilidade, o pós-moderno é marcado pela incerteza e pela fragmentação, mas também por permanência de algo. Contudo, o conceito de “liquidez” está relacionado também ao conceito de ambivalência. Dessa maneira, “a ideia de liquidez não significa uma transformação constante em tudo, mas uma ambivalência entre a transformação e a permanência”².

Na análise de Zygmunt Bauman, a modernidade é constituída por uma “ambivalência estrutural”, onde algumas coisas se transformam constantemente e outras permanecem rigorosamente as mesmas. A modernidade líquida não é simplesmente a transformação pela transformação. A modernidade líquida é o fato de que as coisas se transformam ao mesmo

FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2014, p. 182.

² BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999, p.18.

tempo que elas se conservam. Assim sendo, uma sociedade líquida é uma sociedade na qual a permanência atua em ambivalência constante com a permanência.

O individualismo, a insegurança e a transitoriedade dos relacionamentos que caracterizam a sociedade atual emergem da fluidez de nosso tempo em constante liquidez. Trata-se de um tempo em que não há solidez, tudo se transforma e se modifica aceleradamente. Vive-se em constante efeito de construção e desconstrução. O novo perde a sua novidade de maneira muito rápida. As próprias relações humanas são instáveis e não se configuram mais a longo prazo, pois tudo é efêmero. “Os tempos são líquidos porque assim como a água, tudo muda rapidamente”³.

Bauman, em sua argumentação, defende que a sociedade líquida tem consequências profundas para a vida em sociedade, incluindo a erosão da confiança nas instituições e a fragmentação das comunidades, há “derretimento dos sólidos”. As próprias instituições, anteriormente rígidas e imutáveis, sofrem um acelerado processo de desconstrução, decadência e falência. Tudo começa a ruir. O cíclico dá lugar à liquidez, gerando insegurança. O pensador polonês também argumenta que a cultura da sociedade líquida é fortemente influenciada pelo consumo e pela busca constante por novas experiências e sensações. Nessa sociedade líquida, nada é feito para durar. Tudo é visto como provisório e descartável. Por isso, o consumismo é excessivo. Portanto, para Bauman, é impossível ser sólido numa sociedade cada vez mais líquida.

Para falar dos relacionamentos humanos, o sociólogo utiliza o conceito de “conexão”. Na sociedade líquida, o que se deseja é algo que se possa acumular em maior número, mas de maneira superficial. Trata-se de uma conexão desconectada. As conexões podem ser desfeitas a qualquer momento. A sociedade líquida não aceita o indissolúvel, ainda tão sustentado pela maioria das instituições religiosas. É perceptível, para qualquer um, que os relacionamentos atuais não são mais “sólidos”. Contudo, chega-se, segundo Bauman, a uma outra perspectiva, em que os relacionamentos são feitos para não durar. Tem-se assim um curioso paradoxo contemporâneo, em que, de um extremo ao outro, sobra somente a angústia de quem ama. Tudo tem prazo de validade. Trocam-se os amigos, a religião, a igreja como se trocam as meias. Para o polonês, até o amor é “líquido”⁴. Não há profundidade, tudo é raso e superficial. O sujeito torna-se simplesmente um objeto, um algoritmo ou um número. Tudo se resume a “likes”.

³ BAUMAN, *Tempos líquidos*, p. 17.

⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 15.

1.1.2 A sociedade do cansaço de Byung-Chul Han

Um outro diagnóstico relevante da sociedade contemporânea é apresentado pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que define a sociedade pós-moderna como uma “sociedade paliativa”⁵ ou “sociedade do cansaço”⁶. De acordo com Han, a sociedade atual é marcada pela “síndrome de *burnout*”⁷ e pelo “excesso de positividade”, ou seja, as pessoas estão sempre buscando fazer mais, ser mais produtivas e alcançar mais objetivos, ao mesmo tempo em que são constantemente incentivadas a pensar positivo e a se manterem motivadas. Isso leva a uma sensação constante de cansaço e exaustão, uma vez que as pessoas não têm tempo para descansar e relaxar. Tal excesso gerou um certo número de doenças mentais. Segundo o diagnóstico de Han, o sujeito contemporâneo está doente, esgotado, perdendo o sentido de ser.

Byung-Chul Han argumenta que cada época possui as suas epidemias próprias: se o século XX era caracterizado como século das doenças bacteriológicas, o que caracteriza o século XXI é a “patologia neuronal”⁸. Não são doenças infecciosas, mas provocam infartos. A sociedade do cansaço leva ao “infarto da alma”⁹. O grande jargão dessa sociedade é justamente “*yes we can*”. Pode-se tudo, mas o preço a ser pago será alto. Há uma busca excessiva e cansativa de alcançar as metas estabelecidas.

Esse excesso de positividade acaba criando uma “sociedade do desempenho”¹⁰, uma sociedade em que a produtividade é o norte dos indivíduos. Produzir, consumir e se autoexplorar até a morte. Trata-se de um tempo de muita ansiedade. De acordo com Han,

O sujeito de desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma.¹¹

Há uma lógica neoliberalista traiçoeira nessa perspectiva. O capitalismo transforma desejos em necessidade, fazendo do sujeito o consumidor que se autoexplora sem se satisfazer. A autoexploração criticada pelo autor não se dá apenas em termos econômicos, mas também existenciais. O cansaço é justamente fruto dessa autoexploração. Há uma enfermidade coletiva

⁵ HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 13.

⁶ HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 69.

⁷ HAN, *Sociedade do cansaço*, p. 86.

⁸ HAN, *Sociedade do cansaço*, p. 7.

⁹ HAN, *Sociedade do cansaço*, p. 71.

¹⁰ HAN, *Sociedade do cansaço*, p. 70.

¹¹ HAN, *Sociedade do cansaço*, p. 29.

– enfermidade aqui entendida não somente como um adoecimento do corpo, mas da alma. O desempenho excessivo, além de cansar, adocece. Para Byung-Chul Han:

Precisamente frente à vida desnuda, que acabou se tornando radicalmente transitória, reagimos como hiperatividade, com a histeria do trabalho e da produção. Também o aceleração de hoje tem muito a ver com a carência de ser. A sociedade do trabalho e a sociedade do desempenho não são uma sociedade livre.¹²

Na análise proposta pelo filósofo sul-coreano, a sociedade contemporânea está perdendo a sua profundidade. O sujeito contemporâneo perde gradativamente o aprofundamento contemplativo. O sujeito dessa sociedade possui uma atenção ampla, devido ao excesso de informação, porém rasa e superficial. “Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente”¹³. Diante dessa existência hiperativa, Han nos propõe uma vida contemplativa, que não precisa ser necessariamente religiosa. “É só a atenção profunda que interliga a instabilidade dos olhos”¹⁴. O ser humano contemporâneo não suporta o silêncio e o aquietar-se. Convive-se com ruído excessivo. Tudo é supérfluo ou falta, daí o vazio do ser. “Não a vida ativa, mas só a vida contemplativa é que torna o homem naquilo que ele deve ser”¹⁵.

1.1.3 A cultura do efêmero: o olhar do papa Francisco

O papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, ciente da grave situação contemporânea, chama atenção para a “cultura do descartável” (EG n. 53), que segundo ele “chega a ser promovida” (EG n. 53). O modelo de produção capitalista segrega os seres humanos em categorias, basicamente o sujeito contemporâneo é visto como produtivo ou improdutivo. A humanidade enfrenta não somente uma crise financeira, mas, sobretudo, uma “crise antropológica profunda” (EG n. 55). De acordo com o papa,

Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”. (EG n. 53)

¹² HAN, *Sociedade do cansaço*, p. 24.

¹³ HAN, *Sociedade do cansaço*, p. 34.

¹⁴ HAN, Byung-Chun. *Louvor à Terra: uma viagem ao jardim*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 37.

¹⁵ HAN, *Sociedade do cansaço*, p. 50.

Na perspectiva apresentada por Francisco, o sujeito contemporâneo, dentre eles, os mais pobres, é reduzido a mero objeto, máquina, subjugado a todo tipo de exploração. O papa tem consciência de que essa forma de exploração é perversa e desumana, gera mais pobreza e esgota o planeta, nossa Casa Comum. As pessoas que não contribuem para o desenvolvimento econômico da sociedade são naturalmente descartadas, colocadas à margem, e vistas como supérfluas. Tal cultura gera discriminação e exclusão. Os evangelhos nos falam de vários grupos de pessoas que vivem sob constante exclusão: os pobres, os enfermos, os oprimidos, os pecadores públicos etc. E hoje? Quais são os que compõem a lista? Quem são as vítimas dessa economia desumana?

Francisco, citando o sociólogo polonês Zigmunt Bauman, afirma que as pessoas, na sociedade pós-moderna, se movem na sociedade líquida e na cultura do efêmero. Na análise de Bauman, como vimos, a modernidade líquida não valoriza o permanente, apenas o provisório, e essa mudança constante afeta também as relações humanas. Para o papa Francisco, “nos movemos na dita sociedade líquida, sem pontos fixos, desequilibrada, privada de referências sólidas e estáveis, na cultura do efêmero, do usa e descarta”¹⁶. Tudo é para satisfazer o mercado e os nossos desejos vorazes. O duradouro não é rentável.

Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, em que o poderoso engole o mais fraco. Em consequência dessa situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora. (EG n. 53)

Francisco, ao chamar atenção para a “cultura do efêmero e do descartável”¹⁷, denuncia um sistema econômico mundial enfermo que descarta as pessoas pelo simples motivo de não serem “rentáveis”. Nesse cenário econômico, o sujeito vale por aquilo que consome, e quem não consome é naturalmente descartado. “Consumo logo, existo” é um dos grandes jargões dessa sociedade capitalista. Por isso que idosos, crianças, mulheres e migrantes são alguns dos que compõem a lista de excluídos. “Não é possível que a morte por congelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão”

¹⁶ FRANCISCO. *Homilia*. 21 janeiro 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/%20documents/papa-francesco_20170121_homelia-domenicani.html. Acesso em: 4 nov. 2023.

¹⁷ Segundo Alberto Melloni, “a análise de Bauman sobre a pós-modernidade serve a Francisco porque, nela, ele encontra a dramaticidade do próprio Evangelho: isto é, a violência que paira lá onde a pobreza inerme aparece como uma ameaça do poder e do privilégio, porque revela a sua vulnerabilidade” (MELLONI, Alberto. Bauman e Francisco, a caminho que leva o mundo globalizado de volta ao Evangelho. *IHU On-line*. 10 ago. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/570501>. Acesso em: 13 jan. 2024).

(EG n. 53).¹⁸ A Igreja desejada por Francisco é corajosa em denunciar o atual sistema econômico, altamente explorador e maléfico para o planeta e para os mais pobres. Para ele, é preciso dizer não a essa “economia sem rosto e sem objetivo verdadeiramente humano” (EG n. 55), “não a uma economia de exclusão e de marginalidade social”, “essa economia mata” ao criar excluídos, resíduos e “sobras” (EG n. 53), a injustiça é “a raiz dos males sociais” (EG n. 202). Francisco diz não ao “fetichismo do dinheiro e [à] ditadura da economia sem rosto e sem objetivo verdadeiramente humano” (EG n. 55), não a um “sistema social e econômico injusto em sua raiz” (EG n. 59), não à “ideologia que defende a autonomia absoluta dos mercados e da especulação financeira” (EG n. 56, n. 202), não a “uma corrupção ramificada e a uma evasão fiscal egoísta, que alcançaram dimensões mundiais” (EG n.56), não a uma “globalização da indiferença” (EG n. 54).

A conseqüente promoção da “cultura do descarte” tem transformado a sociedade em uma “sociedade indiferente”. Vive-se uma “globalização da indiferença” (EG n. 54). Em sua visita à pequena ilha de Lampedusa, bem no início de seu pontificado, Francisco fez questão de recordar ao mundo essa indiferença que tem se tornado comportamental, como vemos nesses extratos de sua homilia: “perdemos o sentido da responsabilidade fraterna”; “a cultura do bem-estar torna-nos insensíveis aos gritos dos outros”; “caímos na globalização da indiferença”, “caímos na atitude hipócrita do sacerdote e do levita de que falava Jesus na parábola do Bom Samaritano”, “habitua-mo-nos ao sofrimento do outro, [...] não nos interessa, não é responsabilidade nossa”; “a globalização da indiferença torna-nos a todos ‘inominados’, responsáveis sem nome nem rosto”¹⁹.

A indiferença tem-se tornado a grande marca da contemporaneidade. Questões humanitárias que deveriam incomodar e indignar simplesmente parecem não dizer mais nada. Se há milhões de pessoas passando fome, se há pessoas morrendo de maneira injusta e cruel, isso parece não afetar ninguém. Naturaliza-se a fome, a violência, a indiferença. A própria pandemia da Covid-19 revelou, ao mesmo tempo, o quanto a humanidade é solidária e quanto também é indiferente. Para o papa Francisco, “a pandemia expôs o paradoxo de que, embora

¹⁸ Francisco, em sua encíclica *Fratelli Tutti*, chama atenção para a cultura do relativismo. Segundo ele, “a cultura do relativismo é a mesma patologia que impele uma pessoa a aproveitar-se de outra e tratá-la como mero objeto, obrigando-a a trabalhos forçados, ou reduzindo-a à escravidão por causa de uma dívida. É a mesma lógica que leva à exploração sexual das crianças, ou ao abandono dos idosos que não servem os interesses próprios. (...) É a mesma lógica do ‘usa e joga fora’ que produz tantos resíduos, só pelo desejo desordenado de consumir mais do que realmente se tem necessidade” (FT n. 123).

¹⁹ FRANCISCO. *Homilia*. Santa missa pelas vítimas dos naufrágios. 8 julho 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html. Acesso em: 10 dez. 2022.

estejamos mais interconectados, também estamos mais divididos”²⁰. Segundo ele, há uma “fadiga da compaixão”²¹. A crise contemporânea também é uma crise humanitária²², nossa humanidade está em jogo. Para Francisco, “a crise é um tempo de purificação”²³.

Nessa perspectiva apresentada pelo papa Francisco, até a dor, o sofrimento, se torna algo a ser consumido, um entretenimento, algo que se pode curtir (*like*). Vive-se na cultura do “*like*”. O “*like*” é o analgésico da atual cultura. Tudo “parece um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma” (EG n. 54). Algumas pessoas, inclusive, ficam tristes quando suas postagens não recebem os “*likes*” desejados. Reduz-se o engajamento a um mero “*emoji*”²⁴. Nada deve provocar dor. Dor aqui entendida não somente como algo fisiológico, mas como desconforto provocado pela interação existencial. A dor faz perceber que o outro existe. Sem interação, sem ver, sem tocar essa dor, não se é afetado. O sofrimento não toca mais. Francisco, na citada homilia de Lampedusa, recorda que “somos uma sociedade que esqueceu a experiência de chorar, de ‘padecer com’: a globalização da indiferença tirou-nos a capacidade de chorar”²⁵. Dessa forma, toma-se consciência que compadecer-se com e pelo outro não é uma prática corriqueira da atualidade. Toda condição de sofrimento precisa ser evitada. “A cultura do bem-estar nos anestesia” (EG n. 54). De acordo com o papa,

A crise que estamos a viver neste momento, é uma crise humana. Dizem: é uma crise econômica, é uma crise de trabalho. Sim, é verdade! Mas por quê? Este problema do trabalho, este problema na economia é consequência do grande problema humano. Aquilo que está em crise é o valor da pessoa humana, e nós devemos defender a pessoa humana (...). Hoje a pessoa humana não conta; contam os euros, conta o dinheiro.²⁶

A crise é humana, não é somente econômica ou ecológica. Há uma perda dessa sensibilidade. Falta solidariedade. A indiferença é cruel e não há “secularismo nem ateísmo

²⁰ FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020, p. 77.

²¹ FRANCISCO. O poder e o sagrado. Discurso do Papa Francisco no Cazaquistão. *IHU On-Line*. 15 set. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/622203-o-poder-e-o-sagrado-discurso-do-papa-francisco-no-cazaquistao>. Acesso em: 3 jan. 2024.

²² De acordo com o teólogo mexicano Carlos Mendoza-Álvarez, “no contexto da crise da modernidade instrumental e totalitária [...], a fé cristã se encontraria situada no extremo oposto da afirmação narcisista moderna, dado que fala de descentramento e de negação de si como solução para o enigma da violência” (MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. *O Deus escondido da pós-modernidade: desejo, memória e imaginação escatológica*. Ensaio de teologia fundamental pós-moderna. São Paulo: Realizações, 2011, p. 47).

²³ FRANCISCO, *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*, p. 45.

²⁴ *Emoji* é um pequeno ícone utilizado para representar uma emoção, um símbolo ou um objeto. Normalmente, os emojis aparecem nos aplicativos de comunicação, como os aplicativos das redes sociais e os sistemas de mensagens de texto.

²⁵ FRANCISCO. *Homilia*. Santa missa pelas vítimas dos naufrágios.

²⁶ FRANCISCO. *Discurso à plenária do pontifício conselho para a pastoral dos migrantes e itinerantes*. 24 maio 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130524_migranti-itineranti.html. Acesso em: 9 ago. 2013.

pior que esse”²⁷. A indiferença não pode se tornar um “estilo de vida”. Falta uma “solidariedade desinteressada” (EG n.58). Como conciliar o projeto de Jesus de vida e dignidade para todos nessa realidade? “Como vamos lutar contra a indiferença se não alimentamos nosso pensamento crítico a partir do sofrimento das vítimas”²⁸? Para Francisco:

Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios; já não choramos à vista do drama dos outros nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem que não nos incumbe. A cultura do bem-estar nos anestesia, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas as vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma. (EG n. 54)

1.1.4 Um cenário sombrio?

O diagnóstico de Zigmunt Bauman, Byung-Chul Han e do papa Francisco evidencia uma sociedade contemporânea marcadamente individualista e indiferente. Nessa sociedade, há uma grande tensão nas relações sociais, na vida comunitária e, evidentemente, na vida eclesial. A indiferença se apresenta como estética comportamental do indivíduo moderno. Vive-se uma indiferença global e generalizada. Consequentemente há, também, uma grande ênfase no subjetivismo em detrimento da dimensão plural e comunitária. Além, é claro, do uso excessivo da tecnologia, que paradoxalmente revela que o indivíduo contemporâneo está ao mesmo tempo hiperconectado e desconectado. Nesse atual momento, há uma profunda fragmentação das grandes verdades, perda ou inversão de valores que até então norteavam a nossa vida. “A aparente harmonia de um mundo unificado e coerente está desmoronando”²⁹.

Qualquer grande narrativa não se constitui mais de maneira hegemônica. A pós-modernidade não aceita nenhuma imposição fundamentalista. Como consequência, nenhuma visão ou narrativa unilaterais podem se dar ao direito de ser a única detentora de um sentido absoluto ou totalizante. Qual “verdade” realmente nos libertará? Existem diversas “verdades” e não apenas uma única verdade. Existem inúmeras interpretações da realidade. Assim, tem-se a ascensão de uma cultura plural, difusa, mas ao mesmo tempo rasa. Dissolve-se a concepção do integral, já não é possível um mundo homogêneo. Não se busca mais um fundamento metafísico comum. O horizonte mudou. É um tempo incômodo, mas também com outras possibilidades.

²⁷ FRANCISCO, *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*, p. 61.

²⁸ PAGOLA, José Antônio. *Recuperar o projeto de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 114.

²⁹ PAGOLA, José Antônio. *Anunciar Deus hoje como boa notícia*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 15.

O que fazer diante de tal diagnóstico? Quais são as oportunidades? A grande tentação é justamente acomodar. O horizonte é sombrio e de pouca perspectiva de melhoras. É possível um olhar teológico para além de um olhar meramente negativo? Diante de uma “globalização da indiferença” é possível sonhar com uma “globalização da esperança”? O tempo presente é um tempo propício para novas perguntas e não tanto reforçar as antigas e mesmas respostas. O excesso de diagnóstico tende a gerar uma certa paralisia existencial, social e religiosa. Francisco convida não só os cristãos, mas a toda humanidade, a um olhar contemplativo do tempo presente. Apesar de toda a crise civilizatória e antropológica que a humanidade está atravessando, ainda é possível manter a esperança.

1.2 Leitura teológica do tempo presente

O tempo presente nos permite e exige uma leitura teológica. É nesse tempo que a Igreja está inserida e que ela é chamada a evangelizar. Tal momento presente interpela nossa maneira de crer e nossa ação pastoral. Contudo, todo tempo é tempo de discernimento. O papa Francisco reforça que é importante olhar a realidade com “discernimento evangélico” (EG n. 50). Segundo ele, “não nos seria de grande proveito um olhar puramente sociológico” (EG n. 50) da realidade que somente faz diagnósticos e enumera dificuldades. Tal olhar meramente sociológico pode nos deixar pessimistas e sem esperança. É preciso olhar a realidade “a partir de um olhar contemplativo” (EG n. 71), um olhar de fé que percebe Deus sempre agindo e atuando em nossa história. Como afirma Pagola, “não precisamos cair no pessimismo. A Igreja é uma realidade sempre em gênese”³⁰.

1.2.1 A crise como um paradoxo pascal

Crises fazem parte da existência da humana e da própria vivência da fé. Viver é atravessar várias crises. Todo momento existencial é, de certa maneira, uma experiência de crise. Contudo, a crise é também travessia, encruzilhada, ocasião de novas oportunidades, nascimento e morte, calvário, cruz e ressurreição. Crises são oportunidades de crescimento e amadurecimento. Crises nos modificam e nos tiram da inércia. É preciso fazer perguntas para continuar o caminho. Jesus, ao se aproximar dos discípulos de Emaús, pergunta: “o que

³⁰ PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 63.

discutíeis pelo caminho?”. No caminhar da Igreja nessa sociedade atual, quais são as perguntas que estão sendo colocadas? De qual crise estamos falando?

Para o papa Francisco, “nunca se deve responder a uma pergunta que ninguém fez, nem registrar acontecimentos atuais para despertar o interesse das pessoas” (EG n. 155). Uma Igreja na contemporaneidade é uma Igreja atenta às novas questões contemporâneas. Alguns afirmam: “Jesus é a resposta”, mas qual é a pergunta? É preciso ouvir novas perguntas, e não dar as mesmas velhas respostas. Crise é o momento propício para se ouvir novas perguntas.

Dessa forma, por mais complexa que seja a conjuntura atual, é importante contemplar a realidade com um “olhar pascal”, com uma esperança que acredita no amanhecer de um novo tempo. A crise sempre fez parte da vida da eclesial. As primeiras comunidades nascem em meio a uma grande crise, a crise da cruz e do crucificado, a crise de um grande fracasso. O cristianismo sempre viverá crises. Nesse sentido, recorda Tomáš Halík,

Quando confessamos a fé pascal, em cujo centro está o paradoxo da vitória mediante uma derrota absurda, por que é que temos tanto medo das nossas próprias derrotas – incluindo as demonstráveis debilidades do cristianismo no mundo de hoje? Não estará Deus a nos falar através dessas realidades, tal como falou quando estava vivendo os acontecimentos que comemoramos quando lemos a história da Páscoa?³¹

Uma Igreja que professa a fé pascal não pode temer as crises, isso seria incoerente. A história do cristianismo consiste ora em períodos de crise, ora em períodos de renovação. É preciso se perguntar: o atual momento é só de crise ou também de renovação? “A única religião realmente morta é aquela que não sofre mudanças, aquela que já não está em sintonia com esse ritmo de vida”³². Não se compreende o cristianismo sem crise, sem cruz, sem “ritmo de vida”, sem grito de abandono. É preciso interpretar a atual crise a partir desse “paradoxo pascal”. O cerne do cristianismo é justamente o mistério pascal. O que aparentemente seria um fim, na verdade foi um novo começo. Mais do que nunca, o tempo presente necessita dessa esperança pascal.

Não é preciso uma visão parcial separando a crise social, que é também ambiental e civilizatória, da crise eclesial. É preciso vê-las como um “todo único”. Vivemos uma “crise holística”. O olhar integral enxerga, conseqüentemente, uma única e complexa crise. Tudo que afeta o mundo e a humanidade afeta a Igreja – ou pelo menos deveria afetar. Não é a Igreja e o mundo, mas a Igreja no mundo. O adjetivo “integral”, muito usado pelo papa Francisco, recorda que a crise é global e que interpela todos, pois “tudo está interligado” (LS n. 138).

³¹ HALÍK, Tomáš. *A noite do confessor: a fé cristã num mundo de incertezas*. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 31.

³² HALÍK, *A noite do confessor: a fé cristã num mundo de incertezas*, p. 21.

1.2.2 O irreversível fim da cristandade

A secularização é outra e mesma face da realidade contemporânea. De maneira quase intuitiva, associa-se contemporaneidade e secularização. A secularização pode ser definida como uma consequência da crítica moderna à religião, a partir do processo de laicização da sociedade, dessacralização, ou mesmo como a emancipação da própria sociedade e do ser humano diante das instituições religiosas.

Fenômeno dinâmico da própria modernidade, a secularização apresenta um duplo movimento, tanto de crítica e de perda do sentido das expressões religiosas, como também de ressurgimento e nascimento de novas espiritualidades. Para o papa Francisco, a secularização,

Há muito transformou o estilo de vida das mulheres e homens de hoje, deixando Deus quase no último lugar. Parece que Ele desapareceu do horizonte, que a sua Palavra já não se assemelha a uma bússola de orientação para a vida, para as opções fundamentais, para as relações humanas e sociais. Desde já, porém, há que fazer um esclarecimento: quando observamos a cultura em que estamos imersos, as suas linguagens e os seus símbolos, é preciso estarmos atentos para não ficar prisioneiros do pessimismo e do ressentimento, deixando-nos cair em juízos negativos ou em inúteis nostalgias.³³

O processo de secularização não implica necessariamente a eliminação da religião e de suas instituições, mas sim uma nova configuração e significação. O sujeito contemporâneo vive numa sociedade secularizada, porém não necessariamente atea. Ainda não foi constatada a “morte clínica do cristianismo”, apesar de serem visíveis os sinais de sua “falência”. A secularização ainda não banuiu totalmente a fé do horizonte. Contudo, há uma “quebra” na pretensão da religião em ditar comportamentos para toda a sociedade, uma perda de referencialidade pública e universal. A religião passa a ser algo de foro íntimo, os espaços se tornam distintos e separados entre público e privado. A religião, no caso, restringe-se ao espaço privado. A religião não possui, hoje, a centralidade hegemônica como em tempos passados.

De fato, a sociedade contemporânea não tem dado indícios do desaparecimento do sentido religioso nem das religiões. Algumas instituições, dentre elas a Igreja Católica, perdem gradativamente a hegemonia e o poder de influência na sociedade, mas crenças e práticas religiosas (antigas ou novas) permanecem na vida das pessoas, às vezes assumindo novas

³³ FRANCISCO. *Viagem apostólica do Papa Francisco ao Canadá*. Vésperas com os bispos, os sacerdotes, os diáconos, os consagrados, os seminaristas e os agentes da pastoral. 28 julho 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220728-omelia-vespri-quebec.html>. Acesso em: 16 nov. 2022.

formas institucionais ou, outras tantas, levando a grandes explosões de fervor religioso – até infantis em certos momentos.

É insustentável, mesmo em países europeus onde a secularização é muito forte, que a fé religiosa tenha desaparecido totalmente da sociedade. Percebe-se, na verdade, um movimento contrário, uma explosão de um pluralismo religioso muito diversificado. É notória, dessa forma, a ambivalência da sociedade pós-moderna. A secularização não é sinal de perda da expressão religiosa. Uma realidade não nega a outra. Não vivemos num tempo de fé homogênea e inquestionável, mas também não estamos num tempo de “superioridade ateia”. De acordo com Tomáš Halík,

A religião no sentido de *religio*, a força integradora da sociedade, não está desaparecendo, mas esse papel não é mais desempenhado pela fé cristã. Outros fenômenos estão se tornando a “linguagem comum” das sociedades modernas. No entanto, após o rompimento com a religião no sentido de *religio*, a fé cristã não se tornou não religiosa, mas foi gradualmente incorporada a outra forma de religião – aquela criada pela cultura secular dos tempos modernos.³⁴

Todavia, se a sociedade contemporânea ocidental ainda não é totalmente arreligiosa, ela é uma sociedade que se descristianiza rapidamente. Essa descristianização afeta diretamente a vida eclesial e pastoral da Igreja. Por que razão o cristianismo está perdendo o seu poder de atração? “É inquestionável que a nova sociedade está se distanciando progressivamente da tradição cristã.”³⁵ Inclusive, já é possível afirmar que, em muitos lugares, a sociedade contemporânea se apresenta como “sociedade pós-cristã”³⁶, no sentido de que a sociedade, pelo menos uma grande maioria, não se configura mais seguindo os princípios de uma gramática cristã. Progressivamente, o cristianismo está sendo remetido a uma “lateralidade submersa”, periférica, à margem da sociedade e sua voz tem, cada vez menos, relevância.

Se o cristianismo atualmente se apresenta como pouco atraente, que caminho seguir? Não vivemos mais como os nossos pais. A crise que por ora afeta o cristianismo é justamente

³⁴ HALÍK, Tomáš. *O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar*. Petrópolis: Vozes, 2023, p. 85.

³⁵ PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 61.

³⁶ O teólogo e frade dominicano Dominique Collin afirma que “tudo à nossa volta não se passa como se o cristianismo nunca tivesse existido? Não há mais cristãos: esta poderia ser um dia a constatação da extinção do cristianismo, pelo menos entre nós. De fato, ele parece cada vez mais condenado a ocupar apenas uma zona marginal da sociedade. Por certo os cristãos não incomodam, mas já não são levados a sério. O cristianismo está se tornando uma espécie de ‘reserva natural’ que muitas vezes até não existe mais. Já há cristãos: este talvez seja, afinal, o sentido de uma tese que continua nos surpreendendo. Significa que um cristianismo original é possível em qualquer época. A nossa sociedade ‘incristã’ não é um obstáculo maior à possibilidade do cristianismo do que eram épocas consideradas ‘cristãs’. (...) Para aqueles que pressentem que o Evangelho não disse sua última palavra ou ainda aqueles que, desconfortáveis em sua existência, aspiram a enfim existir, pode ser que o cristianismo futuro seja bem mais promissor do que todas as nossas projeções de um futuro bastante desesperador” (COLLIN, Dominique. *O cristianismo ainda não existe: entre projetos inexistentes e a prática do Evangelho*. Petrópolis: Vozes, p. 10).

a da sua relevância. É cada vez maior o número de pessoas que não frequentam a Igreja e nem se sentem obrigadas a frequentar, e muito menos se deixam conduzir por suas orientações. Ciente desses desafios inúmeros desafios, o papa Francisco propõe uma nova evangelização. Para ele, a nova evangelização se realiza em três âmbitos: o da pastoral ordinária, o das pessoas batizadas que não vivem as exigências do batismo e o do anúncio do Evangelho para os que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre o recusaram (EG n. 14). Para tal, Francisco convida a Igreja a uma transformação missionária, ou seja, que a Igreja se torne verdadeiramente uma comunidade evangelizadora, pois “a alegria do Evangelho que enche a vida da comunidade dos discípulos é uma alegria missionária” (EG n. 21), o que a conduz a uma renovação inadiável (EG n. 27). Segundo Francisco, é preciso “percorrer novos caminhos, com coragem, sem petrificar-nos!”³⁷.

1.2.3 No pós-otimismo, o possível ressurgimento da esperança

A calma e o otimismo que o racionalismo ingênuo proporcionava aos nossos ancestrais quase desapareceram completamente. A eclosão de novos problemas, novas dimensões da realidade, leva a mudanças contínuas de paradigmas e ao fascínio do ceticismo quanto ao conhecimento humano da verdade.

Hoje, tem-se consciência da historicidade da existência humana e de suas conquistas, talvez sem precedentes na história da humanidade. As previsões são constantemente reformuladas à medida que novos dados chegam e novas perguntas surgem, e o que antes era óbvio e aceito por todos agora é objeto de risco. A grande promessa de felicidade anunciada pela modernidade não se comprovou. Em poucos anos, passamos do otimismo para a decepção.

Para o teólogo checo Tomáš Halík, a sociedade contemporânea pode ser definida como sociedade “pós-otimista”³⁸. O excesso de otimismo prometido pela sociedade moderna provocou justamente o inverso, um grande pessimismo. A sociedade pós-otimista é caracterizada por uma perspectiva mais realista e crítica em relação ao futuro. Em vez de seguir o otimismo excessivo das décadas passadas, essa sociedade deve encarar de frente os desafios globais, como a mudança climática, a desigualdade econômica e a instabilidade política. A

³⁷ FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a promoção da nova evangelização*. 14 outubro 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/> Acesso em: 13 jan. 2023.

³⁸ HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: retorno da religião em tempos pós-otimistas*. Petrópolis: Vozes, p. 10.

abordagem pós-otimista busca soluções práticas e realistas para esses problemas, valorizando a colaboração internacional e a responsabilidade social.

O otimismo torna uma grande porcentagem de pessoas ingênuas, passivas e irrealistas. O ingênuo acredita que tudo acontecerá do jeito certo, mesmo sem qualquer base para se apoiar. O passivo, por sua vez, espera os resultados positivos chegarem até ele, sem esforços. O irrealista, por sua vez, ignora a realidade e acredita que fatos ruins só acontecem com os outros. Segundo Halík,

Vivemos uma falência do otimismo moderno, dessa confiança ingênua no poder do desenvolvimento científico e tecnológico, que afasta rápida e facilmente todos os obstáculos em sua via expressa e pretende nos levar para uma civilização cada vez mais perfeita e agradável.³⁹

Na verdade, o otimismo é uma convicção ingênua de que tudo “está muito bem”, mesmo sabendo que não está. É uma tendência quase infantil de acreditar que como humanidade e sociedade estamos cada vez melhores, e que, se no momento presente ainda não vivemos no “melhor mundo possível”, a curto prazo é possível alcançar esse ideal, mesmo que a realidade diante dos olhos mostre o contrário. Vive-se uma ilusão da realidade. Por isso se está sempre adiando as urgentes mudanças. Chegará o momento em que a situação poderá se tornar irreversível. Segundo a fé cristã, esta é uma esperança “falsa”. Em muitas circunstâncias, a palavra esperança desapareceu de nossa vida cotidiana.

Consequentemente, a sociedade contemporânea vive também uma profunda crise de esperança. Crescem o ceticismo e o pessimismo. Obviamente, otimismo e esperança não são sinônimos. A esperança é exatamente o oposto do otimismo, sobretudo, a esperança cristã. A esperança cristã é uma esperança pascal. Sem uma fé pascal, a esperança cristã não se sustenta. O cristianismo não sobrevive sem a esperança pascal. É possível viver sem fé, mas é difícil viver sem esperança. A vida sem esperança seria insuportável. Até mesmo o ateu tem alguma esperança que o ampara. Segundo o papa Francisco,

A esperança não desilude. O otimismo engana, a esperança não! Precisamos muito dela nesta época que parece obscura, na qual às vezes nos sentimos perdidos diante do mal e da violência que nos circundam, perante a dor de tantos nossos irmãos. É necessária a esperança! Sentimo-nos confusos e até um pouco desanimados, porque nos descobrimos impotentes e temos a impressão de que essa obscuridade nunca acaba.⁴⁰

³⁹ HALÍK, *Não sem esperança*: retorno da religião em tempos pós-otimistas, p. 11.

⁴⁰ FRANCISCO. *Audiência geral*. 7 dezembro 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161207_udienza-generale.html Acesso em: 12 set. 2023.

A crise contemporânea é, de certa maneira, uma crise de esperança. Otimismo é uma linguagem do mercado capitalista, terapêutica. A esperança é uma virtude teológica. Para o cristão, todo tempo será tempo de esperança, mesmo os tempos mais difíceis. A fé cristã nunca será um otimismo desengajado. Na cruz de Cristo, não há lugar para o otimismo ingênuo. Sem a esperança pascal, seria insuportável contemplarmos o Cristo crucificado. A Igreja tem diante de si uma humanidade que perde gradativamente a esperança.

De acordo com o papa Francisco,

Para nós, cristãos, o futuro tem um nome e este nome é esperança. Ter esperança não significa ser um otimista com ingenuidade, que ignora o drama do mal da humanidade. A esperança é a virtude de um coração que não se fecha na escuridão, não se limita ao passado, não se deixa levar pelo presente, mas sabe ver o amanhã. A esperança é a porta aberta para o futuro. A esperança é uma semente de vida humilde e escondida, mas que no entanto, com o passar do tempo, se transforma numa árvore frondosa; é como o fermento invisível, que faz levedar toda a massa, que dá sabor à vida inteira. E ela consegue fazer muito, porque é suficiente uma única e pequena luz que se alimenta de esperança, para que a escuridão deixe de ser completa. É suficiente um único homem para que haja esperança, e tu podes ser aquele homem. Depois há outro “tu” e outro “tu”, e então tornamo-nos “nós”. E quando existe o “nós” tem início a esperança? Não! A esperança começa com o “tu”. Quando existe o “nós”, começa uma revolução.⁴¹

No entanto, paradoxalmente, essa nova realidade pós-otimista em que se encontra a humanidade é uma grande oportunidade para a fé cristã. A maior ameaça à fé cristã não é o ateísmo, e sim o “indiferentismo religioso” diante da carência de uma mensagem que ajude a manter a esperança. Pelo olhar otimista, a fé cristã não carrega sentido nenhum. O cristão dessa sociedade vive um cristianismo descompromissado e incoerente, sem ter diante de si o crucificado. Para Tomáš Halík:

Existe “uma versão religiosa do otimismo”, que consiste justamente em apoiarmo-nos num encenador consagrado que nos livra dos nossos problemas como um *deus ex machina*, porque, afinal de contas, nós temos ferramentas fidedignas (basta-nos acreditar com todas as nossas forças, e realizar cruzadas de oração) mediante as quais podemos induzi-los a satisfazer os nossos pedidos de forma infalível.⁴²

A profunda experiência cristã contemporânea não se sustentará por caminhos ingênuos e infantis. Uma crença associada a pequenas medalhas e amuletos, milagres, prosperidade e promessas não se sustentará. A própria eucaristia é mais adorada do que comungada. Esse “deus

⁴¹ FRANCISCO. *Mensagem vídeo para o encontro internacional TED em Vancouver*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170426_videomessaggio-ted-2017.html. Acesso em: 27 nov. 2023.

⁴² HALÍK, *A noite do confessor*: a fé cristã num mundo de incerteza, p. 19.

da riqueza” preconizado por muitos não passa de um deus do mercado. Essa crença florescente explora o sujeito e o torna infantil e imaturo. É interessante o tanto que esse deus atrai justamente os mais pobres e os mais ricos. Os extremos. Uma fé otimista tende a nos afastar da cruz e dos crucificados de nosso tempo.

Desta forma, é importante fazer a travessia de uma fé herdada, imposta e obrigatória, para uma fé assumida, comprometida e vivida no mundo. É claro que novos tempos exigem uma “nova gramática” capaz de ajudar nessa travessia, por isso expressões como “iniciação cristã”, “querigma”, “mistagogia”, dentre outras, refletem os esforços de uma Igreja atenta às urgências do atual momento histórico.

Ao ver-se imerso nessa crise de credibilidade, o cristianismo se vê forçado a repensar a sua linguagem e características tradicionais com o objetivo de se legitimar e, ao mesmo tempo, dar respostas às questões coletivas e individuais, ou mesmo propor uma imagem coerente com o contexto atual. A secularização, ao contrário do que se pensava, ao invés de decretar a morte da religião, forçou-a a mudanças urgentes, produzindo assim sua fragmentação: o pluralismo religioso.

1.3 Que Igreja para um mundo em crise?

Uma Igreja encarnada no mundo em constante mudança é uma Igreja que não está imune às adversidades do tempo, não vive uma realidade paralela, portanto, sofre as intempéries do tempo presente. A Igreja “é um fragmento da sociedade, uma parte pequena do mundo. Os seguidores de Jesus somos cristãos, entretanto, ao mesmo tempo, somos cidadãos desta sociedade em crise”⁴³.

A Igreja é feita de pessoas, não se pode esquecer disso. A Igreja não é constituída por anjos. Pessoas experimentam crises, angústias, anjos não. A Igreja é uma realidade humano-divina, santa e pecadora, ou seja, uma Igreja de paradoxos. De acordo com o teólogo pastoralista Agenor Brighenti:

O mundo é constitutivo da Igreja. Não é o mundo que está na Igreja, mas é a Igreja que está no mundo. O Povo de Deus peregrina no seio de uma humanidade toda ela peregrinante. E o destino do Povo de Deus não é diferente do destino de toda a humanidade. E tal como na sociedade atual em relação à modernidade, também na Igreja há dificuldades em situar-se em nosso novo tempo, para interagir com ele, e,

⁴³ PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 66.

sobretudo, há dificuldades de aprender e enriquecer-se com as novas realidades emergentes.⁴⁴

A Igreja está inserida na sociedade de seu tempo e é a essa sociedade e realidade que a Igreja precisa anunciar o Evangelho. É preciso tomar cuidado para que o anúncio do Evangelho como Boa-Nova não seja anacrônico, descontextualizado, com uma linguagem que não se adeque à realidade. É fato que a Igreja, com certa frequência, teve e tem dificuldade em dialogar com o mundo. Por vezes, as lideranças eclesiais falam para um mundo que não existe mais. É urgente diminuir esse descompasso. É preciso ter consciência de que o horizonte se alterou.

Percebe-se que a pós-modernidade expôs a fragilidade pastoral da Igreja. É urgente rever métodos, linguagem e postura perante a realidade. A crise atual desafia a Igreja a um novo nascimento, à “urgência de se arriscar” e despertar-se para a “criatividade”, ou seja, a crise desafia a Igreja a uma profunda conversão. Uma Igreja que não muda, mantendo a mensagem original, será uma Igreja que não conseguirá despertar a fé em ninguém. Tanto o modo de crer quanto também de descrença se alteraram. Segundo a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II:

A Igreja deve, em toda as épocas, perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para ser capaz de oferecer, de forma apropriada ao modo de ser de cada geração, respostas às grandes questões humanas a respeito do sentido da vida presente e futura. É preciso conhecer e compreender o mundo em que se vive, sua índole, muitas vezes dramática, suas expectativas e seus desejos. (GS n. 4)

A *Gaudium et Spes* é enfática, “é preciso conhecer e compreender o mundo que se vive” (GS n. 4). Uma eclesiologia contemporânea que esteja em descompasso com o mundo está fadada ao fracasso. É uma eclesiologia impotente, ineficaz e pouco evangélica. Uma das tentativas da proposta pastoral do papa Francisco, como será possível ver posteriormente, é justamente retomar o compasso entre Igreja e mundo. Francisco tem consciência que há no mundo relações novas a se redescobrir. É preciso ler “sinais dos tempos” e “abrir novos horizontes para a vida de fé”, com esperança e não com “pessimismo trágico”. Para Tomáš Halík, “o grande desafio do Cristianismo é, pois, o de encontrar a sua voz neste concerto cultural. Daí que o rigor doutrinal, a exigência moral, a influência social ou a pureza litúrgica não podem ser as grandes questões da Igreja hoje”⁴⁵.

⁴⁴ BRIGHENTI, Agenor. Discernir a pastoral em tempos de crise. In: MORI, Geraldo Luiz (org.). *Discernir a pastoral em tempos de crise: realidade, desafios, tarefas: contribuições do 1º Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2022, p. 35.

⁴⁵ HALÍK, Tomáš. *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 13.

Quais são de fato as grandes questões para a Igreja hoje? Justifica-se ainda esse rigorismo doutrinal, essa exigência moral tão distante das novas descobertas científicas, essa liturgia pautada por esse purismo em que poucos se sentem realmente convidados e dignos a participar? Tal postura diante do atual contexto afasta cada vez mais as pessoas que não se sentem acolhidas e amadas. Contudo, para José Antônio Pagola,

O cristianismo é muito mais do que ele ofereceu nos últimos séculos. O Jesus a ser anunciado pode ser uma surpresa para a sociedade que está emergindo. Mas é preciso, a partir do interior dessa Igreja em crise, acreditar na presença viva de Cristo no meio da história e voltar ao Evangelho como “Palavra inaugural”.⁴⁶

A sociedade pós-moderna, com todas suas grandes propostas de felicidade e de realização, não consegue oferecer respostas às grandes questões que ainda ocupam o coração humano. Diante dessa busca por respostas que deem sentido à vida e ao viver, qual é relevância do cristianismo? O Evangelho ainda é uma boa notícia? O tempo presente é um convite a olhar para fora e contemplar novos horizontes. Uma Igreja com o olhar voltado para a realidade, que se deixa interpelar por todos os acontecimentos e tem consciência dos desafios que o mundo lhe coloca é a Igreja sonhada por Francisco. Uma eclesiologia do tempo presente mantém os olhos fixos no mundo e no projeto de Jesus.

1.3.1 A fé cristã numa sociedade plural

A descrença nas chamadas religiões tradicionais, resquício da modernidade, fez emergir novos movimentos e tendências religiosas profundamente subjetivas. O pluralismo religioso é reflexo e consequência da fragmentação característica da sociedade pós-moderna. Consequentemente, essa fragmentação enfraqueceu o cristianismo diante da diversidade de oferta de visões de mundo e além-mundo. O pluralismo religioso e a perda hegemônica das chamadas religiões tradicionais convidam a entrar em diálogo com aquele que pensa e crê diferente. O diálogo inter-religioso, a convivência com o diferente, sobretudo em tempos de polarização, se apresentam como um grande desafio.

O pluralismo religioso não é uma ameaça à Igreja, pelo contrário, é uma oportunidade para o diálogo e a convivência fraterna. O papa Francisco destaca, na *Evangelii Gaudium*, que “a diversidade é bela” (EG n. 230). Uma teologia e pastoral lúcida são dialogais, marcadas pelo encontro com o diferente. O diferente não é uma ameaça. Outras diversas expressões religiosas

⁴⁶ PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 62.

também fornecem respostas sobre o sentido da vida, o sofrimento e a morte. É preciso superar a lógica exclusivista do *extra ecclesiam nulla salus* (não há salvação fora da igreja). A Igreja pode ser, de fato, caminho de salvação, mas não é o único.

Nota-se um processo de pluralização religiosa, de multiplicação das opções religiosas existentes, com a liberdade de escolher aquela que mais atrai. Cada um se sente livre para compor a sua própria experiência religiosa, inclusive tomando elementos de diversas expressões religiosas. Partindo da perspectiva apresentada por Bauman, a própria vivência religiosa é líquida, da “mobilidade de pertencas”, da “fluidez das identificações”, o que torna o pertencimento a uma determinada comunidade extremamente difícil.⁴⁷

Há um aumento da adesão a formas de religiosidade que não necessariamente implicam o pertencimento a uma igreja, ou na aceitação de uma doutrina definida com clareza e rigor. Muitos, inclusive, preferem viver um cristianismo sem pertencimento a uma determinada comunidade ou uma vivência sacramental da fé – “Deus sim, igreja não”. É possível ser cristão sem o pertencimento a uma comunidade de fé? Multiplicam-se, paradoxalmente, os religiosos sem religião, os que buscam símbolos e crenças em vários espaços e tradições espirituais para tecer suas sínteses religiosas pessoais. Alguém pode crer em Jesus Cristo e na reencarnação sem se sentir culpado, mesmo ouvindo a Igreja dizer o contrário.

Diante desse cenário plural, quais são os desafios que se apresentam para o cristianismo e para a ação pastoral da Igreja? Como ser cristão diante dessa diversidade religiosa? Qual é o lugar do cristianismo nessa nova configuração? No fundo, trata-se de repensar uma eclesiologia a partir do “coração do Evangelho”, recuperar a sua simplicidade, profundidade, mas, sobretudo, a sua fragilidade, “este tesouro, nós o carregamos em vasos de argila” (2Co 4,7).

Um dos temas recorrentes nas reflexões do papa Francisco é a “Igreja autorreferencial”. Francisco tem consciência que não se vive mais em um regime cristão guiado pelo exclusivismo eclesiástico de uma instituição que se vê como o único meio de salvação. Uma igreja autorreferenciada é uma igreja fechada, é uma igreja que se distancia do mundo e das pessoas. Uma igreja autorreferencial é uma igreja que teme o mundo e seus desafios e o pluralismo religioso como oportunidade de diálogo.

⁴⁷ Segundo Danièle Hervieu-Léger, “a figura por excelência do homem religioso, sobretudo, no contexto cristão, continua a ser a figura estável e claramente identificável do ‘praticante’, e é em referência a ele que se elabora mais frequentemente a descrição da paisagem religiosa. É em relação a esse modelo de fiel que se continua a perceber praticantes episódicos ou ocasionais ‘festivos’ e ‘não praticantes’, etc. Esta escala de práticas não serve para medir a intensidade da crença: sabe-se muito bem que existem crentes não praticantes. Mas ela continua a servir para mensurar as formas de pertença” (HERVIEU-Léger, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 81).

1.3.2 Pertencimento ou experiência: um cristianismo para o tempo presente

Como acenado anteriormente, o advento da pós-modernidade e o nascimento de uma sociedade secular decretou o fim de uma sociedade que se deixa conduzir somente pela fé cristã. Ninguém mais se sente obrigado a ser cristão. A Igreja não é mais uma instituição “disciplinar” e inquestionável. O atual cenário desconstrói toda forma de pretensão universal, seja do próprio cristianismo ou qualquer outra denominação religiosa. Não se vive mais num tempo de fé homogênea, aqui talvez esteja o ponto nevrálgico da ação pastoral da igreja na contemporaneidade.

Paradoxalmente, esse enfraquecimento pode ser mais do que uma ameaça para a Igreja. O problema é muito mais profundo do que simplesmente a perda de poder. “A crise pela qual estamos passando está realmente nos levando a um novo começo”⁴⁸. Para viver tal momento não como uma ameaça, mas como uma oportunidade, a Igreja é chamada a uma profunda conversão. Francisco tem consciência de que a Igreja precisa sempre de conversão e em seu pontificado a está sempre convidando para repensar o sentido de seu estar no mundo. Sem essa coragem a viver uma nova eclesiologia que está muito além de um mero pertencimento, a Igreja dificilmente conseguirá encontrar o seu lugar no mundo. Assim como o mundo, a Igreja também está sempre em gestação.

Diante dessa nova configuração, a fé cristã só pode ser contemplada como uma proposta, ou, na linguagem de Francisco, um “estilo de vida”⁴⁹ (EG n. 169). A própria expressão “cristandade” acabou desgastando a essência do cristianismo. Desvincular o cristianismo da ideia de que é uma “religião” fundada por Jesus não é uma tarefa fácil, mas urgentemente necessária. “O cristianismo atual tal como é percebido por muitos não tem nenhuma atratividade”⁵⁰. O cristianismo que muitos teimam em sustentar perdeu a capacidade de atração. É necessário “voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho” (EG n. 11), como propõe o papa Francisco.

O cristianismo não é essencialmente “um sistema de textos dogmáticos” e de normas, mas um método, um caminho, um itinerário, um “projeto de vida”. Quem o aceita é chamado a viver à maneira de Jesus de Nazaré. “Seguindo o caminho percorrido por Aquele que não

⁴⁸ PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 29.

⁴⁹ Segundo o teólogo André Fossion, “houve um tempo em que a fé era transmitida por si mesma. Nascer e se tornar cristão caminhavam juntos (...). Hoje, ao contrário, em razão do desenvolvimento cultural da humanidade, a adesão de fé passa por uma exigência de liberdade e de inteligência” (FOSSION, André. *O Deus desejável: proposição da fé e iniciação*. São Paulo: Loyola, 2015, p. 59).

⁵⁰ PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 71.

escapou da escuridão do Getsêmani, da Sexta-feira Santa, nem da descida aos infernos”⁵¹. Ninguém nasce cristão, torna-se cristão por meio de um compromisso pessoal. Segundo o papa Francisco:

Não podemos ignorar que, nas últimas décadas, produziu-se uma ruptura na transmissão geracional da fé cristã no povo católico. É inegável: muitos se sentem desiludidos e deixam de se identificar com a tradição católica; cresceu o número de pais que não batizam seus filhos nem os ensinam a rezar; e há certo êxodo para outras comunidades de fé. Algumas causas dessa ruptura são a falta de espaços de diálogo familiar, a influência dos meios de comunicação, o subjetivismo relativista, o consumismo desenfreado que o mercado incentiva, a falta de cuidado pastoral pelos mais pobres, a inexistência de um acolhimento cordial nas nossas instituições, bem como a dificuldade que sentimos em recriar a adesão mística da fé num cenário religioso pluralista. (EG n. 70)

Francisco chama a atenção para um certo desencanto que conseqüentemente provoca um afastamento parcial ou total da comunidade cristã. Qual seria a raiz desse desencanto? Por que muitos abandonam a Igreja e procuram em outras comunidades aquilo que nela não encontram? Francisco, ao elencar as causas desse êxodo, é bem enfático: falta cuidado pastoral, sobretudo, pelos mais pobres, falta acolhimento cordial nas nossas instituições, falta recriar a adesão mística da fé (EG n. 70). A pergunta é: por que falta?

O Deus cristão é um Deus que se pode buscar, desejar conhecer e que pode dar um novo sentido à existência. Contudo, tal experiência é sempre mediada, passa pela experiência que outros também fizeram, por isso, a importância da comunidade como lugar da experiência do amor de Deus. Viver o Evangelho é caminhar pelas estradas de Jesus. “Um cristianismo sem relação viva com Jesus não tem futuro”⁵². O grande desafio para um cristianismo contemporâneo – que não precisa ser necessariamente “modernista” – é ser lugar que desperte o desejo de experimentar o Cristo. Para o papa Francisco, muitos cristãos inclusive precisam “renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo” (EG n. 3). Toda ação pastoral precisa provocar esse encontro com o Cristo. A Igreja precisa ser lugar de encontro, e não simplesmente uma instituição apegada ao poder.

A fé cristã consiste em descobrir “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG n. 36). Nenhuma secularização ou niilismo pode tirar a “beleza do amor salvífico de Deus” (EG n. 36). Francisco tem consciência de que algo tem ofuscado a beleza da mensagem cristã. Evidentemente, não está se referindo à beleza estética.

⁵¹ HALÍK, *A noite do confessor*, p. 20.

⁵² PAGOLA, *Recuperar o projeto de Jesus*.

A pergunta é justamente: o que tem ofuscado essa beleza salvífica dentro da própria Igreja? O que tem roubado essa beleza eclesial?

A questão seria somente de ordem doutrinal ou seria mais uma questão de linguagem? Uma linguagem descompassada com o momento presente pode ser trágica. “Hoje parece predominar em nós uma concepção excessivamente doutrinal da evangelização”⁵³. A transmissão tem a ver com um Deus que acontece em mim e no encontro com o outro, e não com a transmissão de um pesado conteúdo. Sem esse encontro profundo e pessoal com Jesus, o mero ensinamento doutrinal, entendido como conjunto de normas, mandamentos e dogmas, dificilmente despertará a fé no sujeito contemporâneo. De acordo com José Antônio Pagola:

Temos que fazer a passagem de uma Igreja grande, segura, imutável para uma Igreja débil, vulnerável, que sofre e que está em crise ela também, e que por isso pode acompanhar a partir de dentro a sociedade moderna. A muitos a Igreja lhes aparece como uma instituição que só se dedica a ensinar, a julgar e a condenar. O homem moderno em crise necessita conhecer uma Igreja que saiba acolher, escutar e acompanhar.⁵⁴

Pagola chama atenção para três verbos que são muito ressonantes na teologia eclesial do papa Francisco: “acolher, escutar e acompanhar”. Tais verbos praticamente resumem todo o projeto de Jesus de Nazaré. Jesus é o mestre da acolhida, da escuta e do acompanhamento. “O estilo de Jesus é diferente: alivia a dor, oferece o perdão, expulsa o mal, desperta a confiança, (...), mas não prende ninguém a si mesmo”⁵⁵. Francisco insiste na necessidade de uma urgente conversão que perpassa também os afetos.

De nada adianta falar de um Jesus que não se revela nos gestos. É a vida que precisa falar de Jesus de Nazaré. Gestos sempre falarão mais do que palavras. De acordo com Agenor Brighenti,

A fé cristã não consiste simplesmente em um novo modo de ver, mas de agir. O cristianismo é um comportamento, um compromisso de conversão pessoal e de transformação da sociedade, segundo os desígnios de Deus. Consequentemente, a evangelização é caminho de uma conversão, que abrange mais do que uma mudança pessoal e do coração.⁵⁶

Não existe fé cristã sem testemunho. Há uma certa carência de autênticos testemunhos evangélicos. Fala-se de um Cristo “sem carne”. “O ponto de chegada da evangelização não é a

⁵³ PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 89.

⁵⁴ PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 67.

⁵⁵ PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 136.

⁵⁶ BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*. Petrópolis: Vozes, 2021, p. 104.

Igreja. Esta não se anuncia, antes aponta para o Cristo”⁵⁷. Causa um certo espanto quando alguém diz que se afastou da Igreja porque não se encontrou com o Cristo. Se por vezes o Cristo está ausente de nossas Igrejas é porque falta testemunho. Nesse sentido, para José Antônio Pagola, “o que faz com que a experiência cristã vá se comunicando de geração em geração são as ‘pequenas testemunhas’, simples discretas, conhecidas somente em seu entorno, pessoas profundamente boas e cristãs”⁵⁸.

Onde estão as pequenas testemunhas de nosso tempo? Aqueles e aquelas que vivem o Evangelho sem alarde, muitas vezes à margem da sociedade e da própria Igreja. “A simplicidade tem a ver com a linguagem utilizada” (EG n. 158). Talvez falte simplicidade hoje ao falar de Jesus de Nazaré. Por que algumas pessoas são encantadas com o papa Francisco? Porque a simplicidade é a sua grande marca. Uma simplicidade tanto no agir como no falar. Ao mesmo tempo, tal simplicidade também gera resistência.

A pergunta de Jesus aos dois discípulos de João Batista no evangelho de São João é uma pergunta profundamente contemporânea: “O que estais procurando?”. O sujeito contemporâneo inserido nessa sociedade pós-otimista e em profunda crise de esperança está em busca de algo que lhe dê sentido. Ninguém será discípulo sem antes encontrar o que está buscando. Antes de oferecer algo é importante que a Igreja saiba o que o outro realmente deseja.

Muitos estão na Igreja, ouvem a Palavra, recebem diversos sacramentos, celebram semanalmente e ainda sentem não ter se encontrado com o Cristo. Grande paradoxo ou dilema? O papa Francisco, como veremos adiante, propõe uma Igreja de portas abertas, como via de mão dupla, tanto para entrar como para sair. Talvez seja o momento de procurar esse Cristo além de nossas quatro paredes, procurá-lo no mundo, nas ruas, nos pobres e nas periferias. Mais do nunca, é preciso redescobrir um novo lugar eclesial de ação, uma nova Galileia.

Concluindo esse primeiro capítulo, é inegável que a humanidade e a própria Igreja estão imersas em uma profunda crise. Contudo, crise é, antes, “tempo de passagem”, tempo pascal. Nesse sentido, não bastam somente diagnósticos ou previsões. A realidade é dinâmica, não é possível prever o desenlace de tal crise. Porém, a atual crise é algo que não se pode negar. Apesar disso, é preciso fugir da “ditadura do presente” e crer no amanhecer do novo. Os desafios contemporâneos não podem paralisar e roubar a esperança. Antes, a humanidade, e consequentemente a Igreja, é desafiada a trilhar novos caminhos, avançar para “águas mais profundas”, a fazer travessias.

⁵⁷ BRIGHENTI, *Teologia Pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*, p. 105.

⁵⁸ PAGOLA, *Anunciar Deus hoje como boa notícia*, p. 149.

Como vimos, o tempo presente, mais do que uma época de mudança, apresenta-se também como uma mudança de época, nunca vista na história, que desafia a repensar e rever o nosso modo de vida. O horizonte mudou. O novo sempre assusta, gera medo e insegurança, mas também desinstala. Apesar de tudo, os “sinais dos tempos”, como sinais históricos interpeladores, apontam para a possibilidade de um futuro possivelmente melhor, ainda que escondido, na ambiguidade da história.

A complexa situação contemporânea que, por ora, se apresenta como um tempo não pode roubar a esperança. Segundo Francisco, “os desafios existem para ser superados. Sejam realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança” (EG n. 109). A esperança ainda se apagou do horizonte, não vivemos um tempo de pós-esperança. A história sempre foi marcada por uma sucessão de crises que provocam o encerramento de uma época e inauguram um novo começo. O atual momento histórico não deve ser encarado só como ameaça, mas também como grande oportunidade. Tudo depende de como se vê. Para Tomáš Halík, “qualquer crise é um momento de oportunidade, um momento oportuno (*kairós*)”⁵⁹.

Quais são as questões profundas que o tempo presente tem colocado? Negligenciar novas perguntas é insistir em respostas que não convencem mais ninguém. No momento, mais importante do que dar respostas é preciso ouvir quais são realmente as novas perguntas. A eficácia das respostas, e conseqüentemente a possibilidade de uma nova ação pastoral, dependem justamente desse ouvir. Não ouvir novas perguntas é insistir em respostas que não satisfazem mais ninguém. A Igreja proposta pelo papa Francisco é “discente e docente”, não tem medo de ouvir novas perguntas, e nem se esconde em antigas respostas. A Igreja não pode continuar sendo a mesma num mundo que há muito tempo não é mais o mesmo.

No que tange à Igreja, nesse contexto de “liquidez”, “cansaço” e “efemeridade”, algumas tarefas lhe desafiam diretamente. Dentre as várias, elencamos três. Em primeiro lugar, a crise que a humanidade enfrenta veio para ficar. Diante disso, há uma maior consciência planetária e também uma sociedade pluralista. Nesse cenário multiplural, as novas e pertinentes perguntas apontam para a necessidade de uma nova configuração da própria missão eclesial. Trata-se de encontrar os meios adequados para que a Igreja, ontem e hoje “sacramento do Reino”, continue tendo visibilidade na provisoriedade do tempo presente. Segundo, cabe-se perguntar como a Igreja se compreende nessa sociedade. Como conciliar a experiência originária, sobre a qual o papa Francisco tanto insiste na *Evangelii Gaudium*, e a necessidade de se adequar aos novos anseios? Em outras palavras, o que significa na prática “mudar muito,

⁵⁹ HALÍK, *O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar*, p. 38.

para ser sempre a mesma”? Ou seja, a Igreja de sempre, una, santa, católica e apostólica num mundo em permanente “estado de desapareção”. Terceiro, o “novo fazer”, que exige, conseqüentemente, um novo jeito de ser, advoga a necessidade trazida pelo papa Francisco, de uma renovação pastoral e institucional. É urgente despir-se de toda autorreferencialidade, superioridade e autossuficiência. Como veremos adiante, a reforma proposta por Francisco não é somente institucional, mas também comportamental e vivencial.

2 PAPA FRANCISCO E A CONVERSÃO TEOLÓGICO-PASTORAL

Tendo consciência do atual cenário contemporâneo marcadamente pós-otimista, questionamo-nos: qual é a relevância da proposta teológico-pastoral de Francisco para a Igreja e para a sociedade? Como já acenado, o ponto de partida de nossa reflexão é a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que contém o projeto teológico-pastoral norteador do pontificado de Francisco. Um projeto pastoral que, segundo ele, apresenta-se como uma “nova etapa evangelizadora” (EG n. 1). Qual é a meta e a proposta para essa nova etapa?

A preocupação fundamental que perpassa toda a reflexão contida na *Evangelii Gaudium* é justamente a recuperação do “núcleo original do Evangelho”, em cujo centro está a pessoa de Jesus Cristo e o seu projeto de vida para todos. Francisco insiste, ao longo do texto, que a vida cristã é a experiência de um encontro marcante com o Cristo. Tal encontro confere ao cristianismo uma grande força de atração, mesmo diante da profunda crise de credibilidade que afeta a própria Igreja. Para Francisco, a ação evangelizadora deve ter como prioridade essa capacidade de provocar um encontro com o Cristo. Jesus sempre será “o primeiro e o maior evangelizador. Em toda forma de evangelização o primado é sempre de Deus” (EG n. 12).

A sensibilidade pastoral de Francisco e sua preocupação com a situação da Igreja nos dias atuais percorrem todas as páginas da *Evangelii Gaudium*. É evidente, para Francisco, que não se pode pensar uma eclesiologia contemporânea sem ter diante dos olhos os muitos outros, dentre eles os mais pobres e os descartados. A experiência do encontro com o Cristo passa também por um encontro com os diversos outros de nossa sociedade. Toda ação pastoral de Francisco é um convite a cuidar da vida em todas as suas dimensões, mas, sobretudo, da vida fragilizada. Na proposta do papa, são indissociáveis fé e cuidado com os mais pobres e com a Casa Comum. Desde o início de seu pontificado, Francisco demonstra essa centralidade nos pobres. A humanidade precisa de gestos de misericórdia e compaixão. Profeticamente, ele convida a redescobrir no hoje o Deus que se revela com entranhas de misericórdia e a Igreja como “hospital de campanha”. A proposta pastoral que Francisco propõe é cristocêntrica. Desse modo, propomos neste capítulo uma análise de alguns pontos que reforçam essa proposta de evangelização que passa por atitudes de misericórdia, bem como uma teologia que se revela através de gestos e da capacidade de se compadecer. Francisco é um papa com profundos gestos, aparentemente gestos simples, mas que no fundo revelam também uma profunda eclesiologia, e tal eclesiologia gestual tem muito a ensinar.

2.1 Francisco: nome, periferia e eclesiologia

O seu nome é Francisco. *Nomen est omen*. Nome é missão. Biblicamente, a imposição de um nome tem um significado profundamente teológico. Ainda está gravado na memória de muitas pessoas aquele dia 13 de março de 2013 em que o mundo esperava ansiosamente o recém-eleito papa que substituiria Bento XVI. A grande maioria ficou em choque ao saber que, a partir daquele momento, a Igreja teria à sua frente um papa argentino, do “fim do mundo” e que ainda se chamaria Francisco. Algo até então completamente fora de cogitação. Nenhum dos seus antecessores tinha tomado para si o nome de Francisco. Ficava evidente que São Francisco seria a figura-guia do pontificado de Jorge Mário Bergoglio. Estava claro para o mundo que, a partir daquele 13 de março de 2013, o mundo conheceria um pontificado marcado por uma novidade de estilo.⁶⁰

O cardeal Bergoglio, ao escolher para si o nome Francisco – e deixando claro que se tratava de Francisco de Assis e não o companheiro jesuíta Francisco Xavier – sinalizava a originalidade de um novo estilo eclesial.⁶¹ Quebrou-se uma lógica existente, um novo tempo se iniciava. Quando um papa, numa Igreja em profunda crise, substituindo um papa que renunciou, escolhe para si o nome de Francisco, parece isso um grande paradoxo.

Como pode um papa, que no imaginário popular evoca o poder, escolher para si o nome de Francisco, que é justamente a expressão da mais profunda humildade e amor, sobretudo aos pobres e pequenos? Um paradoxo totalmente improvável até o momento, mas totalmente evangélico e necessário. Começava a gestar um novo jeito de ser papa e de ser Igreja. A grande preocupação de Francisco é o serviço e não tanto o poder. O poder desvinculado do serviço não tem fundamento evangélico e se torna autoritarismo.

No dia 16 de março de 2013, na Sala Paulo VI, dando uma entrevista coletiva aos jornalistas do mundo todo, e com muita simplicidade, o cardeal Bergoglio explicou o significado da escolha do nome Francisco. Disse ele:

⁶⁰ Para Aristide Fumagalli, “a escolha incomum do nome ‘Francisco’, a familiaridade da sua primeira saudação: ‘Irmãos e irmãs, boa noite!’, a autoapresentação como ‘Bispo de Roma’, o pedido da oração ao Senhor, para ser abençoado antes de dar sua bênção, revelaram imediatamente o novo estilo do seu pontificado” (FUMAGALLI, Aristide. *Caminhar no amor*. A teologia moral do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2019, p. 13).

⁶¹ Para Leonardo Boff, “Francisco não é um nome... É um projeto de Igreja, pobre, simples, evangélica e destituída de todo poder (...). É uma Igreja ecológica que chama todos os seres com a doce palavra de irmãos e irmãs” (BOFF, Leonardo. Será a primavera depois de um duro inverno: entrevista com Leonardo Boff. *IHU On-line*. 6 jan. 2017. Entrevista concedida a: Joachim Frank. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/espirtualidade/atendimento-espirtual/563682-leonardo-boff-em-entrevista-o-papa-francisco-e-um-dos-nossos>. Acesso em: 13 jan. 2024).

Quando foi alcançado o número de votos que me faria papa, aproximou-se de mim o cardeal brasileiro Cláudio Hummes, me beijou e disse: “não te esqueças dos pobres”. Em seguida, em relação aos pobres pensei em São Francisco de Assis. Depois pensei nos pobres e nas guerras. Durante o escrutínio, cujo resultado das votações se punha “perigoso” para mim, veio-me um nome no coração: Francisco de Assis. Francisco, o homem da pobreza, da paz, que ama e cuida da criação, um homem que transmite um sentido de paz, um homem pobre. Ah! Como gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres⁶².

O nome Francisco, torna-se um “estilo de vida”⁶³, o programa eclesial e pastoral, capaz de “iniciar processos”, provocar, desinstalar e também incomodar. Francisco de Assis é a “antítese” de qualquer projeto imperial de Igreja, é o avesso. Francisco é um nome que naturalmente está associado a um modo de ser e de existir como pobre, destituído de toda grandeza e poder que se encanta com aquilo que é insignificante e pequeno. “Pequenos, mas fortes no amor de Deus, como são Francisco de Assis, todos nós cristãos somos chamados a tomar cuidado da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos” (EG n. 216).

Num cenário carente de testemunhos autênticos, numa crise eclesial e humanitária generalizada, Francisco não deixa de ser um nome ousado e necessário para a vida da Igreja e do mundo. Um nome que por si só desperta esperança e sensibilidade. Apesar de ser um sinal de contradição, é também um sinal de renovação. Um papa Francisco, no atual momento histórico da Igreja, provoca uma crise urgente e necessária, desestabiliza e convida a mudanças.⁶⁴

Os gestos e as muitas atitudes do papa Francisco, que o acompanham ao longo de seu pontificado, apontam para uma novidade eclesial, uma “primavera eclesial” cuja principal característica é a simplicidade e o compromisso com os mais pobres e os excluídos e com as fontes da vida. É um papa preocupado com a Casa Comum. Um projeto eclesial que naturalmente está associado a um modo de ser e de existir como pobre, com simplicidade evangélica e destituído de todo aparato de poder. Bem antes, Francisco de Assis iniciou uma Igreja peregrina, junto dos excluídos de sua época; criou uma comunidade em que todos eram

⁶² FRANCISCO. *Encontro com os representantes dos meios de comunicação social*. 16 março 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html. Acesso em: 4 fev. 2023.

⁶³ Segundo Aristide Fumagalli, “o modo de habitar a Igreja e o mundo que transparece dos gestos e das palavras do papa Francisco prospecta uma forma teológica mais vivamente expressiva do conteúdo essencial do Evangelho. Correspondendo ao ‘princípio de concordância entre a forma e o conteúdo’, sua teologia não se reduz ao ensinamento doutrinal e exprime, justamente, um estilo de vida” (FUMAGALLI, *Caminhar no amor*. A teologia moral do Papa Francisco, p. 15).

⁶⁴ Para Lúcio Casula, aquilo que anima o papa Francisco “é uma preocupação de caráter essencialmente teológico e cristológico. O que é, na verdade, a evangelização senão o anúncio de Cristo? E qual é o motivo que o impulsiona a se empenhar para a reforma da Igreja, senão o desejo de ter uma Igreja mais aderente à mensagem e ao estilo de Jesus, para que possa cumprir a sua missão de modo mais credível e eficaz?” (CASULA, Lucio. *Rostos, gestos e lugares*. A cristologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2018, p. 13).

designados irmãos e rezavam debaixo das árvores junto com os passarinhos. Era uma “Igreja ecológica”, em que todos os seres vivos eram chamados de irmãos e irmãs.

O papa Francisco, de maneira muito natural, vive também a mesma simplicidade. Paradoxalmente, essa simplicidade parece incomodar muito os sedentos de poder e de prestígio – esse é também o motivo de pouco entusiasmo e não acolhida ao seu modo de ser: “os colecionadores de antiguidades”, como ele diz, o olham com reserva e tecem muitas críticas. Francisco se esforça constantemente para afastar de seu modo de ser e agir tudo que reforça o poder e a autorreferencialidade. Ele tem consciência de que a autorreferencialidade é um pecado grave, algo mundano que pode parecer espiritual, mas não é. O pontífice deixou claro que o seu sonho é “uma Igreja pobre para os pobres” (EG n. 198), uma Igreja simples e pobre no seu jeito de ser e de agir, fora dos palácios e destituída dos símbolos de poder. Uma Igreja que não se esquece da bacia do lava-pés e do serviço.

O pontificado de Francisco pode também ser analisado através de seus gestos e não somente das suas palavras. Na primeira aparição pública após ser eleito papa, já mostrava um novo “modo de pôr-se” e uma nova “linguagem”, inclusive corporal. Normalmente, os papas que o antecederam usavam sobre os ombros a *mozetta*, um tipo de capinha cheia de brocados e ouro. Francisco veio simplesmente vestido de batina branca e ainda com a cruz de ferro que carregava em Buenos Aires. Brocado e ouro não combinam com Francisco. Chamou-se bispo de Roma e disse que quer “presidir na caridade” e não como monarca absoluto, revestido de um poder quase divino como prevê o código de direito canônico (CDC cân. 331). Desde o início de seu pontificado, Francisco já aponta para uma “conversão do papado” (EG n. 32).⁶⁵

São ainda lembrados por muitos aqueles gestos humildes do papa ao pedir que o povo de Deus rezasse e o abençoasse. Só depois, ele abençoaria o mesmo povo de Deus. Ou seja, ele estava ali para servir e não para ser servido. Pediu que o ajudassem a construir um caminho juntos. Um caminho sinodal. Logo no início, abandonou o palácio do Vaticano e foi morar na casa de hóspedes Santa Marta, além de participar das refeições junto com os que ali se hospedam – além do gesto de ir ao hotel em que estava hospedado e pagar a própria conta, a escolha de um carro popular para realizar os seus trajetos etc.

⁶⁵ Para o teólogo espanhol José Maria Castillo, “o importante é que esse novo estilo de vida que Francisco encarna é expressão sensível de uma nova teologia do papado. Uma teologia na qual o central e o determinante já não são o poder, mas sim a humanidade. O que equivale a dizer que o papa Francisco, por sua forma de viver e de falar, dá sinais evidentes de que não tem como preocupação fundamental a ideia teológica da ortodoxia doutrinal e a fidelidade religiosa a dogmas, normas e ritos. A preocupação mais forte de Francisco é, sem dúvida alguma, o projeto humano da bondade, a humanidade, o respeito, a tolerância, a proximidade para com todos aqueles que, pela razão que for, sofrem nesse atormentado mundo em que vivemos” (CASTILLO, José Maria. Papa Francisco e o futuro da Igreja Católica mundial. In: SILVA da, José Maria (org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 118).

Um outro gesto que merece destaque e que pouco foi comentado pela mídia, e que não se trata somente de um simples gesto estético, é que Francisco deixou de usar os tradicionais sapatos vermelhos. Tal gesto também representou uma “ruptura” com o estilo vigente. O comportamento também evangeliza. Francisco não se sente confortável com muitas exclusividades. Francisco é o homem das rupturas. Os seus sapatos simples e surrados apontam para uma Igreja caminhante e desejosa de continuar a caminhar no mundo e com o mundo, em direção às periferias e aos pobres. Bergoglio, como bispo de Buenos Aires, tem os pés calejados por caminhar nas periferias, a sola gasta de seus sapatos mostra um pastor inquieto e não um burocrata. É praticamente impossível compreender Francisco sem os pobres e as periferias de Buenos Aires – Bergoglio sempre deu prioridade a eles. A sua teologia é marcada por uma longa experiência pastoral junto dos pobres e nas periferias. O bispo que se tornaria o papa Francisco sempre foi um “pastor com cheiro de ovelhas”. Os “pontos cardeais” de seu pensamento são frutos de sua experiência eclesial, encarnada nas periferias e junto dos pobres.⁶⁶

Os gestos espontâneos de Francisco são traços marcantes de sua personalidade, e sem dúvida, são gestos que comovem e que carregam uma profunda teologia. As pessoas dificilmente se lembrarão daquilo que falamos, mas jamais se esquecerão daquilo que fizemos. Francisco é um papa com gestos marcantes, sorriso largo, abraço forte e espontâneo. Um papa que se sente gente e que precisa de gente. “Sem gente não posso viver. Preciso de viver a minha vida junto dos outros”⁶⁷. Um papa que se apresenta como humano. Alguém que se reconhece como pecador. Um papa que faz questão de se mostrar e se comportar como um homem comum, que gosta da rua e de afetos, música, assim como o próprio Jesus de Nazaré, que passou a maior parte do seu tempo nas estradas, nas periferias e na vida das pessoas, sobretudo na vida dos pobres e pecadores.

Francisco pratica um magistério carregado de gestos que tocam a vida. Tudo evidencia uma mudança. A originalidade de seu estilo teológico está não somente na linguagem, mas, também, no seu jeito de ser, na sua atenção às crianças, aos idosos, enfermos e pobres. É injusto afirmar que Francisco não tenha uma “teologia robusta” e que ele esteja fora da Tradição.⁶⁸

⁶⁶ De acordo com Lucio Casula, “a cristologia que o papa Francisco prefere não se encontra integral e exclusivamente nos livros, mas está escrita, em primeiro lugar, nos rostos, nos lugares e nos gestos de Cristo e dos homens. Lê-se no rosto dos pobres, nas periferias existenciais e nos gestos de proximidade para com as pessoas que sofrem” (CASULA, *Rostos, gestos e lugares. A cristologia do Papa Francisco*, p. 14).

⁶⁷ SPADARO, Antonio. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*. São Paulo: Loyola, Paulus, 2013, p. 9.

⁶⁸ Para o teólogo Aristide Fumagalli, “a teologia que vigora no magistério de Bergoglio, se comparada aos conceitos tradicionais da doutrina moral, pode parecer menos definitiva. Mas nem por isso é menos teológica. Pelo contrário, na medida em que mira mais diretamente em colher a Palavra que Deus dirige aos homens na sua história concreta, apresenta-se como uma teologia mais radical, no sentido de ser mais próxima da raiz que a alimenta. No estilo teológico de Francisco, ressalta-se mais claramente como é a Palavra viva de Deus, ressoante na vida concreta dos homens, a inspirar e conformar as palavras dos homens sobre Deus. A teologia não é de fato, uma

Evidentemente Francisco carrega as marcas do contexto latino-americano e da teologia do povo, expressão original da teologia argentina, e conseqüentemente a sua teologia está mais voltada para uma ação pastoral do que para uma especulação teórica.⁶⁹ Assim sendo, o pensamento de Francisco tem o seu encanto próprio, mas é também sujeito à crítica como qualquer outro papa ou teólogo. Para o teólogo Tomáš Halík:

Esse papa (Francisco) não muda os padrões escritos, nem destrói as estruturas externas; no entanto, ele transforma a prática e a vida. Não muda a Igreja de fora. Em vez disso, ele a transforma muito mais profundamente – espiritualmente, a partir de dentro. Ele a transforma mediante o espírito do Evangelho; é uma revolução da misericórdia.⁷⁰

Francisco não é um teólogo de “profissão”, a sua teologia não é acadêmica. O fato de ter que substituir o papa Bento XVI, um dos maiores teólogos da Igreja no século XX, geraria naturalmente tais afirmações, mas elas não se justificam. A teologia de Francisco é uma teologia comprometida com as fontes da vida e com o Evangelho. Sem essa centralidade no Evangelho, não é possível compreender a originalidade de sua reflexão e muito menos a sua proposta pastoral. É importante perguntar: de qual teologia o mundo precisa hoje? A teologia de Francisco é, sem dúvida, eclesial, mas não somente. A vida, a luta, as questões sociais e ecológicas, o sofrimento dos mais pobres são também matéria-prima de sua reflexão teológica. Francisco é pastor, e isso diz muito a respeito de sua teologia. Em Francisco, pode-se falar até mesmo de uma “teologia da ternura”. Ao ser perguntado no que consiste a ternura, Francisco responde:

No amor que se torna próximo e concreto. É um movimento que brota do coração e chega aos olhos, aos ouvidos e às mãos. A ternura consiste em usar os olhos para ver o próximo, em utilizar os ouvidos para ouvir o outro, para prestar ouvidos ao grito dos pequeninos, dos pobres, de quantos têm medo do futuro, para ouvir também o clamor silencioso de nossa casa comum, da terra contaminada e doente. A ternura consiste em utilizar as mãos e o coração para acariciar o próximo, para cuidar dele.⁷¹

lógica humana mediante a qual se compreende Deus, tal qual o molde de uma criança pressionado sobre a areia do mar; ela é justamente o *logos* de Deus que se irradia de forma humana, como a flor que desabrocha e se abre ao calor do sol” (FUMAGALLI, *Caminhar no amor: a teologia moral do Papa Francisco*, p.16).

⁶⁹ Segundo Piero Coda, “a teologia do papa Francisco é eclesial e, conjuntamente, existencial, espiritual, querigmática, mística e, ainda social. Uma síntese original e personalíssima, que libera uma grande atração e incisividade, como mostram a alegria e a eficácia que irradia” (CODA, Piero. *A Igreja é o Evangelho*. Nas fontes da teologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, p. 15).

⁷⁰ HALÍK, Tomáš. Um Papa atento aos “sinais dos tempos”. *IHU On-line*. 4 nov. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/604334-um-papa-atento-aos-sinais-dos-tempos-artigo-de-tomas-halik>. Acesso em: 4 nov. 2023.

⁷¹ FRANCISCO, *Mensagem vídeo para o encontro internacional TED em Vancouver*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170426_videomessaggio-ted-2017.html Acesso em: 13 jan. 2024.

Se o papa João XXIII era conhecido como o “Papa bom” e João Paulo I como o “Papa do sorriso”, Francisco, com certeza, é a síntese da bondade de São João XXIII e o sorriso do papa João Paulo I. Francisco é o papa da ternura, amigo dos pobres e pecadores. É inegável que Francisco inaugura um novo tempo e um novo jeito de viver o papado e ser Igreja. Não se trata somente de uma novidade comportamental, mas também de uma novidade teológica e, sobretudo, pastoral, em que o “dogmático” e o “sagrado” se deslocam para o “humano” e o “ético”. Trata-se de uma proposta que se fundamenta na pessoa, na vida e nos gestos de Jesus de Nazaré. Um modelo que, ao possuir o seu centro não na instituição e sim no humano, provoca realmente uma nova “primavera eclesial”.

2.1.1 Num mundo enfermo, uma Igreja “hospital de campanha”

O papa Francisco, ciente e sensível ao sofrimento da humanidade, propõe uma Igreja capaz de se fazer próxima. Uma Igreja que saia da zona de conforto.

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37). (EG n. 49)

Os adjetivos usados por Francisco – “acidentada”, “ferida” e “enlameada” – representam uma Igreja sensível, humana, inquieta, que vai ao encontro das situações de sofrimento da humanidade. São adjetivos de uma Igreja profundamente misericordiosa e compassiva, ciente de sua missão. É uma Igreja que não é indiferente ao sofrimento. Francisco chama atenção para uma “despersonalização da pastoral que leva a prestar mais atenção à organização do que às pessoas” (EG n. 82). Uma Igreja que prioriza mais a organização e a burocracia termina por não priorizar o cuidado com os mais vulneráveis. A excessiva preocupação com a instituição faz esquecer do cuidado com os mais pobres. Aquilo que ultimamente se define como “evangelização” contempla o cuidado com os mais vulneráveis? Se a Igreja existe para evangelizar, ela existe primeiramente para cuidar, curar e consolar. É compreensível a insistência do papa Francisco na *Evangelii Gaudium* sobre a necessidade urgente de uma “salutar descentralização” (EG n. 16) na Igreja.

Hoje, mais do que nunca, é preciso “redescobrir e transmitir a ‘mística’ de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos” (EG n. 87). Uma Igreja que saiba amparar e curar feridas. “Jesus (...) quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros” (EG n. 270). O Evangelho pede gestos de cuidado. Uma Igreja que se encarna na vida das pessoas, de forma especial nas vítimas desse sistema desumano. O papa Francisco, com profunda sensibilidade evangélica, propõe um paradigma eclesial para um mundo ferido e machucado. Segundo ele, o mundo precisa de uma Igreja “hospital de campanha”.

Com essa expressão, ele chama a atenção para uma eclesialidade sensível que tem diante de si uma humanidade “cansada e abatida” (Mt 9,35-36), precisando de cuidado, atenção e carinho. A prioridade pastoral de todas as comunidades deveria ser sempre o cuidado com os fracos e pobres. Não se trata obviamente de descartar a instituição. Trata-se de prioridade. Uma Igreja com gestos e atitudes como os de Jesus de Nazaré, que enxergava a multidão e não lhe era indiferente. Não há nada mais contraditório para o Evangelho do que uma Igreja que anuncia o Evangelho e, ao mesmo tempo, vive indiferente ao sofrimento. Qual é a dor do mundo que toca? Para o papa Francisco, aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é, justamente,

A capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha... As pessoas têm de ser acompanhadas, as feridas têm de ser curadas. As reformas organizativas e estruturais são secundárias, isto é, vêm depois. A primeira reforma deve ser a da atitude. Os ministros do Evangelho devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de saber dialogar e mesmo de descer às suas noites, na sua escuridão, sem perder-se. O povo de Deus quer pastores, e não funcionários ou clérigos de Estado.⁷²

O critério específico para uma Igreja que se afirma como hospital de campanha é deixar-se pautar por uma profunda sensibilidade. Existe uma grande multidão, muito maior do que aquela que acorria a Jesus, que também espera da Igreja um pouco de compaixão. Esperam serem vistos, tocados e curados. A fé cristã é tátil. “Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo prudente distância das chagas do Senhor. Jesus, no entanto, quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros” (EG n. 270).

A fé cristã tem que tocar a vida, “a comunicação de que mais necessitamos é o toque”⁷³. A fé cristã é uma fé ferida. Sem o tato não é possível compreender Jesus de Nazaré. Jesus é um mestre do tato. Os evangelhos estão cheios de toque. Jesus toca e é tocado. “Nascemos para

⁷² SPADARO, *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*, p. 19.

⁷³ FRANCISCO, *Vamos sonhar juntos: o caminho para um mundo melhor*, p. 30.

estar em contato. E não somente em conexão”⁷⁴. É necessário um estilo evangelizador que seja sensível ao sofrimento humano. “O tato é o único sentido que a tecnologia não conseguiu substituir”⁷⁵.

Um olhar sincero e profundo revela uma Igreja carente de toques. Parece que a pastoral não tem braços, a não ser para louvores. Por vezes, contempla-se uma Igreja asséptica, sem toques, sem “sujar as mãos”. Só uma Igreja que se deixa ferir terá condições de curar as feridas do mundo e da humanidade. Para tocar as feridas é necessário diminuir as distâncias, sair, ir ao encontro.

Da mesma forma, para Francisco, “nada pode substituir a interação direta com a complexidade que as experiências dos outros oferecem”⁷⁶. Falar dos pobres à distância é confortável. O desafio que Francisco propõe à Igreja, além de falar dos pobres a partir de seu lugar, da periferia, da fronteira, é estar junto, e isso supõe sair, deslocar-se, sujar-se, enlamear-se. A única condição para que de fato a proposta de Francisco não seja uma utopia é descentrando-se de si mesmo e de seu mundo.

Francisco é insistente para o fato de que a Igreja tem se tornado alheia ao sofrimento. “Deves alargar ainda mais o teu olhar, e abrir ainda mais os teus ouvidos.” (EG n. 190). É preciso ver e ouvir. “Posso olhar uma pessoa de cada vez e ter um contato pessoal com quem está na minha frente. Não estou acostumado com multidões”⁷⁷.

Uma Igreja que se distancia dos pobres e dos “lugares de dor” é uma Igreja que está se esquecendo do Evangelho. Para Jesus, os pobres, os doentes, os descartados eram a sua grande preocupação. A Igreja precisa ter a coragem de se perguntar se o lugar que hoje ela ocupa na sociedade é, de fato, o lugar certo. Existem certos lugares que impedem de ver e sentir a dor da humanidade, lugares que atrofiam. Uma Igreja com os sentidos atrofiados, incapaz de ver e ouvir o sofrimento, é uma Igreja indiferente. “Insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos a carregar as cargas uns dos outros” (EG n. 67).

No fim das contas, para ser uma Igreja como hospital de campanha, a Igreja precisa acolher especialmente os vulneráveis e os que andam em busca de algum sentido para a vida. Ver é não ficar indiferente. Contemplar o sofrimento é se indignar. Para o papa Francisco, “com a dor humana não se pode ficar neutro”⁷⁸. Não existe neutralidade quando se anuncia o

⁷⁴ FRANCISCO, *Vamos sonhar junto*: o caminho para um mundo melhor s, p. 30.

⁷⁵ FRANCISCO, *Vamos sonhar juntos*: o caminho para um mundo melhor, p. 30.

⁷⁶ FRANCISCO, *Vamos sonhar juntos*: o caminho para um mundo melhor, p. 30.

⁷⁷ SPADARO, *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*, p. 6.

⁷⁸ FRANCISCO, *Vamos sonhar juntos*: o caminho para um mundo melhor, p. 30.

Evangelho e se opta preferencialmente pelos pobres. Ou se é solidário ou não. A experiência do cristianismo supõe sempre uma tomada de posição, a escolha de um lado. A Igreja, mais do que qualquer outra instituição, deve ser especialista em ver, ouvir, sentir e cuidar. Para Tomáš Halík,

A representação do Juízo final no Evangelho de Mateus nos diz que Cristo passa anonimamente pela história e por nossas vidas, e, somente no limiar do futuro escatológico, Ele envia seus muitos disfarces: sim, as pessoas pobres, nuas, doentes e perseguidas – eram eu! Já em nosso caminho, a *parousia*, sua segunda vinda – e ao mesmo tempo seu julgamento sobre nós – está acontecendo para aqueles que necessitam. A última crise, o último julgamento, serão apenas a consumação desse processo oculto. A nossa vida e a história da Igreja são uma aventura na busca do Cristo escondido. Não fechemos os ouvidos aos gritos dos que sofrem, dos explorados e perseguidos, não fechemos os olhos para as feridas e dores do nosso mundo, não fechemos o coração para os pobres e marginalizados – poderemos ter saudade da voz de Jesus neles. Poderemos sentir falta de Jesus neles.⁷⁹

É lícito perceber que o amor e a misericórdia são categorias centrais da teologia e prática de Francisco. A misericórdia se apresenta como uma nova chave de leitura pastoral e eclesial. “A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (EG n. 114). O mundo de hoje é marcadamente frio e indiferente, assim, somente a misericórdia pode despertar a humanidade dessa frieza. Tudo nele demonstra e convida a ser uma Igreja da misericórdia. Francisco inicia uma revolução da misericórdia. Torna-se evidente que a teologia de Francisco não é dedutiva, de cima para baixo, mas de uma realidade que é superior à ideia (EG n. 231-233), uma realidade dolorosa, carregada de sofrimento, indiferença e injustiça, de vítimas e pobres que gritam aos ouvidos cristãos. Diante desses lugares de dor, Francisco não reforça dogmas e doutrinas abstratas, mas com ternura e misericórdia, com abraços e afagos, revela que “Deus é amor” (1Jo 4,16). A humanidade ferida de hoje deseja uma Igreja que se sente incomodada pelo seu sofrimento, assim como o próprio Jesus de Nazaré.

Francisco não é um doutor que ensina de uma cátedra, Francisco é um pastor carregado de amor por todas as suas ovelhas, sobretudo as mais fragilizadas. Ter um papa à frente da Igreja com doutorado não concluído é uma grande mensagem. Jesus também não era doutor. Esse inacabado em Francisco aponta para um homem a caminho, sempre em discernimento, livre e sem medo de ser quem é.

⁷⁹ HALÍK, *O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar*, p. 209.

2.2 “Recuperar o frescor original do Evangelho”

A preocupação fundamental do papa Francisco contida em seus ensinamentos, mas sobretudo na *Evangelii Gaudium*, que é o objeto de nosso estudo, é a recuperação do “núcleo essencial do anúncio”, o “núcleo fundamental”, o “Evangelho original”, em cujo centro está Jesus de Nazaré, a quem confessamos como Cristo, e seu projeto salvífico para toda humanidade. Francisco exprime, de modo inequívoco, que aquilo que constitui a Igreja como Igreja é o fato de ela ser habitada pela alegria que o Evangelho produz, o encontro com o Cristo vivo e ressuscitado, e conseqüentemente o compromisso com os mais pobres e necessitados. “A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus” (EG n. 1).

O ponto de partida de sua proposta de evangelização é, justamente, o encontro com o Nazareno. Se a Igreja realmente quiser recuperar o seu vigor e frescor, ela precisa voltar às fontes: o encontro pessoal com Jesus Cristo e o Evangelho que nos torna irmãos e nos compromete com os pobres, marginalizados e descartados de nosso tempo. Ele (o Cristo) é o “autor e consumidor da fé” (Hb 12,2).⁸⁰ Foi esse encontro que transformou e ainda pode transformar a vida de tantos homens e mulheres. Somente esse encontro com o Cristo e o Evangelho pode manter viva a fé cristã ao longo do tempo. Foi a experiência desse encontro pessoal (não individualista ou intimista) com Jesus de Nazaré nas ruas e povoados que transformou a vida dos primeiros discípulos, dando-lhes uma nova direção e um novo sentido. O cristianismo nasce e se prolonga na história por causa dessa experiência dos primeiros discípulos. Como o próprio Francisco afirma,

Não me cansarei de repetir estas palavras de Bento XVI que nos levam ao centro do Evangelho: “ao início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”. (EG n. 7)

Essa renovação a partir de uma volta às fontes se apresenta como uma grande novidade, uma mudança que ponha no centro da fé cristã e da ação pastoral-evangelizadora não os interesses institucionais ou as práticas religiosas, mas a vivência pessoal e social do Evangelho. Essa grande provocação que o papa Francisco tem feito a toda Igreja, de “voltar à fonte e

⁸⁰ Para Roberto Repole, “o sonho do papa Francisco é, no fundo, muito simples, e, exatamente por isso, mais inquietante: poder-se-ia, de modo imediato, afirmar que se trate do sonho de uma Igreja evangélica” (REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica*. A eclesiologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2018, p. 15).

recuperar o frescor original do Evangelho” (EG n. 11), produz alegria e conseqüentemente fermenta a sociedade. O primeiro evangelizador sempre será o Cristo.

No entanto, na vivência cristã hoje, quase sempre a Igreja institucionalizada está em primeiro lugar. Conhece-se o Cristo mediado pela catequese, celebração, sacramentos e vida em comunidade. Paradoxalmente, pode ocorrer que na comunidade onde Jesus é anunciado, ensinado e celebrado, constantemente haja, no entanto, no coração de muitos cristãos, uma certa depressão eclesial que vai se tornando uma “psicologia do túmulo” (EG n. 83), uma ausência da presença viva de Jesus Cristo e criando a “sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e mal-humorados desencantados” (EG n. 85). O reforço excessivo no institucional acaba deixando Jesus em segundo plano, escondido pelas nossas inúmeras atividades organizativas.

É sempre importante recordar que evangelização não é, primeiramente, nem fundamentalmente, transmitir um conteúdo doutrinal, uma moral ou uma prática ritual. Jesus não propõe uma doutrina ou um conjunto de práticas religiosas. Na verdade, ele se propõe como um modo de vida – “compreendeis o que acabo de fazer?” (Jo 13,12) –, dinamizado no serviço e no amor. Um modo de vida que se concretiza na relação fraterna com os outros, mas de maneira especial com os pobres e marginalizados.

Não sem razão, quando São Paulo fala de vida em Cristo ou vida no Espírito ou vida cristã, fala fundamentalmente de ação, jeito de ser, sentimentos etc. Uma das primeiras formas para se referir à comunidade cristã era justamente o “Caminho” (At 9,2; 19,9.23; 22,4). Os cristãos eram reconhecidos como os que faziam parte do “Caminho”. Esse “Caminho”, na verdade, ligava os cristãos ao próprio Jesus de Nazaré. Ele é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). A primeira experiência do ser cristão se dá justamente no “Caminho”, é no sintonizar a própria vida com a vida de Jesus de Nazaré, é viver como ele viveu. O ser cristão materializa-se na vida cotidiana e não somente numa profissão de fé.

A teologia do papa Francisco sempre recorda que de Jesus não se deve falar de um homem do passado, que disse e fez belas coisas. É, antes de tudo, uma presença viva entre nós, “eu estarei convosco todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28,20). Jesus é um contemporâneo que interpela, convida a novas relações, novos sentimentos, novos valores e um novo olhar. O Cristo vivo e ressuscitado no meio de nós é um convite para sempre viver de uma maneira nova. A fé pascal precisa levar sempre a essa percepção nova da realidade.

Essa experiência de encontrar-se com o Cristo confere ao cristianismo uma grande força de atração. O contato pessoal com o Cristo tem um peso enorme nas convicções pessoais. Cada um só transmite aquilo que vive, a sua própria experiência com Jesus de Nazaré, e essa talvez

seja a grande carência de muitas lideranças eclesiais. Faltam testemunhos autênticos e profundos. Numa época marcada pelo excesso ruidoso de palavras, as pessoas querem sentir o Cristo que tanto se afirma crer. “O verdadeiro missionário, que nunca deixa de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele” (EG n. 266). O missionário vai adquirindo, ao longo do caminho, a fisionomia de Jesus. Por isso, para Francisco,

Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovação de significado para o mundo atual. Na realidade toda ação evangelizadora autêntica é sempre “nova”. (EG n. 11)

É nessa perspectiva, precisamente, que se pode falar de uma renovação evangélica da Igreja a partir da proposta de Francisco, uma renovação que perpassa tanto a missão que é tornar o Reino de Deus presente no mundo como a própria estrutura organizativa. Trata-se de uma renovação total em sintonia com o Evangelho e com a vida dos pobres e também a vida do planeta.⁸¹ Francisco propõe uma Igreja cada vez mais evangélica e, conseqüentemente, uma Igreja cada vez mais missionária e misericordiosa.

2.2.1 Uma cristologia da carne e da cruz: limite e plenitude

Na análise do texto da *Evangelii Gaudium*, fica evidente que a “beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG n. 36) é o seu núcleo fundamental. O coração da cristologia do papa Francisco é justamente o paradoxo da fé cristã: a encarnação e a Paixão⁸². Dito de outra maneira, a manjedoura e a cruz. A fé cristã se fundamenta no Filho de Deus feito carne. “Sem a encarnação, o cristianismo se torna uma

⁸¹ O teólogo Aristide Fumagalli afirma que “a busca de um discurso sobre Deus que esteja mais vitalmente em contato com o discurso de Deus ao homem é a tensão que alimenta a teologia de Francisco, não somente em âmbito homilético e catequético, mas também em nível de magistério mais autorizado, expresso nas Exortações Apostólicas e nas Encíclicas. (...) A teologia de Francisco é mais uma teologia do Evangelho, que aprofunda o seu fundamento vital, e menos uma teologia doutrinal, que se adentra na elaboração conceitual” (FUMAGALLI, *Caminhar no amor. A teologia moral do Papa Francisco*, p. 15).

⁸² De acordo com Lucio Casula, “a carne e a cruz representam os dois momentos fundamentais do mistério de Cristo: a Encarnação e a Paixão, ou os dois polos dentro dos quais se cumpre a missão do Filho de Deus vindo ao mundo para a salvação humana. Toda a existência terrena de Cristo se desenvolveu entre a Encarnação e a Páscoa. (...) ‘Carne’ e ‘cruz’, portanto, na reflexão do papa Francisco assumem uma forte relevância sobre o plano teológico, espiritual e pastoral. Constituem as coordenadas que permitem compreender a identidade da pessoa de Cristo e a sua missão, como também a vocação e a missão cristãs” (CASULA, *Rostos, gestos e lugares. A cristologia do Papa Francisco*, p. 33).

ideologia”⁸³, afirma o papa. O acontecimento da encarnação em que o Grande, o Inacessível se faz pequeno e que abrem, para esse pequeno, novos horizontes maiores, pede de todos que habitemos com Deus os limites da própria existência, sem abirmos mão da plenitude à qual Ele nos chama. A humanidade vive entre o limite e a plenitude. Abraçar os limites, as provas, as angústias e a miséria até a cruz é o desafio mais radical para o discípulo. A morte de Jesus na cruz foi a “suprema hora da nova criação” (EG n. 285).

Tal acontecimento não pode ser explicado de maneira filosófica ou metafísica, é algo muito maior que as próprias palavras não conseguem descrever. Jesus de Nazaré, como o maior dos paradoxos, não pode se fundamentar como conhecimento objetivo. Só se entende verdadeiramente o cristianismo ao se olhar atentamente para esse acontecimento. Não há fé cristã sem encarnação e sem cruz e, conseqüentemente, também não há evangelização sem ambas as realidades.⁸⁴ Deus é o Deus dos pequenos.

O cristianismo anuncia um Deus que se faz ação concreta na história, se faz “ação evangelizadora”, assume lugares e tempos históricos, faz-se carne, nasce num lugar não comum, se faz periferia e marginalizado. “Não havia lugar para eles na hospedaria” (Lc 2,7) e morre fora dos muros entre malfeitores (Lc 23,39). Um Deus que se faz pobre, vive com os pobres e os feridos e morre totalmente abandonado na cruz. O Deus de Jesus é um “Deus paradoxal”. Um Deus vitorioso na derrota.

A paixão e morte representam o fracasso e a vitória de Jesus de Nazaré. Jesus morre como um fracassado. Foi o maior fracasso da história, experimentado na “carne” de um Deus que se humanizou. Essa ideia de que a morte na cruz foi um ato de triunfo e não de derrota é um exemplo de como a fé cristã pode transformar o que parece ser um paradoxo, um absurdo, em uma verdade profunda e significativa, capaz de alimentar de esperança os muitos fracassados da história. Deus em Jesus de Nazaré foi longe demais. A cruz não é simplesmente lugar de tortura e morte, de derrota total, mas de um amanhecer que não conhece mais ocaso. Sem a experiência da cruz, Deus seria pouco interessante, sem a experiência da cruz, a mensagem anunciada por Jesus seria incapaz de alimentar de esperança os desgraçados da história.

⁸³ FRANCISCO. *Encontro com os jovens universitários*. 3 agosto 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230803-portogallo-universitari.html>. Acesso em: 10 jan. 2024.

⁸⁴ Para o teólogo jesuíta argentino Juan Carlos Scannone, “a temática da encarnação é uma ideia-força do papa Francisco; ela aparece várias vezes na *Evangelii Gaudium*, especialmente diante da ambigüidade atual de uma volta ao sagrado” (SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 225).

Sem aceitar essa realidade, corre-se o risco, como Francisco recorda, de uma “mundanidade espiritual”, que busca um “Cristo puramente espiritual, sem carne e sem cruz” (EG n. 88), que tanto mal tem feito à Igreja ao longo do tempo. Esse mundanismo está justamente ligado ao medo da cruz:

Este obscuro mundanismo manifesta-se em muitas atitudes, aparentemente opostas, mas com a mesma pretensão de “dominar o espaço da Igreja”. Em alguns, há um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, mas não se preocupam que o Evangelho adquira uma real inserção no povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história. Assim, a vida da Igreja transforma-se em uma peça de museu ou uma possessão de poucos. (...) Ou então desdobra-se num funcionalismo empresarial, carregado de estatísticas, planificações e avaliações, em que o principal beneficiário não é o povo de Deus, mas a Igreja como organização. Em qualquer um dos casos, não traz o selo de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, encerra-se em grupos de elite, não sai realmente à procura dos que andam perdidos nem das imensas multidões sedentas de Cristo. Já não há ardor evangélico, mas o gozo espúrio de uma autocomplacência egocêntrica. (EG n. 95)⁸⁵

A Igreja não pode se esquecer da cruz. A vida cristã é uma experiência agônica e dramática, porém pascal. A cruz é precisamente o lugar em que a vitória se dá num fracasso total. Enquanto houver história humana, o triunfo cristão será sempre uma derrota. O cristão deve compreender que a cruz de Cristo é a “sua glória”, o lugar decisivo do abandono do Pai que vence o inimigo de uma vez para sempre. “Ó morte onde está a tua vitória?” (1Cor 15,55).

Para o papa Francisco, “a cruz aponta o sentido beligerante da nossa existência. Com a cruz, não se pode negociar, não se pode dialogar: ou a abraçamos, ou a rejeitamos”⁸⁶. Só aqueles que “não fogem do sofrimento que conduz à ressurreição”⁸⁷ conhecem profundamente o Cristo. Maria, a mãe de Jesus, se apresenta aqui como a discípula fiel, aquela que não fugiu e que se manteve em pé diante da cruz. O melhor será sempre abraçar a cruz. A páscoa se apresenta como esse grande paradoxo da vitória mediante uma absurda derrota.

⁸⁵ Em sua dissertação de mestrado em teologia sistemática, Calmon Rodovalho Malta afirma que “uma denúncia contundente ao se falar do mundanismo espiritual, na visão de Francisco, é o que ele classifica como ‘cuidado da aparência’ (EG n. 93), que nada mais é do que a falsificação da identidade de um indivíduo religioso, frente ao que de fato ele professa ou acredita. A demonstração pública de um determinado comportamento leva o indivíduo cristão a fazer o outro crer que ele vive uma vida alinhada com os ensinamentos da Igreja, sob o princípio do Evangelho. Tal comportamento reflete, aos olhos dos outros, um certo ar de ‘santidade’ diante da comunidade eclesial. Ele se faz visto como bom, correto, justo e moralmente coerente, porém suas atitudes não passam de aparência, ou o que Jesus classificaria como sendo ‘sepulcros caiados’ (Mt 23,27), pois por fora aparentam determinada beleza, mas por dentro estão apodrecidos” (MALTA, Calmon R. *A superação do mundanismo espiritual na exortação apostólica Evangelii Gaudium*. Mestrado em Teologia, FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: https://faculdadejesuita.edu.br/wp-content/uploads/2022/06/Dissertacao_final-1.pdf. Acesso em: 15 dez. 2023, p. 42).

⁸⁶ FRANCISCO. *Angelus*. 14 setembro 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140914.html. Acesso em: 12 set. 2023.

⁸⁷ FRANCISCO. *Angelus*. 14 setembro 2014.

Resta evidente que existe uma sintonia entre o “pensamento fraco”, apresentado na teologia e linguagem pastoral de Francisco, e a “fraqueza” do Deus que se esvazia (*kénosis*), muito presente na maneira como São Paulo apresenta o Deus cristão, que se “despojou de sua condição” e encarnou em nossa história “como um de nós”, “sob a forma de escravo” (Fl 2,6-8). É o Deus sem grandeza, que apesar de ser todo-poderoso se humaniza na fraqueza de um simples galileu. Não há dúvida nenhuma que a proposta eclesial do papa Francisco, que se pede para ser recepcionada por toda a Igreja, é um grande desafio paradoxal, pois trata-se de uma proposta mais próxima à manjedoura de Belém e da cruz, próxima do fracasso e não da glória, próxima do lava-pés e não do prestígio, próxima da misericórdia e não da condenação, próxima dos feridos e dos pobres, enfim, uma eclesiologia mais voltada para o chão de nossa existência do que para a eternidade. Se o papa Francisco é um paradoxo, é um paradoxo necessário.⁸⁸

2.3 Deus é misericórdia: a chave de um pontificado

Um outro elemento fundamental da perspectiva teológica impressa por Francisco é que seu magistério e sua proposta eclesial e pastoral se revestem daquilo que ele chama de “Evangelho da misericórdia”⁸⁹. Misericórdia é uma das palavras que compõem o vocabulário bergogliano⁹⁰. Para ele, “é próprio de Deus usar de misericórdia” (EG n. 37). A misericórdia não é somente um aspecto a mais no Evangelho. Ela exprime algo de fundamental do rosto de Deus revelado em Jesus Cristo e também do ser cristão.

É importante enfatizar que o papa Francisco é um homem marcado por uma profunda experiência da misericórdia, tanto que o lema de seu episcopado é *Miserando atque eligendo* (“Quando olhou para mim com olhos de misericórdia, ele me escolheu”)⁹¹. O seu pontificado é

⁸⁸ Para José Maria Castillo, “o sucesso do papa Francisco – e também seu fracasso – se explica e se entende a partir do momento em que, com o Evangelho nas mãos, percebemos que estamos testemunhando uma reprodução (tão tímida e pálida quanto se queira) do sucesso e do fracasso de Jesus” (CASTILLO, José Maria. O sucesso do papa Francisco. *IHU On-line*. 14 nov. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/573599-o-sucesso-do-papa-francisco-artigo-de-jose-maria-castillo>. Acesso em: 10 jan. 2024).

⁸⁹ FRANCISCO. *Homilia no Domingo da Misericórdia*. 11 abril 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-04/homilia-papa-francisco-domingo-misericordia-texto-integral.html>. Acesso em: 4 nov. 2023.

⁹⁰ O padre jesuíta Antonio Spadaro afirma que a linguagem do papa Francisco “es radicalmente oral porque es radicalmente pastoral. Incluso la reflexión escrita es la formalización de un texto que se ha diseñado em un diálogo. El papa está siempre em el evento comunicativo, lo crea y lo desarrolla, desde el interior: no es el actor de una parte escrita o de un discurso escrito. Así, en lugar de comunicar, el papa Francisco crea ‘eventos de comunicación’, en los que se puede participar de forma activa” (SPADARO, Antonio. ¿Un diccionario de Francisco? In: TORRALBA, Francesc. *Diccionario Bergoglio: las palabras clave de un pontificado*. Madrid: San Pablo, 2019, p. 9).

⁹¹ Segundo o teólogo argentino Juan Carlos Scannone, “o lema de Francisco, mais que um simples enunciado, trata-se, na minha opinião, de um carisma, um estado de espírito existencial, uma doutrina viva, um modo de

claramente marcado pela primazia da misericórdia.⁹² Francisco transborda misericórdia. A misericórdia é um dos aspectos que exprimem a grande novidade eclesial trazida pelo pontífice. Em Francisco, há uma epifania da misericórdia.⁹³

Para Francisco, “o nome de Deus é misericórdia”⁹⁴ e a mensagem de Jesus é a misericórdia. O Antigo Testamento nos fala de um Deus que vê a aflição do seu povo e não fica indiferente à sua dor: “Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu grito por causa dos opressores; pois eu conheço as suas angústias” (Ex 3,7). O Deus bíblico não é um Deus indiferente e insensível. Deus não é neutro, Deus toma partido, fica do lado dos pobres e perseguidos. Assim sendo, tudo aquilo que de mais profundo se manifesta em Jesus Cristo é, portanto, o coração de Deus que se volta para os miseráveis, mesmo quando essa miséria é representada pelo pecado da humanidade. Ao definir a misericórdia, o papa Francisco afirma que,

Etimologicamente, misericórdia significa abrir o coração ao miserável. E vamos logo ao Senhor: misericórdia é a atitude divina que abraça, é o doar-se de Deus que acolhe, que se dedica a perdoar. Jesus disse que não veio para os justos, mas para os pecadores. Não veio para os sadios, que não precisam de médico, mas para os doentes. Por isso, pode-se dizer que a misericórdia é a carteira de identidade de nosso Deus. Deus de misericórdia, Deus misericordioso.⁹⁵

A misericórdia de Deus em Jesus de Nazaré tem rosto concreto, faz-se corpo. Corpo é justamente lugar de sentir, não é algo abstrato, não se trata de uma teoria, ou mero sentimento. Segundo o relato do evangelho de Mateus, “ao ver as multidões, Jesus sentiu grande compaixão pelas pessoas, pois estavam aflitas e desamparadas como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9,36). Em Jesus de Nazaré, Deus “sente” e por sentir se compadece. A misericórdia se

governo” (SCANNONE, Juan Carlos. *O Evangelho da misericórdia em espírito de discernimento*. A ética social do Papa Francisco. Brasília: CNBB, p. 2).

⁹² De acordo com Roberto Repole, “a misericórdia não é um aspecto acessório do Evangelho ou um traço para se aproximar indiferentemente a outros. Ela exprime algo de fundamental do rosto de Deus que se revelou completamente em Cristo. É uma realidade que deve ter já representado um farol para a espiritualidade e a pastoral do bispo Bergoglio a partir do momento que ele, referindo-se a Beda, o Venerável, escolheu como lema episcopal *Miserando atque eligendo* (‘Quando olhou para mim com olhos de misericórdia, ele me escolheu’)” (REPOLE, *O sonho de uma Igreja evangélica*. A eclesiologia do Papa Francisco, p. 23).

⁹³ O teólogo argentino Carlos Maria Galli afirma que: “a misericórdia é o princípio hermenêutico do pontificado de Francisco” (GALLI, Carlos Maria. *Líneas teológicas, pastorales, y espirituales del Magisterio del Papa Francisco*. *Medellín*, n. 33, 2017, p. 93-158. Disponível em: <https://centromanuellarrain.uc.cl/images/TEOLOGOSLATINOAMERICANOS/GALLI/GalliLineasTeologicas.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023).

⁹⁴ Interpretando os sentimentos e as palavras do papa Francisco, “o Cardeal Walter Kasper explica: a afirmação: ‘Deus é misericórdia’ significa que Deus tem um coração para os miseráveis. Ele não é um Deus, por assim dizer, acima das nuvens, desinteressado pelo destino dos homens, mas justamente se deixa comover e tocar pela miséria do homem. Ele é um Deus compassivo, um Deus ‘simpático’ (no sentido original desta palavra)” (CASULA, *Rostos, gestos e lugares*. A cristologia do Papa Francisco, p. 21).

⁹⁵ FRANCISCO. *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo, Planeta, 2016, p. 37.

concretiza na existência cotidiana. Em Jesus, Deus se autocomunica como um Deus misericordioso. De acordo com o papa Francisco, em Jesus,

A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas que se aproximam d'Ele manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, são caracterizados pela misericórdia. Tudo nele fala de misericórdia. Nele, nada há que seja desprovido de compaixão. (MV n. 8)

O papa afirma que o segredo de Jesus se esconde no seu olhar. “Creio que o segredo de Jesus esteja escondido em sua maneira de olhar o povo além das suas fraquezas e quedas” (EG n. 141). Um olhar pleno de afeto por todo o seu povo (EG n. 268) e pleno de amor e de misericórdia pelos pecadores (EG n. 269). Na eclesiologia de Francisco, a misericórdia é fundamental e indispensável. Contudo, Francisco não elabora um tratado da misericórdia, ele propõe uma eclesialidade da misericórdia, uma pastoral da misericórdia, um comportamento misericordioso e, conseqüentemente, uma “cultura da misericórdia”. Francisco provoca a Igreja a viver uma prática misericordiosa. O agir misericordioso é carregado de compaixão, de um “colocar-se no lugar do outro”, que no entender do papa é aquilo que Jesus sentia e desta forma agia. O Deus comunicado em Jesus de Nazaré se revela como Deus dos míseros. “Deus é amor” (1Jo 4,8.16). Nessa perspectiva, a misericórdia é uma prática fundamental para a vida da Igreja. “A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo” (MV n. 10).

Na conversa com Andrea Tornielli sobre o mesmo tema, o papa Francisco reforça que o tempo presente, apesar de ser um tempo de muito indiferentismo, é também um tempo de misericórdia, e que a humanidade em nossos dias estaria particularmente necessitada da misericórdia divina revelada em Jesus Cristo, justamente porque:

É uma humanidade ferida, uma humanidade que possui feridas profundas. Não se sabe curá-las ou acredita que não é possível curá-las. E não apenas as doenças sociais e as pessoas feridas pela pobreza, pela exclusão social, pelas inúmeras escravidões do terceiro milênio. Também o relativismo fere muitas pessoas: tudo parece igual, tudo parece o mesmo. A humanidade precisa de misericórdia. (...) A isso se acrescenta atualmente o problema de considerar o nosso mal, o nosso pecado, como incurável, como algo que não pode ser curado. Falta a experiência concreta da misericórdia. A fragilidade dos tempos em que vivemos é também esta: acreditar que não existe possibilidade de redenção, alguém que nos dá a mão que nos levanta, um abraço que nos salva, perdoa, anima, que nos inunda de um amor infinito, paciente, indulgente; que nos coloca de novo nos trilhos.⁹⁶

⁹⁶ FRANCISCO, *O nome de Deus é misericórdia*, p. 46.

Uma Igreja misericordiosa mostra o seu rosto materno quando prioriza a pessoa, independentemente de seus erros. Quando é capaz de olhar com compaixão as misérias da humanidade, de sanar as suas feridas, de oferecer perdão e conceder, assim, uma nova oportunidade, como tão bem fazia Jesus de Nazaré: “nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais” (Jo 8,11). A misericórdia só pode ser compreendida como um exercício maternal e pastoral. A humanidade sofrida necessita particularmente desse Evangelho da misericórdia, e dessa Igreja misericordiosa que não fica alheia ao sofrimento.

A insistência de Francisco se apresenta como novidade urgente e necessária, quando se refere ao fato de que no coração do Evangelho está um Deus que se compadece como mãe pelas misérias da humanidade. Dessa forma, a lógica da misericórdia deve perpassar toda a ação pastoral da Igreja. A misericórdia deve ser para todos. Todos precisamos de misericórdia.

A Igreja precisa ser capaz de se compadecer mediante as situações de fragilidade da humanidade, como o próprio Cristo se compadecia. De acordo com Francisco, “ninguém pode permanecer insensível às desigualdades que ainda existem no mundo”⁹⁷. Urge à Igreja contemporânea que faça do ser humano fragilizado a sua grande prioridade.

O Evangelho pregado pela Igreja só será, de fato, Palavra de Salvação para a humanidade se tocar realmente a vida. Para o papa Francisco, “aquilo que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade”⁹⁸. Ninguém é misericordioso a distância. A misericórdia aproxima, diminui as distâncias. A misericórdia é um encontro. Uma Igreja misericordiosa “vê”, “comove-se”, “aproxima-se”. Ninguém pode se definir misericordioso desviando o olhar, fingindo que não vê. “Agir como samaritano implica permitir que eu seja tocado por aquilo que vejo, sabendo que o sofrimento vai me mudar”⁹⁹. Uma Igreja que não conhece as feridas da humanidade não é uma Igreja da misericórdia. As comunidades só serão lugares de misericórdia se aprenderem a olhar de maneira diferente para o sofrimento do mundo e das vítimas.

A primeira preocupação de Jesus é o sofrimento, a marginalização, as enfermidades, a fome e a exclusão. O Documento de Aparecida reforça que, “diante da despersonalização, Jesus ajuda a construir identidades integradas” (DAp n. 110). Apesar de sempre anunciar a necessidade de conversão, Jesus não se apresentava como um caçador de pecadores para

⁹⁷ FRANCISCO. *Discurso*. Visita à comunidade de Varginha (Manguinhos). 25 julho 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130725_gmg-comunita-varginha.html#:~:text=Ningu%C3%A9m%20pode%20permanecer%20insens%C3%ADvel%20%C3%A0s,acabar%20com%20tantas%20injusti%C3%A7as%20sociais. Acesso em: 30 nov. 2023.

⁹⁸ SPADARO, *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*, p. 19.

⁹⁹ FRANCISCO, *Vamos sonhar juntos: o caminho para um mundo melhor*, p. 9.

absolvê-los e convertê-los. A grande preocupação em sua ação era suprimir o sofrimento e humanizar a vida. Jesus não era muito dado à penitência: “Quero misericórdia e não sacrifício” (Mt 12,7). O sofrimento, a fome e as várias formas de exploração e preconceito, isso sim incomodava Jesus.

2.3.1 Do Deus misericordioso à Igreja da misericórdia

Tendo em conta que o Evangelho consiste no amor misericordioso de Deus, ele não pode ser reduzido a uma doutrina ou ideia abstrata. Claramente, não se trata de abolir as formulações doutrinárias que guardam a fé. Trata-se, na verdade, de reconhecer que, quando a Igreja reforça excessivamente a doutrina em detrimento do exercício da misericórdia, a Igreja se afasta daqueles que são a prioridade de Jesus de Nazaré. Mais do que nunca, em tempos de indiferentismo é preciso que a Igreja não contribua para aumentar ainda mais essa indiferença. O Documento de Aparecida reitera que a Igreja “não pode ser alheia aos grandes sofrimentos que a maioria de nossa gente vive e que com muita frequência são pobreza escondidas” (Dap n. 176).

Toda a ação evangelizadora proposta pelo papa Francisco convida a tocar a vida concreta das pessoas no lugar onde vivem e na situação em que se encontram, caso contrário, tudo não passa de mera especulação. Toda ação evangelizadora toca a vida ou não tem sentido. O amor é a chave que permite uma nova perspectiva de vida marcada pela misericórdia. A grande preocupação de Francisco é que o evangelho não seja reduzido a algo que não toca a vida e não modifica ninguém. A Igreja encarnada na história existe para defender e promover a vida. Assim, para Francisco, “sem misericórdia, a nossa teologia, o nosso direito e a nossa pastoral correm o risco de desmorrer na mesquinhez burocrática ou na ideologia que por sua natureza quer domesticar o mistério”¹⁰⁰.

Somente uma Igreja ciente da sua missão de ser casa de misericórdia terá condições de se inserir em um mundo de tantos feridos e acolher todos, independentemente da situação em que se encontram. A Igreja é primeiramente lugar onde todos devem se sentir acolhidos, amados e cuidados.

Uma Igreja misericordiosa é lugar onde o preconceito não entra, não fere e não tem a primeira palavra. Na verdade, se as comunidades estão se tornando lugares de preconceito é

¹⁰⁰ FRANCISCO. *Carta por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina*. 3 março 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html. Acesso em: 6 nov 2023.

porque estão se afastando do Evangelho. Nada é mais contraditório em relação à proposta de Jesus do que um cristão preconceituoso. Jesus era alguém que vivia cercado de gente de má fama e se sentia bem na companhia dessas pessoas. A Igreja não é um lugar de alguns poucos eleitos. É lugar de todos. É importante frisar que a Igreja é santa e ao mesmo tempo pecadora. Pecado é justamente o preconceito que fecha todas as possibilidades de um novo recomeço. Para o papa Francisco, “o chamado de Jesus leva cada um de nós a jamais nos deter na superfície das coisas, sobretudo quando estamos diante de uma pessoa. Somos chamados a olhar além, a nos concentrar no coração para ver de quanta generosidade cada um é capaz”¹⁰¹.

Posto isto, na proposta pastoral de Francisco, não há lugar para nenhum tipo de preconceito. Trata-se de um forte apelo a não discriminar ninguém. “Um pouco de misericórdia torna o mundo menos frio e mais justo”¹⁰². A cultura atual apresenta questões importantes e delicadas sobre as quais a Igreja não pode mais fechar os olhos nem os ouvidos. Na caminhada histórica da Igreja, muitas vezes, o pecado teve mais primazia do que a misericórdia. Este tempo, como tempo propício para o exercício da misericórdia, é também tempo oportuno para recolocar no centro a pessoa, o “filho mais novo” que experimenta no abraço do Pai morrer todas as suas escolhas erradas. A Igreja precisa ser lugar que oferta esse abraço que perdoa. Deus nos ama, por aquilo que somos e não por aquilo que fazemos e nem nos condena por aquilo que fizemos de errado. “Vede que grande amor nos outorgou o Pai, que sejamos chamados filhos de Deus; e nós o somos”! (1Jo 3,1).

Se a Igreja quiser ter relevância em sua ação, ela precisa redescobrir esse “princípio-misericórdia”, colocar-se junto dos míseros, diminuir a distância daqueles que se sentem excluídos das comunidades, como os casais de segunda união, as novas configurações familiares, as comunidades LGBTQIA⁺, ou seja, os não canônicos. Para Francisco, ninguém está excluído da misericórdia de Deus: “não existe pecado algum que Deus não possa perdoar! Nenhum!”¹⁰³. Na Exortação apostólica *Amoris Laetitia*, Francisco reafirma que “cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, procurando evitar ‘todo sinal de discriminação injusta’ e particularmente toda forma de agressão e violência” (AL, n.250).

¹⁰¹ FRANCISCO. *Quem sou eu para julgar?* Rio de Janeiro: LeYa, 2017, p. 19.

¹⁰² FRANCISCO. *Angelus*. 17 março 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html. Acesso em: 4 nov. 2023.

¹⁰³ FRANCISCO. *Aos participantes no curso promovido pelo Tribunal da Penitenciária Apostólica*. 12 março 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150312_tribunale-penitenzieria-apostolica.html. Acesso em: 12 set. 2023.

Na Igreja desejada por Francisco, não há lugar para homofobia ou qualquer outra forma de preconceito. “Quero garantir a vocês que, no meu trabalho pastoral, não há lugar para a homofobia”¹⁰⁴. Sua concepção moral é fortemente marcada pelo senso pastoral e pela misericórdia e não pela moral da cintura para baixo. Ao se referir aos homossexuais ele afirma que “toda pessoa independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, tomando-se o cuidado de evitar qualquer rótulo de discriminação injusta e, particularmente, qualquer forma de agressão e violência”¹⁰⁵.

Um dos principais motivos para o trânsito religioso nas comunidades é, justamente, o fato de que existem diversas comunidades que não se configuram, na maioria das vezes, como lugares de acolhimento. É bonito falar de uma Igreja misericordiosa, de portas abertas, que acolhe a todos e todas, mas é preciso ter consciência que, no dia a dia na vida em comunidade, a realidade é bem diferente. Quem são os que se afastaram? Por que se afastaram? O que procuravam? Quantos além de estarem à margem da sociedade, também se encontram à margem para a Igreja. Muitos não se sentem acolhidos.

Deparamo-nos a todo momento com os excluídos sociais e com os excluídos religiosos. Por que alguns podem comungar e outros tantos não podem? Por que insistir numa liturgia e numa adoração estética e intimista se o incenso e as músicas não nos permitem ouvir os gritos dos que sofrem tão perto de nós? Com essa liturgia e eucaristia de alguns, será muito difícil para a Igreja encontrar o seu lugar na sociedade contemporânea. Para Francisco,

A Eucaristia embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos. Essas convicções têm também consequências pastorais, que somos chamados a considerar com prudência e audácia. Muitas vezes, agimos como controladores da graça, e não como facilitadores. A Igreja, porém, não é uma alfândega, mas casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa. (EG n. 47)

Quais são as consequências pastorais da eucaristia que se celebra? Como dizer hoje que o Reino de Deus está no meio de nós, diante de tanta gente vivendo em condições desumanas? A fome, a dor e o sofrimento da humanidade passam pela nossa liturgia? O Pai-nosso sem o pão nosso fica incompleto. A comunhão eucarística supõe também uma comunhão com o outro. É fato que a mesa eucarística ainda não é uma mesa de todos e todas. Há uma escandalosa indiferença na ação litúrgica da Igreja.

¹⁰⁴ FRANCISCO, *Quem sou eu para julgar?*, p. 62.

¹⁰⁵ FRANCISCO, *Quem sou eu para julgar?*, p. 78.

2.3.2 Misericórdia, uma mesa para todos, todos, todos

Em Jesus, a eucaristia é, sobretudo, lugar onde se pode comungar da vida que é ofertada. A mesa de Jesus é lugar onde os pecadores podem ser ouvidos. Compartilha com eles o mesmo pão e o mesmo vinho, as mesmas alegrias e tristezas. A mesa para Jesus é um lugar “sinodal”, lugar onde todos são ouvidos e bem-vindos. E as nossas mesas? São lugares onde os pecadores são ouvidos? Por que ainda não compreendemos as mesas de Jesus? A linguagem eclesial é pouco poética. É necessária muita poesia para compreender Jesus de Nazaré.

Essa Igreja misericordiosa, sonhada por Francisco, deve manter as mesmas escolhas do Cristo, evitar juízos, saber acolher e cuidar. Que eclesiologia tem sido o fundamento da ação pastoral nas comunidades? A Igreja, comunidade dos seguidores de Jesus, nunca pode esquecer as palavras dele, “sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). É o exercício da misericórdia que deve nortear o comportamento daqueles que professam a fé no Cristo. O santo, na verdade, é alguém que fez uma experiência profunda da misericórdia e, por isso, se faz misericordioso.

A misericórdia é um princípio da atuação prática e não simplesmente fazer obras de misericórdia. No fundo, a misericórdia precisa indignar.¹⁰⁶ “Onde está o teu irmão?” (Gn 4,9). Como está o teu irmão? A essas perguntas, por vezes, responde-se com indiferença. De acordo com o papa Francisco,

Aquilo que Jesus sente – não é simplesmente sentir piedade; é algo mais! Significa *com-padecer-se*, ou seja, identificar-se com o sofrimento alheio, a ponto de o carregar sobre si. Assim é Jesus: sofre juntamente com cada um de nós, padece por nós. E o sinal desta compaixão são as numerosas curas por Ele levadas a cabo. Jesus ensina-nos a antepor as necessidades dos pobres às nossas¹⁰⁷.

A reforma proposta por Francisco não é somente institucional, mas também, e sobretudo, comportamental e vivencial. Se ninguém mais acreditar no Evangelho que a Igreja anuncia, ela deixará de existir. É preciso despir-se dessa excessiva autorreferencialidade, superioridade e autossuficiência.

¹⁰⁶ O teólogo espanhol Jon Sobrino, ao falar do “princípio-misericórdia”, afirma que “a misericórdia não é a única que Jesus exercita, mas é o que está em sua origem e o que configura toda a sua vida, sua missão e seu destino. Às vezes aparece explicitamente nos relatos evangélicos a palavra ‘misericórdia’, e às vezes não. Mas independentemente disso, o sofrimento, das maiorias, dos pobres, dos fracos, dos privados de dignidade sempre aparece como pano de fundo da atuação de Jesus, e diante deles se lhe comovem as entranhas. E são essas entranhas comovidas que configuram tudo o que Ele é: seu saber, seu esperar, seu agir, e seu celebrar” (SOBRINO, Jon. *A misericórdia*. Petrópolis: Vozes, 2020, p. 45).

¹⁰⁷ FRANCISCO. *Angelus*. 3 agosto 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140803.html. Acesso em: 20 dez. 2022.

Em suma, o papa Francisco está desafiando a Igreja a viver uma eclesialidade mais autêntica e evangélica. Tudo deve partir do Evangelho e se fundamentar no Evangelho. A proposta de uma Igreja missionária, samaritana, mãe de coração aberto, profética, o apelo a uma Igreja em permanente saída para as periferias geográficas e existenciais, uma Igreja descentralizada que envolve toda a comunidade, concedendo aos leigos um papel central, uma Igreja onde as mulheres têm voz e vez só será possível a partir de uma vivência concreta e diária do Evangelho da misericórdia. “A verdadeira misericórdia interessa-se pela pessoa, ouve-a atentamente, aproxima-se com respeito e com verdade da sua situação”¹⁰⁸. Até as reformas estruturais devem ser inspiradas pelo evangelho da misericórdia. A grande questão é: quem está disposto a fazer a mesma opção de Francisco?

¹⁰⁸ FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos párocos da diocese de Roma*. 6 março 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140306_clero-diocesi-roma.pdf. Acesso em: 3 jan. 2024.

3 A DIFÍCIL TAREFA DE DESPERTAR A IGREJA: O HORIZONTE E O CAMINHO

Tendo em vista a misericórdia como princípio norteador de seu pontificado – como vimos no capítulo anterior – e ciente dos desafios impostos pela sociedade contemporânea – conforme apresentado no primeiro capítulo –, a proposta eclesial de Francisco é um convite a ir ao encontro da humanidade fragilizada, “cansada e abatida”. A misericórdia só é possível de ser vivenciada como atitude que confronta os olhares e que faz descobrir o rosto de Deus no rosto da humanidade. Quando a centralidade é o Evangelho, o modo de agir é consequentemente a misericórdia. À vista disso, Francisco convida a Igreja a se deslocar em direção ao outro, ao que se encontra à margem tanto da sociedade como da própria Igreja, aqueles que estão nas fronteiras, à beira do caminho ou nas periferias. A misericórdia se concretiza à medida que provoca movimento. Dessa forma, a Igreja só será de fato uma Igreja da misericórdia se, de fato, avançar em direção às periferias. A fé cristã é êxodo, é saída, movimento de desinstalação.

O atual momento histórico necessita realmente de uma Igreja desinstalada. O papa Francisco, tendo consciência dessa necessidade, propõe uma “transformação missionária da Igreja” (EG cap. I), missionariedade entendida, como “saída para as periferias geográficas, sociais e existenciais” (EG n. 20, 30, 46, 191). Frente a fortes tendências autorreferenciais da Igreja, Francisco insiste na necessidade urgente de saída para as periferias. Sair é fazer-se próximo, colocar-se ao lado, diminuir as distâncias. Uma profunda experiência missionária é justamente aquela que coloca o cristão em contato com o sofrimento da humanidade. Na proposta trazida por Francisco, a fé ou é missionária ou não é fé. A fé cristã é sempre um convite a sair de si mesmo.

Todavia, não basta simplesmente dizer que a Igreja é missionária. É preciso compreender claramente em que consiste de fato esta missão, que não é outra coisa senão a missão de Jesus de Nazaré: anunciar e fazer acontecer o Reino de Deus no mundo. Para Francisco, “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG n. 176). Na prática isso significa cuidar, curar, consolar, acolher etc. Uma ação pastoral coerente com o projeto de Jesus é uma ação pastoral que prioriza a vida, a justiça e a paz.

Francisco tem, diante dos olhos, o ministério de Jesus que é marcadamente periférico. Os periféricos, os pobres e os marginalizados eram os principais interlocutores da ação missionária de Jesus de Nazaré. Jesus foi um missionário das periferias. Partindo dessa intuição evangélica, a proposta eclesial de Francisco é um convite para a Igreja hoje redescobrir o seu lugar a partir das periferias e dos excluídos. Sem o Evangelho, as periferias seriam somente algo ligado aos fenômenos históricos de uma sociedade capitalista, mas em Francisco as

periferias carregam uma profunda mística. Em diálogo com os interlocutores teológicos que fundamentam nossa pesquisa, propomos, neste terceiro capítulo, alguns elementos da proposta de Francisco que evidenciam essa Igreja missionária em direção às diversas periferias geográficas e existenciais e qual a relevância dessa proposta como nova evangelização. Fica evidente que tal opção eclesial de Francisco decorre do próprio Evangelho: é o próprio Jesus que opta pelos pobres e pelos marginalizados, e se a Igreja quiser ser fiel e coerente ao Evangelho precisa sempre reafirmar a sua opção primeira pelos pobres e se concretizar pela via missionária. Mesmo uma Igreja sinodal. Se a Igreja não for missionária, se não chega aos mais distantes, dificilmente também será uma Igreja sinodal.

3.1 É preciso voltar à Galileia

Os evangelhos são enfáticos ao afirmar que a Galileia se tornou o ponto de partida (o marco inicial) e a irradiação da Boa Nova anunciada por Jesus de Nazaré (Mt, 4,23-25). Jesus não inicia a sua missão em Jerusalém, grande centro comercial, político e religioso. Ele a inicia na periferia, nas regiões conhecidas como “lugar de trevas”, pagãs, idólatras. A “terra de Zabulon”, na Galileia, “terra de Neftali”, do outro lado do Jordão, “Galileia dos gentios” (Mt, 4,12-16). O projeto de Jesus foi acolhido primeiramente nas periferias, regiões pagãs e pouco religiosas. A Galileia era uma periferia não somente geográfica, mas teológica e existencial. É a periferia da Galileia que marca e explica a missão de Jesus. De acordo com o papa Francisco, “o caminho de Jesus começou na periferia, vai dos pobres e com os pobres para todos”¹⁰⁹.

Vista a partir de Jerusalém, grande centro religioso judaico no tempo de Jesus, onde estavam localizados o templo e o grande sinédrio, a Galileia era considerada uma periferia, religiosamente impura e pagã. Paradoxalmente, é precisamente dali, da periferia, que veio a luz de Cristo. Jesus é o nazareno, o galileu, o palestino. É Jesus quem faz opção pela Galileia. Viveu ali deliberadamente. Jesus é o peregrino das periferias. As principais referências geográficas em Jesus de Nazaré são referências periféricas: Belém e Nazaré. Tais referências geográficas deveriam marcar a vivência eclesial. Segundo José Antônio Pagola,

Desde esta perspectiva, compreende-se bem como vive Jesus. Não se dedica a organizar uma religião mais perfeita. Não se ocupa de transformar a liturgia do templo para substituí-la por um ritual mais digno. A paixão que alimenta a sua vida é outra. Aspira ver realizado o quanto antes o projeto do Reino de Deus: uma vida digna e

¹⁰⁹ FRANCISCO. *Visita ao bairro pobre de Kamgeme, Nairobi- Quênia: Discurso*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151127_kenya-kangemi.html. Acesso em: 6 nov. 2023.

feliz para todos. Por isso o vemos sempre junto aos mais necessitados: não nas vilas de Séforis nem nos palácios de Tiberíades, mas nas aldeias pobres de Galileia; não apenas junto com as pessoas saudáveis e fortes, mas aproximando-se dos enfermos e desvalidos; não apenas comendo em família ou entre amigos, mas sentando-se à mesa com gente indesejável, marginalizada social e religiosamente.¹¹⁰

O Filho de Deus, que também é o filho do carpinteiro, optou por iniciar a sua missão na periferia da Palestina, que era objeto de preconceito por parte do restante do país. Jesus deixa Nazaré, onde morou até a fase adulta, e fixa morada em Cafarnaum, iniciando a sua missão pública às margens do mar da Galileia. A partir da Galileia, Jesus anuncia o Reino de Deus. Jesus é um homem da periferia. Nas periferias, estão aqueles que são objetos de preconceito, estão os que mais sofrem, os pobres. O sofrimento desses afeta Jesus de Nazaré, ele sente compaixão, diminui as distâncias, faz-se próximo. Em Jesus de Nazaré, Deus se faz pobre e opta pelos mais pobres. É Jesus de Nazaré quem faz primeiramente a “opção pelos pobres”.

A Galileia é o “marco referencial” da missão iniciada por Jesus de Nazaré e, consequentemente, o lugar de gestação de toda a ação missionária e pastoral da Igreja. Tudo começa na Galileia e recomeçará sempre lá. Foi na Galileia que os primeiros discípulos foram seduzidos, “deixaram as redes” (Mt,4,18-22) e o seguiram, foi lá que os primeiros milagres foram realizados e as primeiras palavras causaram fascínio e encanto. É na Galileia que a comunidade pascal reencontra a sua força propulsora e renova a esperança para viverem a missão por todos os lugares. No domingo da ressurreição, segundo o Evangelho de Mateus, Jesus exorta às mulheres que digam aos discípulos “que se dirijam para a Galileia; lá me verão” (Mt 28,10). No Evangelho de São Marcos, o anjo insiste nesse retorno à Galileia: “ide dizer aos seus discípulos e a Pedro que ele vos precede na Galileia. Lá o verei, como vos tinha dito” (Mc 16,7). A Galileia é o lugar de “confirmação” e o lugar do reencontro. Ainda hoje, o ressuscitado nos espera nas novas Galileias e nas periferias.

É a partir dessa experiência pascal na Galileia que começa a desencadear a missão dos discípulos. Falar de missão hoje e de uma Igreja que precisa sair em direção às periferias é sempre fazer memória dessa experiência vivenciada na Galileia.

3.2 Do centro às periferias, a Igreja das margens, o sonho do papa Francisco

A partir desse referencial bíblico, teológico e geográfico sobre o Reino de Deus anunciado por Jesus de Nazaré e de sua ação nas periferias junto dos pobres, compreende-se o

¹¹⁰ PAGOLA, *Recuperar o projeto de Jesus*, p. 64.

projeto eclesial proposto pelo papa Francisco. Ele quer a Igreja, prioritariamente, junto dos pobres e nas periferias.¹¹¹ A teologia do papa e sua pastoral são marcadas por uma longa experiência com os pobres e nas periferias. Sob o mesmo ponto de vista, Francisco Aquino Júnior afirma,

O papa Francisco fez dos pobres uma questão primeira e central na vida da Igreja e de seu pontificado. A preocupação primordial não é sua autoridade ou sua imagem pública, nem a doutrina da Igreja ou discursos bem arquitetados, mas o sofrimento e causa dos pobres no mundo, que são a causa do Deus da revelação bíblica.¹¹²

A periferia, para o papa, não é um problema (pelo menos não teológico), mas um horizonte¹¹³. Desde o início de seu ministério, mas sobretudo em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco encoraja a Igreja a olhar e estar nas periferias. Existe uma diferença abissal em olhar e estar nas periferias. Irrefutavelmente, Francisco, aqui, não propõe algo novo, mas demonstra profunda coerência com o espírito da “opção pelos pobres” que perpassa toda a teologia da América Latina. Francisco faz dos pobres a sua grande preocupação teológica e pastoral. Não se trata de uma nova teologia, mas sim um novo olhar hermenêutico – contemplar o mundo e a ação pastoral das periferias e do lugar dos marginalizados. Francisco clama por uma Igreja que consiga viver essa travessia, do centro para as periferias. Uma Igreja capaz de ser periferia. No seu encontro com os superiores das congregações religiosas, Francisco afirma:

Estou convencido de uma coisa: as grandes mudanças na história acontecem quando a realidade é vista não a partir do centro, mas da periferia. É uma questão de hermenêutica: a realidade só pode ser compreendida se a olharmos a partir da periferia, e não se o nosso olhar partir de um ponto equidistante de tudo.¹¹⁴

Olhar as periferias a partir do coração do Evangelho significa ir além de uma noção política e sociológica, embora haja alguma correlação. Sem uma perspectiva evangélica, a periferia não seria mais que um fenômeno histórico de urbanização e industrialização, lugar

¹¹¹ De acordo com Osmar Cavaca, “o discurso sobre os pobres, em Francisco, passa por três patamares: o do embasamento bíblico-cristológico, o de categorização teológica e o patamar eclesiológico” (CAVACA, Osmar. Uma eclesiologia chamada Francisco. Estudo da eclesiologia do Papa Francisco a partir da *Evangelii Gaudium*. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 83, p. 15-34, jan./jun. 2014).

¹¹² AQUINO JR., Francisco de. *Renovar toda a Igreja no Evangelho: desafios e perspectivas para a conversão pastoral na Igreja*. Aparecida: Santuário, 2019, p. 13.

¹¹³ FRANCISCO. *Encontro com os religiosos e as religiosas em Roma*. 16 maio 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/may/documents/papa-francesco_20150516_religiosi-roma.html. Acesso em: 16 out. 2023.

¹¹⁴ FRANCISCO, *Encontro com os religiosos e religiosas de Roma*.

onde se aglomeram os mais pobres¹¹⁵ e aqueles que não contam ou existem. A periferia, em termos espaciais e geopolíticos, seria simplesmente tudo aquilo que está longe do centro de autoridade e poder. Os distantes serão simplesmente aqueles que habitam as periferias e não têm acesso ao centro. Muitos pobres, nos grandes centros urbanos, não podem nem frequentar certas ruas, particularmente, onde moram os mais ricos, eles são vistos como uma ameaça. Até mesmo as igrejas matrizes estão construídas longe das periferias, obviamente que os mais pobres não frequentam nem sequer as celebrações dominicais. Algo não está certo e precisa incomodar. Para Agenor Brighenti,

A “vida em abundância” é central na mensagem cristã, meta de Jesus em sua missão, culminada na ressurreição. Ora, se a questão da “vida” é central na mensagem de Jesus, também precisa ser central na ação evangelizadora. Ainda mais quando, para nós, cristãos, a mesma “vida” intra-histórica tornou-se com “V” maiúsculo, a vida transfigurada em Cristo ressuscitado, pois o plano da redenção é a recapitulação do plano da criação. Por isso, toda forma de vida é sagrada, digna de ser cuidada, defendida e promovida, ainda que sem perder de vista a dignidade e grandeza do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, única criatura cocriadora.¹¹⁶

Mediante o exposto, confirma-se que a eclesiologia de Francisco tem forte embasamento bíblico, que encontra seu fundamento na práxis libertadora de Jesus de Nazaré. Falar das periferias do mundo e opção pelos pobres é falar fundamentalmente e substancialmente do Evangelho como Boa Nova sempre renovada, primeiramente para aqueles que não possuem nenhuma esperança.¹¹⁷ Hoje e sempre “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho” (EG n. 48). A pobreza está no centro do Evangelho. Para Tomáš Halík, “o Evangelho já serve aos pobres por meio do simples fato de falar deles, tornando-os visíveis”¹¹⁸. Ao propor uma eclesiologia encarnada nas periferias, Francisco faz a Igreja se recordar de sua origem. Há uma manjedoura e uma cruz no Evangelho, e isso precisa sempre questionar a ação eclesial.

¹¹⁵ Segundo Carlos Maria Galli, “el papa mira la situación mundial desde los pueblos pobres y los pobres de los pueblos. Las periferias no son sólo lugares privilegiados de misión sino también horizontes hermenéuticos que ayudan a conocer la realidad” (GALLI, Carlos María. La alegría siempre nueva del evangelio y las novedades pastorales de Francisco. In: BRIGHENTI, Agenor (org.). *Os ventos sopram do sul: o Papa Francisco a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 91).

¹¹⁶ BRIGHENTI, *Teologia Pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*, p.98.

¹¹⁷ O teólogo Antonio Spadaro afirma que “a história pessoal de Bergoglio leva-nos a compreender que ele nunca adotou nenhuma ideologia, mas sempre desejou encontrar as pessoas e precisamente em seus contextos. Sua teologia é uma teologia da proximidade, da encarnação. Esta proximidade torna-se muito importante, torna-se um desafio para a Igreja, mas também para a sociedade. O discurso eclesial do papa é também um discurso político, que no entanto nunca se identifica com posturas ideológicas” (SPADARO, Antonio. *A proposta do Papa Francisco: o futuro rosto da Igreja*. São Paulo. Loyola, 2013, p. 58).

¹¹⁸ HALÍK, *Não sem esperança*, p. 95.

Sob esse olhar, fica explícito que, para Francisco, as periferias não são apenas geográficas, mas também existenciais. Seguramente também eram para Jesus de Nazaré, um dado importante e que marca profundamente a eclesiologia de Francisco¹¹⁹. Ele é alguém que conhece as periferias, não fala delas de maneira abstrata, ou somente da sua cátedra. Antes de se tornar Francisco, o cardeal Bergoglio sempre foi um pastor e amigo dos pobres e missionário das periferias. Só um pastor “com cheiro de ovelhas” conhece as periferias e os pobres. Francisco propõe uma eclesiologia que ele vive. Francisco tem autoridade para falar das periferias e dos pobres. As periferias e os pobres sempre estiveram no centro de seu ministério.

Nitidamente, as periferias existenciais não são lugares e nem territórios físicos ou geográficos. São as situações limites da existência humana, experiências de sofrimento, dor, descaso etc. O discurso eclesial sobre os pobres pede coerência. Francisco faz a Igreja perceber as suas contradições e incoerências. Somente chegando às periferias geográficas e existenciais é que se percebe a desarticulação pastoral. A missionariedade tão repetida por Francisco na *Evangelii Gaudium* só é possível de ser vivenciada como mística que aproxima a Igreja dos pobres e de sua realidade de dor.¹²⁰ Sem essa missionariedade, a opção pelos pobres corre o risco de ser simplesmente uma metáfora.

Não existe missionariedade sem afetação, proximidade e misericórdia. Para Agenor Brighenti, “a vida é o ponto de chegada da pastoral e também o ponto de partida”¹²¹. Contemplar a dor da humanidade é se deixar afetar por ela, e essa dor modifica o agir pastoral e eclesial. Uma Igreja centrada em si mesma, autorreferencial, é uma Igreja que não consegue ver a dor dos que estão nas diversas periferias. Nesse sentido, para Francisco Aquino Júnior,

Os pobres e marginalizados ou as periferias do mundo, para a Igreja de Jesus Cristo, mais que um tema entre outros, são o lugar social em que ela deve se inserir e a perspectiva com qual deve se posicionar no mundo sobre os diferentes temas e problemas. E isso vale tanto para a ação pastoral quanto para a reflexão teológica.¹²²

¹¹⁹ Para o padre Spadaro, “a periferia, portanto, não é apenas um conceito sociológico ou cultural ou mesmo espiritual. É radicalmente um conceito teológico. O ‘centro’, para Bergoglio, corre o risco de ser o eu, e por isso ele afirma que Deus habita na ‘periferia’, onde habitam os ‘outros’. Rumo a esta ampla ‘periferia’ o cristão é chamado a estar sempre em tensão, porque ‘a realidade é percebida melhor da periferia que do centro’” (SPADARO, *A proposta do Papa Francisco: o futuro rosto da Igreja*, p. 60).

¹²⁰ Para Torralba, “las periferias de la existencia son también, lo que el filósofo y médico Karl Jaspers (1883-1969) denomino las situaciones límite (die Grenzsituationen): el dolor, la enfermedad, el fracaso, el desamor, la culpa, la frustración, la muerte propia y la muerte de un ser amado. Cuando uno sufre una circunstancia de este tipo se viene abajo, se caotiza su existencia y se produce una ruptura de los roles habituales, de las rutinas cotidianas. Entonces es cuando necesita, más que nunca, la ayuda de los demás, el apoyo incondicional, el consuelo sin fiscalización, en definitiva, un hospital de campaña para curar sus heridas. La Iglesia está llamada a ser este hospital de campaña que se instala, provisionalmente, donde están las periferias de la existencia, para aliviar el dolor, sanar el alma e inocular esperanza” (TORRALBA, *Diccionario Bergoglio*. Las palabras clave de un pontificado, p. 286).

¹²¹ BRIGHENTI, *Teologia Pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*, p. 95.

¹²² AQUINO JR., Francisco. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas, p. 14.

Nessa perspectiva, o programa pastoral do papa Francisco provoca uma verdadeira “mudança de agenda” na vida da Igreja, que deve ser “dinamizada e estruturada não a partir e em função de si mesma, mas a partir em função de sua missão”¹²³ e de seu estar no mundo. Não mais a partir de uma autorreferencialidade, mas como “uma Igreja de portas abertas” (EG n. 46), acolhedora e misericordiosa, uma Igreja samaritana, que cuida de todos e acolhe todos.¹²⁴ A humanidade está ferida, sem esperança, e se essas feridas não ferem a Igreja, então qual o sentido de seu existir? É preciso sempre voltar a Jesus. Nenhuma situação de dor era ignorada por ele. Para Francisco, a ação pastoral da Igreja é um caminho efetivo e afetivo.

Consequentemente, ignorar as diversas periferias geográficas e existenciais é abrigar-se em estruturas eclesiais que reforçam uma Igreja que abandonou o primeiro amor, o marco zero do projeto de Jesus. A Igreja precisa descobrir as Galileias de hoje. Esquecer dos pobres é falsear a experiência pascal. Em toda paróquia existem diversas periferias geográficas e existenciais, pessoas e lugares que ainda não foram contemplados.

A memória da paixão e ressurreição de Cristo não se resume somente a uma profissão de fé; ela é, sobretudo, prática libertadora. A experiência pascal exige da Igreja solidariedade com as vítimas de todos os tempos. No seu nascer, viver e morrer, Jesus foi periferia. Como viver profundamente a experiência pascal e continuar tão indiferente aos “crucificados” de hoje? O ressuscitado é, antes de tudo, um crucificado. Para José Antônio Pagola,

A Igreja do Ressuscitado tem a responsabilidade de que os crucificados não fiquem no esquecimento, que lhes faça justiça e que se mantenha sua esperança. Como repetiu tantas vezes J. B. Metz, a Igreja está chamada a ser *memoria passionis, mortis e resurrectionis Jesu Christi*. Diante da leitura otimista do progresso e da história ou diante dos planos econômicos e políticos que esquecem as vítimas e derrotados, a Igreja deve introduzir *memoria passionis*, memória dos que sofrem. Porém, deve introduzir, ao mesmo tempo, *memoria resurrectionis*, isto é, força crítica para exigir justiça e alento para sustentar a esperança última.¹²⁵

O paradigma eclesial e missionário proposto por Francisco se apresenta como chave hermenêutica necessária para a sociedade contemporânea. A Igreja está cada vez mais à margem, por isso é preciso descobrir nas periferias um novo destinatário pastoral. Para isso, é necessária uma autêntica e radical conversão pastoral e institucional. A Igreja deve sempre se perguntar de que lugar se olha o mundo: do centro ou da periferia? É importante se questionar

¹²³ AQUINO JR., *Renovar toda a Igreja no Evangelho*, p. 35.

¹²⁴ Para Castillo, “o problema que mais preocupa o papa Francisco nesse momento não é o ‘poder do papado’, mas o ‘sofrimento dos pobres’ e as causas que provocam esse sofrimento” (CASTILLO, *O Papa Francisco e o futuro da Igreja Católica mundial*).

¹²⁵ PAGOLA, *Recuperar o projeto de Jesus*, p. 194.

porque o olhar se limita muito ao círculo hermenêutico que o rodeia. Uma Igreja centrada em si mesma é uma Igreja que se esquece da Galileia.

3.2.1 “Uma Igreja pobre e para os pobres”

Como afirmamos no capítulo anterior, a história da salvação contida nas Sagradas Escrituras está marcada pela predileção de Deus pelos mais pobres e perseguidos. Deus não é indeciso. Deus toma partido. Javé é o Deus dos pobres. Sua opção é primeiramente pelos pobres e periféricos. Deus escolheu Israel, uma periferia entre impérios. Opção é tomar decisão, partido, escolher um lado. Entre opressores e oprimidos, fortes e fracos, Deus escolhe os oprimidos e fracos. Não se trata de uma escolha exclusivista. Deus se identifica mais com os fracos, descartados, aqueles em que ninguém aposta. A preocupação com os pobres, antes de ser eclesial, é uma preocupação divina. Em Jesus de Nazaré, Deus se fez pobre com os pobres, encarnando-se na pobreza e na periferia da Galileia. Uma aldeia até então esquecida. De acordo com o papa Francisco,

Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres¹²⁶. Esta salvação veio a nós, pelo “sim” de uma jovem humilde, de uma pequena povoação perdida na periferia de um grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres. (EG n. 197)

Obviamente, aqui, não se trata de politização da fé. A opção cristã remete a contemplar o Cristo no rosto dos sofrendores de todos os tempos e lugares¹²⁷. É inerente à fé cristã a solidariedade para com os mais pobres. Uma Igreja que afirma e reafirma sua opção pelos pobres deve ser, de fato, uma Igreja coerente com a fé que professa e com o Evangelho que anuncia. O teólogo José Antônio Pagola recorda que, em Jesus,

¹²⁶ O teólogo mexicano Carlos Mendoza-Álvarez afirma que “a grande intuição de Gustavo Gutiérrez, junto de outros teólogos latino-americanos dos anos 70 do século passado, seria descobrir que nessa história única da humanidade Deus fala sempre a partir das margens através dos pobres e dos excluídos. Mas não somente eles são seus principais interlocutores na história da revelação, senão que irromperam na história do mundo moderno, como o fizeram em outras épocas, mas agora com um projeto histórico, convertendo-se numa força histórica inusitada. Agora, nos tempos da modernidade tardia, tornaram-se sujeitos de seu próprio devir histórico” (MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. *Deus ineffabilis: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos*. São Paulo: É Realizações, 2016, p. 290).

¹²⁷ Ainda de acordo com Mendoza-Álvarez, “a única história de salvação não é neutra diante da conflitividade do mundo social, senão que, segundo tanto o testamento hebreu como o cristão, no meio do conflito de injustiça e de opressão que marca a história da humanidade, Deus manifesta uma opção pelos pobres, pelos excluídos, pelos marginalizados e pelos tratados como não pessoas. De maneira que, ao mesmo tempo que o Deus de Israel dirige um chamado universal à salvação por meio de seus profetas, tal chamado acontece sempre na história a partir da parcialidade do amor compassivo de Deus pelos pobres e pelos excluídos” (MENDOZA-ÁLVAREZ, *Deus ineffabilis: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos*, p. 290).

Sua paixão por Deus se traduz em compaixão pelo ser humano. É a misericórdia de Deus que atrai Jesus para os últimos: as vítimas, os que sofrem, os que são maltratados pela vida ou pelas injustiças dos poderosos; os pecadores e as pessoas indesejáveis, os desprezados por todos. O Deus da lei e da ordem, o Deus da adoração e dos sacrifícios, o Deus do sábado jamais poderia ter dado origem à atividade profética de Jesus, tão sensível ao sofrimento dos inocentes e à humilhação dos excluídos.¹²⁸

Por consequência, pode-se afirmar que a evangelização tem também uma dimensão social. Não se trata somente de salvar almas. É importante enfatizar que a preocupação com os pobres reforçada por Francisco não resume somente a uma preocupação cultural, social ou política, como argumentam os mais conservadores e resistentes, que o acusam inclusive de ser comunista. Falar dos pobres sempre é algo que incomoda. A opção pelos pobres, assumida por Jesus de Nazaré, e reassumida ao logo da história pela Igreja é, antes de tudo, uma opção bíblica, evangélica, teológica e, conseqüentemente, pastoral.¹²⁹ “Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica” (EG n. 198). Os pobres constituem o verdadeiro “lugar teológico”, lugar por excelência da mensagem cristã. “Para o cristianismo, a pobreza não é apenas uma metáfora”¹³⁰.

Para o papa Francisco, ninguém deve se sentir desobrigado do cuidado para com os pobres. A opção pelos pobres não é “uma missão reservada apenas a alguns” (EG n. 188). É compromisso de todos. Uma comunidade que se sente desobrigada do cuidado para com os mais pobres “facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios” (EG n. 207).

Como afirmamos anteriormente, durante toda a sua vida, Jesus viveu rodeado pelos pobres, gente de má fama.¹³¹ Não se tratava somente de alguns mendigos ou necessitados

¹²⁸ PAGOLA, José Antônio. *Caminhos de evangelização*. Petrópolis: Vozes, p. 51.

¹²⁹ Para Roberto Repole, “somente uma Igreja pobre e endereçada, em primeiro lugar aos pobres, aos marginalizados, aos excluídos, aos descartados da sociedade, pode se fazer, de fato, transparência daquele Cristo no qual se condensa todo o Evangelho de Deus. A questão da pobreza da Igreja e da sua preferência pelos pobres, longe de ser mera questão sociológica ou econômica é, ao invés, questão, primariamente, cristológica e, portanto, teológica” (REPOLE, *O sonho de uma Igreja evangélica*. A eclesiologia do Papa Francisco, p. 32).

¹³⁰ HALÍK, *Não sem esperança*, p. 93.

¹³¹ PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. *Dicionário de temas teológicos da Bíblia*. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas, 2022, p. 1160. No verbete sobre a pobreza, apresenta-se a seguinte afirmação: “percorrendo os evangelhos como a memória que as comunidades transmitiram a respeito da proposta e da praxe de Jesus ligada à leitura dos problemas e dos desafios que lhes eram contemporâneos, nota-se que os pobres e a pobreza não são apenas objeto da atenção de Jesus, mas também parte fundamental da vida e das escolhas das comunidades. A proposta de Jesus de um reino para os pobres demonstra a abertura para as classes inferiorizadas e degradadas: os famintos, os aflitos, aqueles que perderam a propriedade e vivem na extrema necessidade, os cegos, os coxos, todos aqueles que são obrigados a viver fora dos centros habitados, mendigando ao longo da estrada, os leprosos, considerados impuros e pecadores. O mesmo vale para os surdos e os mudos, as mulheres e as prostitutas. A ação de Jesus, peregrino entre os *ptochói*, se expressa das curas e da palavra (parábolas e bem-aventuranças). O Reino de Deus está próximo para os pobres e para os marginalizados, incluindo também aqueles que perderam toda dignidade”.

esporádicos. Os pobres de quem insistentemente os evangelhos falam são o extrato ou o setor mais oprimido, os que vivem sem nenhuma dignidade social. São os indigentes, a massa sobrando da sociedade. No entanto, essas pessoas não compõem uma massa anônima, têm rosto, nome, história.¹³² De maneira idêntica para o papa Francisco, “este imperativo de ouvir o clamor dos pobres faz-se carne em nós, quando no mais íntimo de nós mesmos nos comovemos à vista do sofrimento alheio” (EG n.193). Os pobres são “carne em nós”. Para Francisco, Jesus Cristo, o Deus que se fez carne, é encontrado sobretudo, nos pobres. Sob o mesmo ponto de vista, o teólogo Aquino Júnior, afirma que, “é preciso insistir, para além de toda abstração conceitual ou estatística, que o mundo dos pobres e marginalizados é um mundo constituído por pessoas concretas, com rostos concretos, com histórias concretas”¹³³.

Como reforça Francisco Aquino Júnior, o “cerne do processo de renovação ou reforma eclesial desencadeado por Francisco”¹³⁴ tem forte embasamento bíblico e eclesial. Ao propor uma Igreja pobre e para os pobres e em saída para as periferias, Francisco recorda que a grande ação de Deus na história foi justamente se fazer pobre com os pobres e se fazer periferia¹³⁵. Somente uma Igreja pobre no seu jeito de ser terá condições verdadeiramente bíblicas de ser uma Igreja junto dos pobres.

A missionariedade proposta por Francisco, como veremos, é em vista de tornar a Igreja mais próxima dos pobres. Não se trata de uma ação proselitista, trazer os pobres para a Igreja, mas justamente o contrário. Ser uma Igreja junto dos pobres e da humanidade sofredora que necessita de misericórdia. Ali onde o sofrimento humano é explícito e a vida parece não ter mais nenhum sentido ou valor, ou seja, junto daqueles para quem, diante dessa sociedade pós-otimista, não existe nenhuma esperança. Nessa perspectiva, uma pastoral contextualizada precisa ser personalizada, concentrando os esforços nas pessoas concretas, com quem se gasta o tempo e a quem se dá toda a atenção necessária. Nessa atenção máxima e personalizada, as comunidades eclesiais ainda precisam evoluir muito. As ações de Jesus eram ações demoradas e personalizadas, carregadas de ternura e misericórdia. A prioridade salvífica de Jesus de Nazaré era a vida dos pobres e não o templo e suas ações litúrgicas. O lugar da Igreja sonhada

¹³² Segundo Boaventura de Sousa Santos, “os sentidos foram dessensibilizados para a experiência direta do sofrimento dos outros” (SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 125).

¹³³ AQUINO JR., *Teologia em saída para as periferias*, p. 79.

¹³⁴ AQUINO JR., *Renovar toda a Igreja no Evangelho*, p. 35.

¹³⁵ De acordo com Lucio Casula, “a cristologia que o papa Francisco prefere não se encontra integral e exclusivamente nos livros, mas está escrita, em primeiro lugar, nos rostos, nos lugares e nos gestos de Cristo e dos homens. Lê-se no rosto dos pobres, nas periferias existenciais e nos gestos de proximidade para com as pessoas que sofrem” (CASULA, *Rostos, gestos e lugares*. A cristologia do Papa Francisco, p. 14).

por Francisco é o “ferido caído à beira do caminho”, o outro, o anônimo. Segundo Agenor Brighenti,

Uma “Igreja em saída” é uma Igreja essencialmente missionária, que faz da periferia o seu centro, superando a tentação e a segurança de uma Igreja autorreferencial. Nas periferias estão as fronteiras, os outros, os diferentes e as diferenças a acolher, o que implica aprender a se enriquecer com os diferentes. Para acolher os diferentes e as diferenças, só uma Igreja samaritana é capaz de abrir os braços, sem julgar ou condenar, mesmo quando não se concorda. Uma “Igreja em saída” é uma Igreja com coração, uma Igreja-mãe, advogada dos pobres e não juíza, que é a característica de uma Igreja, além de samaritana, também profética, que toma a defesa dos indefesos, empoderando-os, para que tenham voz e vez.¹³⁶

Colocar-se nesse lugar periférico, de margem, não é uma tarefa fácil para uma Igreja que ao longo do tempo sempre foi autorreferencial, clericalista – e mesmo para aqueles que se consideram uma “Igreja progressista”. É necessária autêntica conversão. Não é suficientemente evangélico somente uma opção pelos pobres. Jesus não somente optou pelos pobres, mas fez-se pobre com os pobres. É preciso também hoje fazer-se pobre com os pobres. A Igreja, nessa sociedade marcadamente consumista e que descarta vidas, deverá ser uma Igreja próxima dos pobres. Para isso, é necessário despir-se de certa autorreferencialidade, “mundanismo espiritual” (EG n. 93), superioridade e autossuficiência.¹³⁷ Uma Igreja capaz de dar esperança será uma Igreja que se faz próxima daqueles que são descartados. Sem essa proximidade, a Igreja será uma instituição sem radicalidade evangélica. De acordo com Agenor Brighenti,

O papa Francisco faz dos pobres uma questão primeira e central na vida da Igreja e de seu pontificado. A preocupação primeira do papa Francisco não é sua autoridade ou imagem pública, nem a doutrina da Igreja ou discursos bem arquitetados, mas o sofrimento e causa dos pobres do mundo, que são a causa de Deus. Como Jesus veio “para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10), a prioridade não é a religião, mas a vida minguada e ameaçada de dois terços da humanidade. Nisto está a essência do Evangelho, pois recolhe o modo de relação de Jesus com o sofrimento dos doentes, dos pobres, dos desprezados, sejam eles pecadores ou publicanos, crianças silenciadas ou mulheres desprezadas.¹³⁸

A eclesiologia dos pobres é cristológica, “no coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres” (EG n. 197) e, de acordo com Francisco, “esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos” (EG n. 198). Não é simplesmente uma questão

¹³⁶ BRIGHENTI, *Teologia pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*, p. 174.

¹³⁷ Segundo o jesuíta Mário de França Miranda, “o papa Francisco em sua Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* denuncia já certa ênfase no administrativo, no sacramental, no institucional (EG n. 63) que pode gerar uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou uma aparência religiosa vazia de Deus (EG n. 97)” (MIRANDA, Mário de França. *A reforma de Francisco: fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017, p. 61).

¹³⁸ BRIGHENTI, Agenor. Documento de Aparecida: o “texto original”, o “texto oficial” e o Papa Francisco. In: BRIGHENTI, Agenor (org.). *Os ventos sopram do sul: o Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019, p.183-232.

opcional ou ideológica. Não se trata de opção espiritualista pelos pobres, os pobres são reais e não virtuais. Os pobres têm se tornado corpos invisíveis de uma sociedade indiferente e mesmo para a Igreja, que finge que eles não existem. Tudo começa com uma atenção. Ao menos desde o Concílio Vaticano II, tem-se consciência de que a Igreja não é um fim em si mesmo, mas um “sinal e instrumento de salvação do mundo” (LG n. 1). Os pobres constituem o sentido existencial da própria Igreja. Na verdade, segundo o papa Francisco,

Quando vivemos a mística de nos aproximarmos dos outros com a intenção de procurar o seu bem, ampliamos o nosso interior para receber os mais belos dons do Senhor. Cada vez que os nossos olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus. (EG n. 272)

Francisco, ao propor uma Igreja nas periferias e juntos dos pobres, propõe conseqüentemente um outro olhar pastoral. O centro é limitador e sempre aprisionado pelas rubricas, episcopalismo, clericalismo e paroquialismo. A estrutura eclesial atual não prioriza a vida dos pobres. São inúmeros os desafios que as diversas periferias colocam para a ação pastoral. Assim sendo, o olhar a partir das periferias renova a ação pastoral. Situar-se nas periferias dá a possibilidade de uma criatividade pastoral.

Esta Igreja em saída preconizada por Francisco deve ter o olhar voltado para as periferias e para os pobres. Somente uma Igreja que sai e contempla o sofrimento do mundo e da humanidade é uma Igreja capaz de não se tornar indiferente.¹³⁹ “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo” (EG n. 49). Contemplar a dor da humanidade gera em nós qual reação? Nos evangelhos, percebemos que Jesus de Nazaré está sempre desafiando seus discípulos a saírem, a chegarem a outras margens, a se depararem com o sofrimento da multidão. Ninguém se depara com a dor da humanidade sem se deslocar. As periferias estão mais próximas da Igreja do que se imagina. Toda paróquia ou comunidade tem alguma área menos visitada, tem algum lugar ou alguém de quem ainda não se aproximou ou tomou consciência de sua existência e de sua dor. Francisco é um papa preocupado com as vítimas. Segundo Tomáš Halík,

Quem no nosso mundo ignora as feridas da miséria, do sofrimento e da dor de qualquer tipo, quem fecha os olhos para elas e se recusa a tocá-las, não tem o direito de exclaimar: “Meu Senhor e meu Deus”. Recuperemos a nossa fé na divindade de Jesus desde as definições dogmáticas, cuja linguagem é incompreensível para muitos dos nossos contemporâneos, até à ortopraxia de nossa abertura – solidária – à teofania (a revelação de Deus) no sofrimento das pessoas do mundo. Aqui nas feridas do nosso

¹³⁹ De acordo com Antonio Spadaro, “a espiritualidade de Bergoglio não é feita de ‘energias harmonizadas’, mas de rostos humanos: Cristo, São Francisco, São José, Maria” (SPADARO, *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*, p. 5).

mundo, podemos ver autenticamente o Deus invisível de maneira cristã e tocar em um mistério que de outra forma dificilmente poderia ser tocado.¹⁴⁰

Evidentemente que o caminho proposto por Francisco é mais do que simples deslocamento. Não se trata somente de uma mudança geográfica, do centro para a periferia ou da periferia para o centro. A mudança é, sobretudo, comportamental. É geoteológica. Mudar o lugar de fala é, também, mudar o lugar de pensar a própria teologia e o próprio fazer pastoral. Sem esse deslocamento se continuará a pensar da mesma maneira, sem nenhuma intercorrência na realidade atual. A travessia, o sair para as periferias, exige abandonar a confortável vida paroquial. Fala-se, pensa-se e propõe-se sempre do mesmo lugar. Dificilmente fala-se, pensa-se e propõe-se do lugar dos pobres, um lugar periférico, mas também um lugar profético.

3.2.2 Uma urgente conversão pastoral e estrutural

Todo o processo desencadeado por Francisco de uma Igreja em saída para periferias geográficas e existenciais, bem como de uma Igreja pobre com os pobres, só será possível mediante uma profunda conversão pastoral e estrutural¹⁴¹. Trata-se de uma conversão integral, que perpassa toda a Igreja. Na Igreja, “em muitas partes, predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral” (EG n. 63), de tal maneira que, em alguns lugares, a Igreja, mais do que um lugar de acolhida, acaba se tornando um lugar de negócios.

O paradigma da conversão pastoral pode soar como redundante, já que a conversão faz parte da vida eclesial. Se o papa Francisco fala insistentemente em conversão é porque realmente algo precisa de mudar.¹⁴² Para Francisco, o conceito está ligado a uma urgente e necessária mudança no agir pastoral. A Igreja em saída, em estado permanente de missão, tem que converter o seu modo de agir e de ser. Tal dinâmica de êxodo exige uma “conversão eclesial e missionária” (EG n. 25). A conversão pastoral exige igualmente mudança estrutural e metodológica. Não há ação pastoral que não passe constantemente por uma conversão. Sem

¹⁴⁰ HALÍK, *O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar*, p. 200.

¹⁴¹ Para João Batista Libanio, “conversão pastoral significa precisamente isso: proximidade do sofrimento, das angústias, da vida das pessoas e daí falar-lhes palavras de conforto, de estímulo, de coragem, de esperança, a partir da fé em Jesus Cristo e na Igreja” (LIBANIO, João Batista. *Uma Igreja mais pastoral e menos administrativa. Cadernos teologia pública, Papa Francisco no Brasil, alguns olhares*, Porto Alegre, Unisinos, n. 79, p. 25-30, 2013).

¹⁴² AZPITARTE, Eduardo López. Conversão. In: TAMAYO, Juan José (org.). *Novo dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 97. O autor, no verbete sobre a conversão, afirma que: “quando se fala de conversão, há imediatamente uma referência às suas raízes etimológicas, que manifestam sempre um significado parecido: volta, retorno, mudança. É a consequência de um reconhecimento e iluminação, pelos quais uma pessoa descobre que o caminho que tinha escolhido, as ideias que defendia, as atitudes que mantinha em sua prática não eram as mais adequadas para o cumprimento de um objetivo. Por isso, abandona o anterior pensar e comportar-se de uma maneira diferente, porque percebeu que se requer nova orientação, mudar de rumo, escolher outra vereda”.

conversão, a Igreja perderá a sua capacidade de atração e testemunho nesse mundo em constante mutação. O “sempre foi assim” não sacia mais a sede do cristão contemporâneo. Tal urgência não contempla somente uma conversão institucional e estrutural, mas, igualmente, um novo modo de proceder. De acordo com Francisco,

As reformas organizativas e estruturais são secundárias, isto é, vêm depois. A primeira reforma deve ser a da atitude. Os ministros do Evangelho devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de saber dialogar e mesmo de descer às suas noites, na sua escuridão, sem perder-se. O povo de Deus quer pastores e não funcionários ou “clérigos burocratas”. Os bispos, especialmente, devem ser homens capazes de apoiar com paciência os passos de Deus em seu povo, de modo que ninguém fique para trás, assim como acompanhar o rebanho, com seu olfato para encontrar pastagens novas.¹⁴³

Portanto, a conversão pastoral¹⁴⁴ se traduz em um novo modo de praticar o Evangelho no hoje, com suas alegrias e dores. Conversão é também abrir mão de certos paradigmas que não fazem mais sentido. Há tempos a Igreja é chamada a essa conversão. A conferência de Medellín (1968) já chamava atenção para uma “pastoral de conservação” (Med cap. 6, n. 1), fazendo referência ao modelo pré-conciliar de cristandade, ainda tão presente na vida da Igreja. Já a conferência de Santo Domingo (1992) enfatizava a necessidade de uma “conversão pastoral da Igreja” (DSD n. 30). Posteriormente, a conferência de Aparecida (2007) recupera a expressão de Santo Domingo, relacionando conversão e modelo de pastoral (DAp, n. 370). No Documento de Aparecida, “a conversão pastoral de nossas comunidades exige ir mais além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp n. 370). Medellín, Santo Domingo e Aparecida entendem a conversão pastoral como a travessia de uma pastoral de cristandade, marcadamente sacramentalista, clericalista e de conservação para uma pastoral de “pós-cristandade”, evangelizadora, sinodal, “decididamente missionária” (DAp n. 370). Percebe-se que a proposta de Francisco está em sintonia com anseios de outros tempos.

Dessa forma, Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, recupera a necessidade desejada anteriormente dessa profunda conversão.¹⁴⁵ Não se trata de uma

¹⁴³ SPADARO, *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*, p. 20.

¹⁴⁴ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia*. 2.ed. Brasília: CNBB, 2014, p. 33. No n. 51, afirma que, “toda conversão supõe um processo de transformação permanente e integral, o que implica o abandono de um caminho e a escolha de outro. A conversão pastoral sugere renovação missionária das comunidades, para passar de ‘uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária’. Isso supõe mudança de estruturas e métodos eclesiais, mas principalmente, exige uma nova atitude dos pastores, dos agentes de pastoral e dos membros das associações de fiéis e movimentos eclesiais”.

¹⁴⁵ Segundo Carlos Maria Galli, “Francisco quiere una Iglesia misio-céntrica. Su eclesiología sigue a Pablo VI: ‘la Iglesia existe para evangelizar’ (EN n. 14). Propone ‘la transformación misionera de la Iglesia’ (EG n. 19-51). ‘Una Iglesia en salida’ (EG n. 20-24) se des-centra al centrarse en Cristo por la conversión y en el hombre por la misión. El discípulo-misionero es un des-centrado porque su centro es Jesús Cristo, quien lo convoca a seguirlo y

conversão espiritualizada ou de fachada, é uma conversão radical. A Igreja em saída (EG n. 20) é uma Igreja que não se acomoda na estrutura institucional, é uma Igreja peregrina que vai ao encontro do sofrimento da humanidade. Palavras como: participação, descentralização, diálogo, serviço, ternura, sensibilidade, proximidade, entre muitas outras que compõem o vocabulário bergogliano, definem essa Igreja em constante êxodo. Para Agenor Brighenti, “o objeto da conversão pastoral é o fazer da Igreja e de seus agentes, que é a razão ou a própria finalidade da evangelização”¹⁴⁶. A via prática parece ser, antes de tudo, o caminho adotado por Francisco em seu ministério, o qual convida toda a Igreja a assumir. Para Francisco, é do testemunho e da vivência concreta do Evangelho que as mudanças podem acontecer.¹⁴⁷ Não se modifica o institucional sem antes modificar o comportamental. Convertendo o fazer, converte-se o ser.

Assim sendo, toda conversão institucional só será possível mediante profunda conversão pessoal. Sem essa autêntica conversão pessoal, nenhuma outra mudança será possível. Somente mudando as ações, os comportamentos, será possível, de fato, mudar a estrutura. “As estruturas estão para a ação e não a ação para as estruturas”¹⁴⁸. Como tornar efetivas tais mudanças em nossas paróquias e comunidades e não somente em Roma? Como superar o “paroquialismo” tão presente em nossas comunidades?

A conversão desejada por Francisco diz respeito a toda a comunidade eclesial.¹⁴⁹ Ninguém está isento dela. Toda a Igreja deve renovar-se inteiramente, porque toda a Igreja é missionária.¹⁵⁰ “Existe um só gênero de cristãos – os batizados. Quem preside não comanda

lo envía a las periferias” (GALLI, Carlos Maria. *Lectura teológica del texto de Evangelii Gaudium en el contexto del ministerio pastoral del Papa Francisco. Medellín*, n. 158, p. 47-88, abril- junio 2014).

¹⁴⁶ BRIGHENTI, *Teologia pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*, p.115.

¹⁴⁷ O teólogo Osmar Cavaca afirma que “a Igreja é um povo discípulo missionário. A medida que se encontra com Cristo, a pessoa não pode senão anunciá-lo, a exemplo dos primeiros discípulos (cf. Jo 1,41), da samaritana (cf. Jo 4,39) e do próprio Paulo que, após tê-lo encontrado ‘começou imediatamente a proclamar (...) que Jesus era o Filho de Deus’ (At 9,20). Tais gestos não nascem de uma obrigação, mas da espontaneidade da consciência, isto é, da fecundidade missionária que caracteriza todo aquele que se encontra com Jesus Cristo (EG n. 89). A ‘alegria do Evangelho’ nasce dessa *via pulchritudinis* (EG n. 167) em que se converte o caminho de todo homem que se encontra com Cristo” (CAVACA, *Uma eclesiologia chamada Francisco*, p. 25).

¹⁴⁸ BRIGHENTI, *Teologia pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*, p.166.

¹⁴⁹ De acordo com Mário de França Miranda, “para o papa Francisco, aparece com muita clareza que não haverá uma eficaz reforma da Igreja sem uma vivência pessoal e autêntica da fé cristã” (MIRANDA, *A reforma de Francisco*, p. 90).

¹⁵⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: sal da terra e luz do mundo*. Brasília: CNBB, 2016, p. 28. O documento, no n. 36, afirma que é “significativo avanço em relação ao laicato foi dado pelo papa Francisco com seus ensinamentos: a mística da proximidade; a pedagogia do diálogo, a revolução da ternura; o prazer de ser povo; a superação de estruturas ultrapassadas; a reforma dos Tribunais Eclesiásticos; a consciência de que a vida de cada pessoa é uma missão; a participação na política e nos movimentos populares; a certeza de que quem toca no pobre toca na carne de Jesus; a afirmação de que em cada irmão está o prolongamento permanente da Encarnação do Filho de Deus; a cura das feridas e o aquecimento dos corações e outros. Em tudo isso ele demonstra que a ação pastoral revela-se como exercício da maternidade da Igreja, que não tem medo de entrar na noite do povo. Nesses ensinamentos pastorais e espirituais vemos claros sinais da esperança que o papa deposita nos cristãos leigos e leigas como protagonistas da nova evangelização”.

nem decide sozinho. Não é a síntese dos ministérios”¹⁵¹. Na Igreja, todos os batizados são sujeitos ativos e não meros expectadores. “O missionário não é um voluntário”¹⁵². Na Igreja, ninguém é descartável, ninguém está desresponsabilizado. Evidentemente, a vivência de uma pastoral de mera conservação ainda é muito forte nas paróquias e comunidades. Não é fácil abrir mão desse paradigma. Não é fácil contemplar o mundo de outras margens. Contudo, é urgente chegar-se a outras margens e abrir mão de certas seguranças.

Nessa dinâmica proposta por Francisco, a comunidade eclesial se renova, recuperando a sua simplicidade e profundidade, abandonando toda autorreferencialidade, superioridade, autossuficiência e vaidade. É importante sempre recordar o exemplo deixado por Jesus na última ceia, quando ele lavou os pés de seus discípulos. A Igreja existe para servir. Uma Igreja mais evangélica é uma Igreja mais a serviço e comprometida com as fontes da vida. Essa chamada de Francisco a toda a Igreja só será possível mediante tal profunda conversão. É preciso “decolonizar” certas ações pastorais que teimam em continuar e, mesmo, provocar rupturas. A eclesiologia de Francisco é uma eclesiologia de ruptura. A única centralidade sonhada por Francisco é a “centralidade da misericórdia”. Para ele, “sem a misericórdia, a nossa teologia, o nosso direito e a nossa pastoral correm o risco de desmoronar na mesquinhez burocrática ou na ideologia que por sua natureza quer domesticar o mistério”¹⁵³.

3.3 A sinodalidade: um possível caminho

Um possível caminho para uma prática pastoral condizente com os desafios do atual momento histórico e eclesial iluminados pelas propostas do papa Francisco é o caminho sinodal. Desde o início de seu pontificado, direta e indiretamente, Francisco em suas reflexões tem chamado atenção sobre a necessidade de se ser uma Igreja Sinodal. Segundo ele, “a abordagem sinodal é algo de que nosso mundo tem muita necessidade hoje”¹⁵⁴. A sinodalidade não é em si uma novidade, faz parte da caminhada da Igreja, desde os seus primórdios. Em Francisco, a experiência sinodal é retomada e se apresenta como uma oportunidade eclesial atenta aos clamores e necessidades da realidade contemporânea. Há uma “atmosfera sinodal” no pontificado de Francisco. Todavia, a sinodalidade só será possível também mediante uma

¹⁵¹ FRANCISCO. *Audiência geral*. 8 setembro 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20210908_udienza-generale.html. Acesso em: 7 dez. 2023.

¹⁵² BRIGHENTI, *Teologia pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*, p.157.

¹⁵³ AQUINO JR., *Renovar toda a Igreja no Evangelho*, p.42.

¹⁵⁴ FRANCISCO. *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*. 17 outubro 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 3 jan. 2024.

efetiva conversão.¹⁵⁵ “Aberto a mudanças e a novas possibilidades, o Sínodo é sempre uma experiência de conversão para todos”¹⁵⁶. O atual modelo eclesial, muito fixado em estruturas de poder e no aspecto administrativo, não mais se sustenta. Desse modo, a sinodalidade se apresenta como um caminho possível de renovação.

Etimologicamente, tanto o substantivo sinodalidade como o adjetivo sinodal derivam da mesma palavra, sínodo, que é a união da partícula grega *syn*, que evoca a ideia de companhia, e do substantivo *hodós*, que significa caminho. Sínodo significa, portanto, caminhar juntos. Ao resgatar a sinodalidade, Francisco chama a atenção para uma Igreja que precisa caminhar junto, tanto com a realidade e seus desafios como com a humanidade com suas alegrias e dores. O povo de Deus é, por sua própria constituição bíblica e histórica, um povo peregrino. O povo de Deus não caminha sozinho, recordando assim que ninguém é Igreja isolado. Para Francisco, o objetivo da estrutura sinodal é justamente,

Não tanto forjar acordo, mas reconhecer, valorizar e reconciliar as diferenças, num plano maior, onde se possa ser mantido o melhor de cada uma. Na dinâmica do Sínodo, as diferenças são expressadas e polidas, até que se alcance, se não um consenso, uma harmonia que não apague os picos de diferença. É o que acontece na música: com sete notas musicais, seus tons altos e baixos, cria-se uma sinfonia maior capaz de articular as particularidades de cada uma. Nisso reside a sua beleza: a harmonia que resulta pode ser complexa, rica e inesperada. Na Igreja, quem gera essa harmonia é o Espírito Santo¹⁵⁷.

Os evangelhos mostram Jesus sempre caminhando junto com a humanidade de seu tempo, dificilmente se vê Jesus parado ou sozinho, a não ser em alguns momentos de oração, feitos sobretudo à noite. Jesus sempre participava da vida do povo. Uma Igreja sinodal é uma Igreja que se esforça para caminhar junto à humanidade, respeitando e se alegrando com as suas diferenças, partilhando os dramas e alegrias da existência. Dessa forma, uma Igreja que não caminha junto com o mundo e a humanidade não será jamais uma Igreja sinodal.

¹⁵⁵ Para Paulo Suess, na esteira da sinodalidade, “a conversão pastoral é conversão integral da própria Igreja, incluindo sua conversão sociopolítica, cultural e ecológica. Sinodalidade significa ‘caminhada comunitária’. Nessa caminhada, a Igreja dialoga com o mundo do qual faz parte, com suas estruturas e anseios, e se reconhece como sujeito histórico, necessitado de conversão. A sinodalidade, com sua dinâmica de escuta recíproca, é um instrumento dessa pastoral integral. Não se trata de um evento, mas de um processo permanente e amplo, de um estilo e de ser Igreja no horizonte do Reino de Deus” (SUESS, Paulo. O longo caminho da conversão sinodal à participação eclesial. In: AQUINO JR., Francisco; PASSOS, João Décio (orgs.). *Por uma Igreja sinodal: reflexões teológico-pastorais*, p.175-191. São Paulo: Paulinas, 2022).

¹⁵⁶ DOCUMENTO PREPARATÓRIO Sínodo 2023. Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-09/texto-lido-em-portugues.html>. Acesso em: 5 out. 2023.

¹⁵⁷ FRANCISCO. *Momento de reflexão para o início do percurso sinodal*. 9 outubro 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-caminhosinodale.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

É possível afirmar que a recepção teológica e pastoral proposta por Francisco e contida na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* somente será possível de ser executável pela via sinodal. Obviamente que a sinodalidade está longe de ser um mero procedimento operativo. Segundo o papa Francisco, a *Evangelii Gaudium* representa a “sua síntese” e, como ele mesmo afirma, “onde está a tua síntese, ali está o teu coração” (EG n. 143). Nessa sua encíclica, conhece-se o coração de Francisco, e o seu coração é um coração sinodal. No discurso ao V Congresso Nacional da Igreja Italiana, ele afirma:

Permitam-me só que vos deixe uma indicação para os próximos anos: em cada comunidade, em cada paróquia e instituição, em cada Diocese e circunscrição, em cada região, procurai dar início, de modo sinodal, a um aprofundamento da *Evangelii Gaudium* (...).¹⁵⁸

Não se compreende o caminho sinodal iniciado pelo papa Francisco sem compreender o seu programa de pontificado contido na *Evangelii Gaudium*. Aprofundar a sinodalidade é aprofundar a teologia e a eclesiologia nessa sua encíclica, mas não somente. Francisco aposta todo o seu pontificado numa Igreja missionária, periférica, misericordiosa, alegre, pobre com os pobres e sinodal. A sinodalidade é o *modus operandi* proposto pela *Evangelii Gaudium*.¹⁵⁹ A sinodalidade está para além de um evento, é um estilo de vida, um modo de ser da Igreja sonhada por Francisco. Diante disso, as dificuldades de vivenciar e acolher tal proposta do papa ficam mais explícitas. O medo de caminhar juntos revela também o medo de mudar, de abrir mão daquilo que dá segurança, da perda de lugares de poder. Por isso, o papa Francisco afirma terminantemente que

O tema da sinodalidade não é o capítulo de um tratado sobre eclesiologia, e muito menos uma moda, um *slogan* ou um novo termo a ser usado ou instrumentalizado nos nossos encontros. Não! A sinodalidade expressa a natureza da Igreja, a sua forma, o seu estilo, a sua missão. E assim falamos de Igreja sinodal, evitando, no entanto, considerar que seja um título entre outros, um modo de a considerar que preveja alternativas.¹⁶⁰

¹⁵⁸ FRANCISCO. *Encontro com os participantes do V congresso da Igreja Italiana*. 10 novembro 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151110_firenze-convegno-chiesa-italiana.html. Acesso em: 29 set. 2023.

¹⁵⁹ Segundo o teólogo Edward Guimarães, “uma Igreja sinodal em saída é aquela em que seus membros se preocupam com a humanidade, com a qualidade das condições de vida de cada pessoa humana e da nossa casa comum” (GUIMARÃES, Edward. *Igreja sinodal em saída para as periferias: um olhar para o projeto eclesial de Francisco*. In: AQUINO JR., Francisco; PASSOS, João Décio (orgs.). *Por uma Igreja sinodal: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2022, p.149).

¹⁶⁰ FRANCISCO. *Discurso aos fiéis da Diocese de Roma*. 18 setembro 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

Portanto, a proposta sinodal de Francisco está muito além de uma simples reunião de delegados. Para Francisco, embora o Sínodo seja “um organismo essencialmente episcopal”, que ele não seja realizado “separado do restante dos fiéis”, mas considerado “um instrumento privilegiado de escuta do Povo de Deus” (EG n. 6). Francisco sonha com uma Igreja toda ela sinodal. A sinodalidade não se resume a um tema ou um evento esporádico da Igreja. Aqui está a originalidade da proposta de Francisco, que muitos não conseguem perceber, por isso lhe são resistentes. A sinodalidade diz respeito a um modo de ser de toda a Igreja. Toda ação da Igreja deve ser pautada por essa mística sinodal e entende-se que efetivar uma vivência sinodal nas dioceses, paróquias e comunidades, só será possível mediante uma verdadeira conversão. A Igreja, em sua atual conjuntura e estrutura, estará disposta, de fato, a ser uma Igreja sinodal?

3.3.1 Sínodo e sinodalidade: riscos e oportunidades

Nesse caminho sinodal, a Igreja precisa estar disposta a correr riscos, reavaliar métodos, aceitar críticas, saber ouvir e entrar em diálogo. O papa Francisco tem consciência dos riscos, mas também das oportunidades de se vivenciar uma Igreja sinodal. Para ele, os três grandes riscos são:

O primeiro é o risco do formalismo. Pode-se reduzir um Sínodo a um evento extraordinário, mas de fachada, precisamente como se alguém ficasse a olhar a bela fachada duma igreja sem nunca entrar nela. Pelo contrário, o Sínodo é um percurso de efetivo discernimento espiritual, que não empreendemos para dar uma bela imagem de nós mesmos, mas a fim de colaborar melhor para a obra de Deus na história. Assim, quando falamos duma Igreja sinodal, não podemos contentar-nos com a forma, mas temos necessidade também de substância, instrumentos e estruturas que favoreçam o diálogo e a interação no Povo de Deus, sobretudo entre sacerdotes e leigos. Por que destaco isto? Porque às vezes há algum elitismo na ordem presbiteral, que a separa dos leigos; e, no fim, o padre torna-se o “patrão da barraca” e não o pastor de toda uma Igreja que está avançando. Isto requer a transformação de certas visões verticalizadas, distorcidas e parciais sobre a Igreja, o ministério presbiteral, o papel dos leigos, as responsabilidades eclesiais, as funções de governo etc.¹⁶¹

O termo formalismo aqui usado pelo papa Francisco dentro da proposta sinodal, deve ser compreendido como risco de se dar preferência à forma em detrimento do conteúdo ou significado. Assim, o formalismo se apresenta como a tentação de se preocupar mais com o modo do que com aquilo que deve ser apresentado. Percebe-se que Francisco não quer contrapor conteúdo e forma. Ambos são importantes. Tudo deve propiciar o diálogo e a interação. Assim, entende-se que a Igreja está sempre disposta a dialogar e interagir com todos.

¹⁶¹ FRANCISCO. *Momento de reflexão para o início do percurso sinodal*.

Um segundo risco é o do intelectualismo (da abstração, a realidade vai para um lado e nós, com as nossas reflexões, vamos para outro): transformar o Sínodo numa espécie de grupo de estudo, com intervenções cultas mas alheias aos problemas da Igreja e aos males do mundo; uma espécie de “falar por falar”, onde se pensa de maneira superficial e mundana, acabando por cair nas habituais e estereis classificações ideológicas e partidárias, e alheando-se da realidade do santo Povo de Deus, da vida concreta das comunidades espalhadas pelo mundo.¹⁶²

A caminhada sinodal se faz com os pés na vida do povo, no chão da história. O Sínodo não resume apenas a uma coleta de dados, reuniões e debates de um grupo. Tal processo de escuta precisa envolver todos. Na proposta de Francisco, a Igreja precisa ser mestra em ouvir, para, dessa forma, ser capaz também de discernir.

Por fim, pode haver a tentação do imobilismo: dado que “se fez sempre assim” (EG n. 33) – esta afirmação “fez-se sempre assim” é um veneno na vida da Igreja –, é melhor não mudar. Quem se move neste horizonte, mesmo sem se dar conta, cai no erro de não levar a sério o tempo que vivemos. O risco é que, no fim, se adotem soluções velhas para problemas novos: um remendo de pano cru, que acaba por criar um rasgão ainda maior (cf. Mt 9, 16). Por isso, é importante que o caminho sinodal seja verdadeiramente tal, que seja um processo em desenvolvimento; envolva, em diferentes fases e a partir da base, as Igrejas locais, num trabalho apaixonado e encarnado, que imprima um estilo de comunhão e participação orientado para a missão.¹⁶³

O imobilismo é a tentação de se acomodar perante os inúmeros desafios. A Igreja proposta por Francisco não teme a coragem de mudar. O tempo presente espera uma Igreja ousada em mudar. Sem essa ousadia, a Igreja continuará em dissonância com a realidade e correndo o risco de falar para um mundo que não existe mais. Sobre as oportunidades, Francisco afirma:

Vivamos, pois, esta ocasião de encontro, escuta e reflexão como um tempo de graça – sim, irmãos e irmãs, um tempo de graça – que nos ofereça, na alegria do Evangelho, pelo menos três oportunidades. A primeira é encaminhar-nos, não ocasionalmente, mas estruturalmente para uma Igreja sinodal: um lugar aberto, onde todos se sintam em casa e possam participar. Depois o Sínodo oferece-nos a oportunidade de nos tornarmos Igreja da escuta: fazer uma pausa dos nossos ritmos, controlar as nossas ânsias pastorais para pararmos a escutar. Escutar o Espírito na adoração e na oração. (...) Escutar os irmãos e as irmãs sobre as esperanças e as crises da fé nas diversas áreas do mundo, sobre as urgências de renovação da vida pastoral, sobre os sinais que provêm das realidades locais. Por fim, temos a oportunidade de nos tornarmos uma Igreja da proximidade. Sempre voltamos ao estilo de Deus: o estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura. Deus sempre agiu assim. Se não chegarmos a esta Igreja da proximidade com atitudes de compaixão e ternura, não seremos Igreja do Senhor. E isto não só em palavras, mas com a presença, de tal modo que se estabeleçam maiores laços de amizade com a sociedade e o mundo: uma Igreja que não se alheie da vida, mas cuide das fragilidades e pobreza do nosso tempo, curando

¹⁶² FRANCISCO. *Momento de reflexão para o início do percurso sinodal.*

¹⁶³ FRANCISCO. *Momento de reflexão para o início do percurso sinodal.*

as feridas e sarando os corações dilacerados com o bálsamo de Deus. Não esqueçamos o estilo de Deus que nos deve ajudar: proximidade, compaixão e ternura.¹⁶⁴

Francisco insiste que o tempo presente é um “tempo de graça” e apenas um tempo difícil ou de provação, talvez o grande desafio seja realmente ver o atual momento histórico como, de fato, um “tempo de graça”, um tempo que impulsiona, desinstala. Em tempos de tantos distanciamentos e indiferentismo, Francisco convida a Igreja a escutar e se fazer próxima. Duas atitudes que se complementam. Para escutar, é necessário fazer-se próximo. Talvez o grande desafio para a Igreja seja realmente ouvir. Tudo começa com esse ouvir, que está para além de um simples escutar e que provoca cuidado e solidariedade com os mais pobres. Assim, compreende-se que uma Igreja autorreferencial e clericalista que monopoliza o uso da palavra não está disposta a ser uma Igreja sinodal. Quem fala na Igreja? Quem é ouvido na Igreja? Entrar em modo sinodal requer ampliar todos os sentidos.

“O que discutíeis pelo caminho?” pergunta o Cristo ressuscitado aos dois caminantes que se afastavam de Jerusalém. Tal pergunta é também oportuna para esse momento de caminhada eclesial. Nessa caminhada sinodal, o que realmente se está discutindo pelo caminho? A Igreja sempre se acostumou a ter resposta para todas as questões, contudo, o momento contemporâneo está muito pouco interessado nas mesmas e velhas respostas. É tempo de novas perguntas. O papa Francisco tem se mostrado alguém que não teme novas perguntas. O Sínodo, então, é convite a escutar, viver a mística da escuta. A Igreja precisa ser um lugar primeiramente de escuta. Contudo, este exercício da escuta dever ser feito com amor e misericórdia. Sem esse exercício, a palavra na Igreja corre o risco de continuar a ser monopolizada.

Dessa forma, fica evidente que uma Igreja centrada somente no clero e em lugares de poder não tem futuro. Uma Igreja onde o administrativo predomina sobre o pastoral não tem futuro. Uma vivência cristã que visa somente a recepção dos sacramentos e a observância dos mandamentos ou presa a uma liturgia terapêutica também não tem futuro. Somente uma Igreja inserida na sociedade de seu tempo, atenta às perguntas que o tempo presente impõe terá condições de ser uma Igreja sinodal e em sintonia com os anseios do homem e mulher modernos. O modelo eclesial numa grande maioria de dioceses e paróquias é ainda fortemente clerical e preso ao aspecto administrativo. Após 10 anos do pontificado de Francisco, o clericalismo e o padrão administrativo teimam em continuar. Essa centralização excessiva se apresenta como uma patologia que tem tornado a Igreja enferma, e o único remédio mediante

¹⁶⁴ FRANCISCO. *Momento de reflexão para o início do percurso sinodal.*

o diagnóstico dessa enfermidade, no momento, é a sinodalidade e, conseqüentemente, uma profunda conversão. Trata-se de um momento germinal, mas já em processo.

3.3.2 Caminhar juntos como povo de Deus

A sinodalidade é a identidade de uma Igreja que se reconhece como “povo de Deus” peregrino na história e pelas estradas da vida. A Igreja deve sempre se configurar como uma Igreja peregrina, missionária, em constante travessia, em busca de novos desafios. A Igreja se constitui como comunidade de irmãos onde todos importam. Quando o papa Francisco fala do povo de Deus, refere-se a seu “rosto pluriforme” (EG n. 116) e a sua “multiforme harmonia”.

Na *Evangelii Gaudium*, Francisco recupera a categoria “povo de Deus”, que marca a eclesiologia do Concílio Vaticano II. Tal categoria é fundamental para a compreensão de uma Igreja que se concebe toda ela sinodal. A comunidade eclesial é o lugar onde todos, com seus dons e carismas, podem participar e expressar as suas opiniões.¹⁶⁵ Contudo, ao longo dos anos, a Igreja aparentemente se esqueceu de ser lugar de escuta de seus membros. Para Tomáš Halík, esta concepção da Igreja enquanto povo de Deus que percorre a história, representa:

A Igreja em movimento e em constante mudança. Deus molda a forma da Igreja na História, revela-se nela e ensina-a por intermédio dos próprios acontecimentos históricos. Deus acontece na História. Essa concepção dinâmica de Deus na perspectiva da Teologia do Processo é o impulso para uma compreensão dinâmica da Igreja. Tanto a forma institucional da Igreja como o seu conhecimento teológico evoluem no curso da História. (...) Ao longo da sua história, a Igreja esteve a caminho, não num destino. O objetivo da sua história é escatológico, ocorrerá apenas para lá do horizonte do tempo histórico. Se a nossa Teologia, a nossa constante reflexão sobre a fé, perdesse o seu caráter aberto e peregrino, ela tornar-se-ia uma ideologia, uma falsa consciência.¹⁶⁶

Para que a Igreja possa, verdadeiramente, ser uma Igreja sinodal, é necessário superar essa visão verticalizada em que alguns decidem – e nesse caso são sempre os ministros ordenados – e os demais sempre escutam – nesse caso, os leigos. Obviamente existem funções e obrigações diferentes, mas todos os ministérios não são serviços de segunda categoria, antes, todos participam da caminhada da Igreja como verdadeiros protagonistas, ninguém é

¹⁶⁵ Para Francisco, a categoria “povo”, é de fato, aberta. “Um povo vivo, dinâmico e com futuro é aquele que permanece constantemente aberto a novas sínteses, assumindo em si o que é diverso. E se faz isso não negando a si mesmo, mas com disposição de se deixar mover, interpelar, crescer, enriquecer por outros; e, assim, pode evoluir” (FT n. 160).

¹⁶⁶ HÁLÍK, *O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar*, p. 271.

“figurante”, todos são atores principais. É preciso superar o binômio clero-leigos pelo binômio comunidade-ministérios. O papa alerta que

Todos são protagonistas, ninguém pode ser considerado um mero figurante. Isto deve ser bem compreendido: todos são protagonistas. O protagonista já não é o papa, o cardeal vigário, os bispos auxiliares; não: somos todos protagonistas, e ninguém pode ser considerado um mero figurante.¹⁶⁷

Francisco inclusive chega a afirmar que alguns grupos, como as mulheres, por exemplo, que muitas vezes são vistos como meros “figurantes”, devem estar “nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais” (EG n. 103). Por outro lado, outros afirmam que a participação sinodal é elaborar e ser escutado, enquanto as decisões competem somente aos ministros ordenados. Tal postura nada mais é que uma forma sutil de distorcer a sinodalidade e continuar a reforçar a autorreferencialidade, deixando tudo como está, dando somente um nome novo. “Distinção de tarefas”, porém, não significa que só alguns podem decidir os caminhos da Igreja. Por isso Francisco insiste que,

A sinodalidade, como dimensão constitutiva da Igreja, oferece-nos o quadro interpretativo mais apropriado para compreender o próprio ministério hierárquico (...). Entenderemos também que dentro dela ninguém pode ser “elevado” acima dos outros. Pelo contrário, na Igreja, é necessário que alguém “se abaixe” pondo-se ao serviço dos irmãos ao longo do caminho (...). Nesta Igreja, como numa pirâmide invertida, o vértice encontra-se abaixo da base. Por isso, aqueles que exercem a autoridade chamam-se “ministros”, porque, segundo o significado original da palavra, são os menores no meio de todos. É servindo o Povo de Deus que cada bispo se torna, para a porção do Rebanho que lhe está confiada, *vicarius Christi*, vigário daquele Jesus que, na Última Ceia, Se ajoelhou a lavar os pés dos Apóstolos (cf. *Jo* 13, 1-15). (...) Nunca nos esqueçamos disto! Para os discípulos de Jesus, ontem, hoje e sempre, a única autoridade é a autoridade do serviço, o único poder é o poder da cruz, segundo as palavras do Mestre: “Sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores, e que os grandes exercem sobre elas o seu poder. Não seja assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (*Mt* 20, 25-27). “Não seja assim entre vós”: nesta frase, chegamos ao próprio coração do mistério da Igreja – “não seja assim entre vós” – e recebemos a luz necessária para compreender o serviço hierárquico.¹⁶⁸

No paradigma apresentado por Francisco, a Igreja é essa “pirâmide invertida”, onde os ministros ordenados estão abaixo, como aqueles que servem, e não acima, como dominadores. Obviamente, sinodalidade não é anarquia ou ausência de liderança, mas também não é mera escuta de opiniões para, depois, as autoridades eclesiais decidirem tudo sozinhas. Trata-se de uma verdadeira sintonia, ou mesmo sinfonia, em que os diversos serviços e ministérios não

¹⁶⁷ FRANCISCO, *Discurso aos fiéis da Diocese de Roma*.

¹⁶⁸ FRANCISCO, *Discurso na comemoração do Cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*.

agem sem os pastores, nem estes sem as lideranças das comunidades. A Igreja não se resume somente a bispos e padres. Obviamente, não se trata de negar a dimensão institucional da Igreja, mas garantir que a própria instituição tenha o jeito de Jesus. Francisco tem consciência que

Há muitas resistências em superar a imagem de uma Igreja rigidamente dividida entre líderes e subordinados, entre os que ensinam e os que têm de aprender, esquecendo que Deus gosta de inverter posições: “Derrubou os poderosos dos seus tronos, elevou os humildes” (Lc 1, 52), disse Maria. Caminhar juntos evidencia como linha mais a horizontalidade do que a verticalidade. (...) Os pastores caminham com o povo: nós pastores caminhamos com o povo, às vezes à frente, outras no meio, e outras atrás. O bom pastor deve mover-se deste modo: na frente para guiar, no meio para encorajar e não esquecer o cheiro do rebanho, atrás porque também o povo tem “faro”. Tem olfato para encontrar novas vias para o caminho, ou para encontrar novamente a vereda perdida. Quero sublinhar isto, e também aos bispos e sacerdotes da diocese. No seu caminho sinodal, que se perguntem: “Mas sou capaz de caminhar, de me mover, na frente, no meio e atrás, ou estou só na cátedra, com a mitra e o báculo?”. Pastores misturados, mas pastores, não rebanho: o rebanho sabe que somos pastores, o rebanho conhece a diferença. Na frente para indicar o caminho, no meio para sentir o que as pessoas sentem, e atrás para ajudar aqueles que estão um pouco atrás e para deixar que o povo veja com o seu intuito onde estão as melhores relvas.¹⁶⁹

Uma Igreja realmente sinodal precisa abrir mão de uma certa rigidez, que divide ministros ordenados e leigos, “líderes e subordinados”. Para Francisco, como visto anteriormente, a horizontalidade é mais importante que a verticalidade. Todos, ministros ordenados e leigos, precisam contemplar o mesmo horizonte. As funções são distintas, mas complementares. O povo precisa dos padres e bispos e vice-versa.

3.3.3 Missionariedade e sinodalidade: caminhar juntos com os mais vulneráveis

Uma Igreja em saída para as diversas periferias geográficas e existenciais e uma Igreja sinodal não são duas eclesiologias diferentes, mas expressões de uma única e mesma eclesiologia. A Igreja só será sinodal se se colocar a caminho. Segundo o teólogo Aquino Júnior,

O processo de renovação/reforma eclesial proposto e conduzido por Francisco está estruturado em torno de dois aspectos fundamentais e inseparáveis do mistério da Igreja: missão e sinodalidade. Trata-se de uma reforma missionária (“Igreja em saída para as periferias”) e sinodal (“caminhar juntos” de todo o povo de Deus), na qual a missão é compreendida e vivida em perspectiva e dinamismo missionários.¹⁷⁰

¹⁶⁹ FRANCISCO, *Discurso aos fiéis da Diocese de Roma*.

¹⁷⁰ AQUINO JR., Francisco. Sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja. In: AQUINO JR., Francisco; PASSOS, João Décio (orgs). *Por uma Igreja sinodal: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo, Paulinas, 2022, p. 93.

Toda reforma só será possível pela vivência dessa única e mesma eclesiologia. Sinodalidade e missionariedade são inseparáveis e complementares. Na verdade, todos os paradigmas usados por Francisco para enfatizar sua eclesiologia só serão possíveis por uma vivência sinodal e missionária. Uma Igreja hospital de campanha, Igreja samaritana, Igreja de portas abertas, Igreja poliédrica, Igreja pobre e para os pobres: uma Igreja que só será efetivada pela via sinodal e vivência missionária, caso contrário, serão apenas chavões. Uma Igreja sinodal em saída para as periferias, para Francisco, significa

Sairmos de nós mesmos (...) para ir ao encontro dos outros, para ir às periferias da existência, sermos os primeiros a ir ao encontro dos nossos irmãos e irmãs, sobretudo dos mais distantes, de quantos estão esquecidos, dos que têm mais necessidade de compreensão, conforto e ajuda. Há muita necessidade de levar a presença viva de Jesus misericordioso e rico de amor.¹⁷¹

Uma Igreja sinodal é uma Igreja disposta a ouvir o clamor dos pobres. Uma Igreja sinodal prioriza os pobres. Se ela não ouve o clamor dos mais pobres, não é sinodal. Na Igreja fala-se muito dos pobres, mas, muitas vezes, não é permitido que os pobres falem. A Igreja não ouve os pobres, porque ouvir supõe proximidade. Para ouvir os pobres é preciso se fazer próxima deles. Os pobres sequer participam das comunidades. Mais do que uma Igreja para os pobres, o grande desafio é ser uma Igreja com os pobres. O caminho sinodal é um caminho que perpassa essa presença junto dos pobres, dos últimos. Somente uma Igreja pobre e junto dos pobres consegue ser verdadeiramente sinodal, porque escutará aqueles e aquelas que ninguém escuta. Os pobres são fundamentais para a realização de uma Igreja sinodal. Por isso, Francisco faz uma séria e necessária advertência:

Preocupamo-nos muito, e com razão, que tudo possa honrar as celebrações litúrgicas, e isto é bom – embora muitas vezes acabemos por nos confortar apenas a nós mesmos –, mas São João Crisóstomo admoesta-nos: “Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que seja objeto de desprezo nos seus membros, ou seja, nos pobres, que não têm com que se cobrir. Não o honres aqui na igreja com panos de seda, enquanto fora o negligencias quando sofre de frio e nudez. Aquele que disse: ‘Este é o meu corpo’, confirmando o fato com a palavra, também disse: ‘Vistes-me com fome e não me destes de comer’, e: ‘Sempre que não fizestes isto a um dos pequeninos, foi a mim que não o fizestes’” (Homilias sobre o Evangelho de Mateus, 50, 3). “Mas, Padre, o que está a dizer? Os pobres, os mendigos, os jovens toxicod dependentes, todos estes que a sociedade descarta, são parte do Sínodo?”. Sim, caro, sim, cara: não o digo eu, é o Senhor quem o diz: são parte da Igreja. A ponto que, se não os chamarmos, veremos o modo, ou se não os procurarmos para estar algum tempo com eles, para ouvir não o que dizem, mas o que sentem, até os insultos que nos dirigem, não estamos a fazer bem o Sínodo. O Sínodo vai até aos limites, inclui todos.¹⁷²

¹⁷¹ FRANCISCO. *Audiência Geral*. 27 março 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2013/documents/papa-francesco_20130327_udienza-generale.html. Acesso em: 5 out. 2023.

¹⁷² FRANCISCO, *Discurso aos fiéis da Diocese de Roma*.

Francisco é radical. A Igreja só será sinodal se ela, de fato, se aproximar dos pobres, “para ouvir não o que dizem, mas o que sentem”¹⁷³. É interessante perceber que, para Francisco, escutar é sentir, não se resume somente a ouvir. A sinodalidade, supõe se deixar afetar pelo outro. Como faz falta, aos pobres de hoje, uma Igreja que sinta com eles a sua dor. Tomáš Halík afirma que, em caminho sinodal,

Não devemos apenas reformular o ensino tradicional da Igreja e as regras sobre o que devemos fazer como cristãos. Isso se chama ortodoxia e ortopraxis. Mas devemos também desenvolver uma boa atitude de *pathos*, de sentir as necessidades mais profundas das pessoas; portanto, uma nova ortopatia.¹⁷⁴

Na base dessa intuição teológica de Tomáš Halík, amplia-se o sentido da sinodalidade, e tal sentido está em profunda sintonia com aquilo que o papa Francisco também compreende. Diante de uma humanidade sem nenhuma perspectiva, ferida, sedenta de esperança, as questões de ortodoxia e ortopraxis dizem muito pouco. Volta-se, aqui, ao que já foi apresentado anteriormente: não se trata simplesmente de mudar a norma ou a estrutura, é necessário mudar primeiramente o comportamento. O tempo presente anseia por uma Igreja que seja capaz enxergar o que dói na humanidade, “sentir as necessidades mais profundas das pessoas”¹⁷⁵. É impensável compreender a Igreja sem essa afetação. A sinodalidade proposta pelo papa passa pelos sentidos.

Concluindo, afirmamos que a eclesiologia proposta por Francisco aponta para diversas urgências. Só seremos realmente uma Igreja sinodal se todos os nossos sentidos forem afetados pela dor que assola o mundo e a humanidade, e se, de fato, chegarmos aos últimos, caso contrário, nossa ortodoxia e ortopraxis não fazem sentido nenhum. Só a partir dos últimos deste mundo que viveremos realmente uma profunda renovação eclesial. De acordo com o papa Francisco, “ir às periferias de fato permite sentir o sofrimento e as carências de um povo, mas permite também que sejam descobertas alianças que já estão sendo feitas, para apoiá-las e estimulá-las. O abstrato nos paralisa e o concreto cria possibilidades”¹⁷⁶.

Uma Igreja em saída é, hoje, a única saída para uma Igreja inserida neste mundo globalizado, capitalista e indiferente aos valores do Evangelho. Uma Igreja em saída é uma

¹⁷³ FRANCISCO, *Discurso aos fiéis da Diocese de Roma*.

¹⁷⁴ HALÍK, Tomáš. Sinodo: além de ortodoxia e ortopraxis, a Igreja precisa de uma nova ortopatia. *IHU On-line*. 13 fev 2023. Entrevista concedida a: Ludwig Ring-Eifel. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626175-sinodo-alem-de-ortodoxia-e-ortopraxis-a-igreja-precisa-de-uma-nova-ortopatia-entrevista-com-tomas-halik>. Acesso em: 4 out. 2023.

¹⁷⁵ HALÍK, Sinodo: além de ortodoxia e ortopraxis, a Igreja precisa de uma nova ortopatia.

¹⁷⁶ FRANCISCO, *Vamos sonhar juntos*, p. 19.

Igreja que está próxima da dor do mundo e da humanidade. O horizonte da proposta de Francisco é a humanidade ferida e não somente a estrutura eclesial. A preocupação de Francisco é o afastamento da realidade humana, da carne humana. Uma Igreja desencarnada da vida dos pobres é uma Igreja desencarnada do projeto de Jesus de Nazaré. A compaixão, a misericórdia e a solidariedade são uma linguagem que ainda se precisa aprender, e isso explica muita coisa em nossa atual situação eclesial.

O testemunho do papa Francisco como mensageiro da esperança deve nos motivar a viver igualmente como missionários da esperança, inaugurando um novo tempo pautado pelo amor traduzido como proximidade, acolhimento, respeito e encorajamento a seguir em frente apesar de todas as adversidades.

CONCLUSÃO

Não há dúvida nenhuma, ao término do caminho percorrido, que, realmente, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* é o retrato da eclesiologia sonhada pelo papa Francisco. A proposta de uma Igreja missionária, em saída, com as portas abertas e que saiba anunciar o Evangelho com alegria é, de fato, uma eclesiologia que tem consciência dos sinais dos tempos.

A preocupação fundamental do papa Francisco é que fé a cristã é a experiência de um encontro com a pessoa de Jesus Cristo e de seu projeto. Ao longo de seu pontificado, centraliza a sua proposta no Evangelho, e para ele, o Evangelho é o essencial, todo o resto é secundário. Para Francisco, Jesus não é um homem do passado, pelo contrário, é uma presença viva hoje entre nós, um contemporâneo que nos interpela. O Evangelho está em contraste com a realidade, mas não contra ela.

A lógica da eclesiologia de Francisco é a lógica do próprio Jesus de Nazaré: sentir compaixão e cuidar. O papa sente que, ao longo do tempo, a Igreja priorizou mais a instituição e o poder do que o próprio Evangelho. Assim, quando a Igreja se esquece do Evangelho ou simplesmente o instrumentaliza, ela se perde, deixa de ser materna, torna-se burocrata. É necessário viver a “tensão da encruzilhada” para que o Evangelho não seja domesticado a bel prazer. Hoje não é suficiente um cristianismo de sobrevivência, muito menos uma pastoral de mera manutenção. A pastoral não vive somente de uma manutenção, um “verniz”. A pastoral proposta por Francisco não teme o disruptivo, precisa desassossegurar.

Francisco é um homem com raízes latino-americanas, por isso carrega as marcas da teologia do povo, bem como da teologia da libertação, e esses traços latino-americanos, junto do povo sofredor, marcam profundamente a sua eclesiologia. Além, é claro, de toda formação e espiritualidade inicianas. É um Francisco jesuíta. Ele recupera a eclesiologia do povo de Deus do Vaticano II e a coloca em prática. Toda a crítica de Francisco à estrutura, ao clericalismo é justamente para reafirmar a eclesiologia do povo de Deus. Para Francisco, é notório que a Igreja não é uma “sociedade perfeita”, mas um lugar de comunhão. Evidencia-se assim, que a proposta de Francisco é de travessia, mas sem abandonar a herança do Vaticano II. Em Francisco, contemplamos, efetivamente, a eclesiologia apresentada pelo Vaticano II. Sob tal ponto de vista, a eclesiologia de Francisco é a mesma e ao mesmo tempo uma outra. Uma eclesiologia em processo de maturação.

Ciente de sua natureza santa, mas também pecadora, portanto, frágil, a Igreja se faz solidária também com os mais fracos e pobres. Incomodada pelo grito dos pobres e excluídos, rompendo certo imobilismo, caminha com mãos estendidas para amparar, socorrer, levantar e

cuidar. Essa renovação teológico-pastoral proposta por Francisco descentraliza, inverte a lógica, se faz poliédrica. A teologia de Francisco é a vida dos pobres e não o poder, não a autoridade ou a sua imagem pública, nem a doutrina ou o cânon, mas, sim, a vida com todas as alegrias e desgraças. Trata-se de uma mística com os pés na história.

Evidentemente, uma Igreja “em saída” para as diversas periferias e mais exposta ao mundo é uma Igreja mais vulnerável. Dessa forma, compreende-se a dificuldade de uma grande maioria em acolher e viver a proposta de Francisco. É mais cômodo reforçar a instituição. Reforça-se, em tempos de urgência missionária, uma Igreja autorreferencial, a Igreja de cristandade, pautada pelo eclesiocentrismo de uma instituição que se crê ainda como único meio de salvação. Ao longo do pontificado de Francisco, percebemos essas duas realidades, uma Igreja que sonha em sair, mas, também, uma Igreja que insiste em ficar.

Os contornos de uma pastoral efetiva e afetiva acompanham toda a exortação *Evangelii Gaudium*. Passa pela acolhida e pelo cuidado, ou melhor, uma ação pastoral com coração samaritano. Acolher e cuidar, verbos que precisam ser conjugados na Igreja nos dias atuais. Francisco se preocupa com o humano.

O testemunho do papa Francisco, como mensageiro da esperança, num contexto marcadamente sem esperança, é capaz de motivar a vivermos igualmente como missionários da esperança, inaugurando um novo tempo pautado pelo amor traduzido como proximidade, acolhimento, respeito, desarmado de preconceito, mesmo com tantos ventos contrários. Francisco propõe uma eclesiologia leve, carregada de gestos, poética, capaz de renovar a esperança na e da humanidade.

A Igreja tem que ser contemporânea. Para questões e realidades novas, respostas e propostas novas. A crise é um momento fecundo de mudança do que não pode mais se sustentar. Tal questão merece aprofundamento rápido, porque o tempo urge. Uma evangelização contemporânea deve levar em conta a realidade e seus desafios.

Ao final deste trabalho, resta-nos a certeza de que realmente Francisco é, em si mesmo, a eclesiologia necessária para os dias atuais. Constantemente, ele se esforça para afastar de seu modo de ser e de agir tudo aquilo que não condiz com o Evangelho. Trata-se de uma profunda *kénosis*, um esvaziamento. Alguém que sabe que só existe para o serviço. Aos olhos dos que lhe são resistentes, isso soa como uma afronta, mas, sim, Francisco é a eclesiologia tão urgente para os nossos dias. Apesar das inúmeras tensões, apesar do peso institucional que Francisco carrega, ele vive um papado de maneira livre e leve. Há uma leveza em seu jeito de ser. Contudo, pessoas livres costumam incomodar. Ele é um papa que, através de seus gestos, demonstra que é humano. Em Francisco contemplamos os gestos e as palavras de uma

eclesiologia tão necessária para o atual momento histórico. Francisco encarna, em si, a teologia e pastoral que crê.

Verdadeiramente, a eclesiologia de Francisco, está em “gestação”, talvez ainda muito embrionária, mas carregada de vida. Francisco, como papa pós-moderno, mostrou que é possível para a Igreja dialogar com tudo aquilo que lhe parece estranho e espinhoso. Esse desejo de conversão ou de mudança não se iniciou com Francisco, já está na Igreja há muito tempo. Contudo, com Francisco tal desejo ganha mais força, mas, também, muita resistência. Apesar de tudo, Francisco nos possibilita e nos convida a sonhar com o amanhecer de um novo tempo eclesial.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2014.
- AQUINO JR., Francisco; PASSOS, João Décio (orgs.). *Por uma Igreja Sinodal: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2022.
- AQUINO JR., Francisco. *Igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- AQUINO JR., Francisco. *Teologia em saída para as periferias*. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: Unicap, 2019.
- AQUINO JR., Francisco. *Renovar toda a Igreja no Evangelho: desafios e perspectivas para a conversão pastoral na Igreja*. Aparecida: Santuário, 2019.
- AQUINO JR., Francisco. Sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja. In: AQUINO JR., Francisco; PASSOS, João Décio (orgs.). *Por uma Igreja sinodal: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2022.
- AZPITARTE, Eduardo López. Conversão. In: TAMAYO, Juan José (org.). *Novo dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009. p.97-103.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAUMAN, Zigmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAUMAN, Zigmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BOFF, Leonardo. Será a primavera depois de um duro inverno: entrevista com Leonardo Boff. *IHU On-line*. 6 jan. 2017. Entrevista concedida a: Joachim Frank. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/atendimento-espiritual/563682-leonardo-boff-em-entrevista-o-papa-francisco-e-um-dos-nossos>. Acesso em: 13 jan. 2024.
- BRIGHENTI, Agenor. Discernir a pastoral em tempos de crise. In: MORI, Geraldo Luiz (org.). *Discernir a pastoral em tempos de crise: realidade, desafios, tarefas: contribuições do 1º Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral*. São Paulo: Paulinas, 2022. p. 27-49.
- BRIGHENTI, Agenor (org.). *Os ventos sopram do sul: o Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019.
- BRIGHENTI, Agenor. Documento de Aparecida: o “texto original”, o “texto oficial” e o Papa Francisco. In: BRIGHENTI, Agenor (org.). *Os ventos sopram do sul: o Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 183-232.
- BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral: a inteligência reflexa da ação evangelizadora*. Petrópolis: Vozes, 2021.

CASTILLO, José Maria. O sucesso do papa Francisco. *IHU On-line*. 14 nov. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/573599-o-sucesso-do-papa-francisco-artigo-de-jose-maria-castillo>. Acesso em: 10 jan 2024.

CASTILLO, José Maria. O Papa Francisco e o futuro da Igreja Católica mundial. In: SILVA, da José Maria (org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 111-120.

CASULA, Lucio. *Rostos, gestos e lugares: a cristologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2018.

CAVACA, Osmar. Uma eclesiologia chamada Francisco. Estudo da eclesiologia do papa Francisco a partir da *Evangelii Gaudium*. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, n. 83, p. 15-34, jan./jun. 2014.

CODA, Piero. *A Igreja é o Evangelho*. Nas fontes da teologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2018.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001.

COLLIN, Dominique. *O cristianismo ainda não existe: entre projetos inexistentes e a prática do Evangelho*. Petrópolis: Vozes, 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. A conversão pastoral da paróquia. Brasília: CNBB, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*. Brasília: CNBB, 2016.

COZZI, Alberto; REPOLE, Roberto; PIANA, Giannino. *Papa Francisco: que teologia?* Prior Velho: Paulinas, 2016.

DOCUMENTO PREPARATÓRIO Sínodo 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-09/texto-lido-em-portugues.html>. Acesso em: 5 out. 2023.

FOSSION, André. *O Deus desejável: proposição da fé e iniciação*. São Paulo: Loyola, 2015.

FUMAGALLI, Aristide. *Caminhar no amor: a teologia moral do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2018.

FRANCISCO. *A esperança cristã*. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO. *A misericórdia*. São Paulo: Paulus: 2018.

FRANCISCO. *Angelus*. 3 agosto 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2014/documents/papa-francesco_angelus_20140803.html. Acesso em: 12 set. 2023.

FRANCISCO. *Angelus*. 17 março 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2013/documents/papa-francesco_angelus_20130317.html. Acesso em: 4 nov 2023.

FRANCISCO. *Aos participantes no curso promovido pelo Tribunal da Penitenciária Apostólica*. 12 março 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/march/documents/papa-francesco_20150312_tribunale-penitenzieria-apostolica.html. Acesso em: 12 set 2023.

FRANCISCO. *Audiência geral*. 7 dezembro 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161207_udienza-generale.html. Acesso em: 20 out. 2023.

FRANCISCO. *Audiência Geral*. 27 março 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130327_udienza-generale.html. Acesso em: 5 out. 2023.

FRANCISCO. *Audiência geral*. 8 setembro 2021. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2021/documents/papa-francesco_20210908_udienza-generale.html. Acesso em: 7 dez. 2023.

FRANCISCO. *Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia*. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO. *Caminhar com Jesus: o coração da vida cristã*. São Paulo: Fontanar, 2015.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Loyola, 2015.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Loyola, 2015.

FRANCISCO. *Carta por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina*. 3 março 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html. Acesso em: 6 nov. 2023.

FRANCISCO. *Discurso aos fiéis da Diocese de Roma*. 18 setembro 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/september/documents/20210918-fedeli-diocesiroma.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

FRANCISCO. *Discurso à plenária do pontifício conselho para a pastoral dos migrantes e itinerantes*. 24 maio 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130524_migranti-itineranti.html. Acesso em: 9 ago. 2023.

FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos participantes na plenária do Pontifício Conselho para a promoção da nova evangelização*. 14 outubro 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa->

francesco_20131014_plenaria-consiglio-nuova-evangelizzazione.html. Acesso em: 13 jan. 2023.

FRANCISCO. *Discurso*. 25 julho 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130725_gmg-comunita-varginha.html#:~:text=Ningu%C3%A9m%20pode%20permanecer%20insens%C3%ADvel%20%C3%A0s,acabar%20com%20tantas%20injusti%C3%A7as%20sociais. Acesso em: 30 nov. 2023.

FRANCISCO. *Discurso do papa Francisco aos párocos da diocese de Roma*. 6 março 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/march/documents/papa-francesco_20140306_clero-diocesi-roma.pdf. Acesso em: 3 jan. 2024.

FRANCISCO. *Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*. 17 outubro 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 3 jan. 2024.

FRANCISCO. *Discurso: Visita ao bairro pobre de Kameme, Nairobi-Quênia*. Disponível: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151127_kenya-kangemi.html. Acesso em: 6 nov. 2023.

FRANCISCO. *Encontro com os religiosos e as religiosas em Roma*. 16 maio 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/may/documents/papa-francesco_20150516_religiosi-roma.html. Acesso em: 16 out. 2023.

FRANCISCO. *Encontro com os participantes do V congresso da Igreja Italiana*. 10 novembro 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151110_firenze-convegno-chiesa-italiana.html. Acesso em: 29 set. 2023.

FRANCISCO. *Encontro com os representantes dos meios de comunicação social*. 16 março 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html. Acesso em: 4 fev 2023.

FRANCISCO. *Encontro com os jovens universitários*. 3 agosto 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230803-portogallo-universitari.html>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Aos jovens e a todo o povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO. *Homília*. 8 julho 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html. Acesso em: 10 dez. 2022.

FRANCISCO. *Homilia*. 21 janeiro 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/%20documents/papa-francesco_20170121_omelia-domenicani.html. Acesso em: 4 nov. 2023.

FRANCISCO. *Homilia no Domingo da Misericórdia*. 11 abril 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-04/homilia-papa-francesco-domingo-misericordia-texto-integral.html>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FRANCISCO. *Mensagem vídeo para o encontro internacional TED em Vancouver*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2017/documents/papa-francesco_20170426_videomessaggio-ted-2017.html. Acesso em: 27 nov. 2023.

FRANCISCO. *Momento de reflexão para o início do percurso sinodal*. 9 outubro 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

FRANCISCO. *O futuro da fé: entrevistas com o sociólogo Dominique Wolton*. Rio de Janeiro: Petra, 2018.

FRANCISCO. O poder e o sagrado. Discurso do Papa Francisco no Cazaquistão. *IHU On-Line*. 15 set. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/622203-o-poder-e-o-sagrado-discurso-do-papa-francesco-no-cazaquistao>. Acesso em: 3 jan. 2024.

FRANCISCO. *O nome de Deus é misericórdia*. São Paulo: Planeta, 2016.

FRANCISCO. *Quem sou eu para julgar?* Rio de Janeiro: LeYa, 2017.

FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO. *Viagem apostólica do Papa Francisco ao Canadá*. Vésperas com os bispos, os sacerdotes, os diáconos, os consagrados, os seminaristas e os agentes da pastoral. 28 julho 2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2022/documents/20220728-omelia-vespri-quebec.html>. Acesso em: 16 nov. 2022.

GALLI, Carlos María. Líneas teológicas, pastorales y espirituales del magisterio del Papa Francisco. *Medellín*, v. XLIII, n. 167, p. 93-158, enero-abril 2017.

GALLI, Carlos María. Lectura teológica del texto de *Evangelii gaudium* en el contexto del ministerio pastoral del Papa Francisco. *Medellín*, n. 158, p. 47-88, abril- junio 2014.

GALLI, Carlos María. *Cristo, Maria, a Igreja e os povos: a mariologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2018.

GALLI, Carlos María. La alegría siempre nueva del evangelio y las novedades pastorales de Francisco. In: BRIGHENTI, Agenor (org.). *Os ventos sopram do sul: o Papa Francisco a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019.

GUIMARÃES, Edward. Igreja sinodal em saída para as periferias: um olhar para o projeto eclesial de Francisco. In: AQUINO JR., Francisco; PASSOS, João Décio (orgs.). *Por uma Igreja sinodal: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2022.

HALÍK, Tomáš. *Paciência com Deus: oportunidade para um encontro*. São Paulo: Paulinas, 2015.

HALÍK, Tomáš. *Toque as feridas: sobre sofrimento, confiança e a arte da transformação*. Petrópolis: Vozes, 2016.

HALÍK, Tomáš. *A noite do confessor: a fé cristã num mundo de incerteza*. Petrópolis: Vozes, 2016.

HALÍK, Tomáš. *Não sem esperança: o retorno da religião em tempos pós-otimistas*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HALÍK, Tomáš. *O tempo das Igrejas vazias*. Prior Velho: Paulinas, 2020.

HALÍK, Tomáš. *Quero que sejas: podemos acreditar no Deus do amor?* Petrópolis: Vozes, 2018.

HALÍK, Tomáš. *O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar*. Petrópolis: Vozes, 2023.

HALÍK, Tomáš. Sínodo: além de ortodoxia e ortopraxis, a Igreja precisa de uma nova ortopatia. *IHU On-line*. 13 fev. 2023. Entrevista concedida a: Ludwig Ring-Eifel. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626175-sinodo-alem-de-ortodoxia-e-ortopraxis-a-igreja-precisa-de-uma-nova-ortopatia-entrevista-com-tomas-halik>. Acesso em: 4 out. 2023.

HALÍK, Tomáš. Um Papa atento aos “sinais dos tempos”. *IHU On-line*. 4 nov. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/604334-um-papa-atento-aos-sinais-dos-tempos-artigo-de-tomas-halik>. Acesso em: 4 nov. 2023.

HAN, Byung-Chun. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chun. *Louvor à Terra: uma viagem ao jardim*. Petrópolis: Vozes, 2021.

KASPER, Walter. *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015.

LIBÂNIO, João Batista. Uma Igreja mais pastoral e menos administrativa. *Cadernos teologia pública, Papa Francisco no Brasil, alguns olhares*, Porto Alegre, Unisinos, n. 79, p. 25-30, 2013.

LOSADA, Leonidas Ortiz. La alegría del Evangelio Una Buena Noticia para América Latina y El Caribe. *Visión global de la Evangelii Gaudium. Medellín*, n. 158, p. 7-45, abril-junio 2014.

MELLONI, Alberto. Bauman e Francisco, a caminho que leva o mundo globalizado de volta ao Evangelho. *IHU On-line*. 10 ago. 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/570501>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MENDONZA-ÁLVAREZ, Carlos. *O Deus escondido da pós-modernidade: desejo, memória e imaginação*. Ensaio de teologia fundamental pós-moderna. São Paulo: Realizações, 2011.

MENDONZA-ÁLVAREZ, Carlos. *Deus inefabilis: uma teologia pós-moderna da revelação do fim dos tempos*. São Paulo: Realizações, 2016.

MIRANDA, Mário de França. Evangelizar ou humanizar? *Reb*, Petrópolis, n. 295, p. 519-548, jul./set. 2014.

MIRANDA, Mário de França. *A reforma de Francisco: fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017.

MIRANDA, Mário França. Linhas eclesiológicas da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (orgs.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2014

PAGOLA, José Antônio. *Recuperar o projeto de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2019.

PAGOLA, José Antônio. *Anunciar Deus hoje como boa notícia*. Petrópolis: Vozes, 2020.

PAGOLA, José Antônio. *Caminhos de evangelização*. Petrópolis: Vozes, 2020.

PAGOLA, José Antônio. *Cristo ressuscitado é nossa esperança*. Petrópolis: Vozes, 2021.

PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco. *Dicionário de temas teológicos da Bíblia*. São Paulo: Loyola; Paulus; Paulinas, 2022. p.1156-1163.

PERRONI, Marinella. *Querigma e profecia: a hermenêutica bíblica do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2018.

REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica: a eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Se Deus fosse um ativista dos direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2014.

SUESS, Paulo. O longo caminho da conversão sinodal à participação eclesial. In: AQUINO JR., Francisco; PASSOS, João Décio (orgs.). *Por uma Igreja sinodal: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2022. p.175-191.

SOBRINO, Jon. *A misericórdia*. Petrópolis: Vozes, 2020.

TEJO, Javier Díaz. Relectura del proceso evangelizador a la luz de Evangelii Gaudium. *Medellín*, n. 158, p. 151-171, abril-junio, 2014.

TRIGO, Pedro. *Papa Francisco: expressão atualizada do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SCANNONE, Juan Carlos. *O Evangelho da misericórdia em espírito de discernimento: a ética social do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2018.

SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SILVA, José Maria da (org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SPADARO, Antônio. *A proposta do Papa Francisco: o futuro rosto da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2013.

SPADARO, Antônio. *Entrevista exclusiva do Papa Francisco*. São Paulo: Loyola, 2013.

SPADARO, Antonio. ¿Un diccionario de Francisco? In: TORRALBA, Francesc. *Diccionario Bergoglio: las palabras clave de un pontificado*. Madrid: San Pablo, 2019

TERRAZAS, Santiago Madrigal. “*A unidade prevalece sobre o conflito*”. O ecumenismo do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2018.

TORRALBA, Francesc. *Diccionario Bergoglio*. Las palabras clave de un pontificado. Madrid: San Pablo, 2019.

WERBICK, Jürgen. *A fraqueza de Deus pelo homem*. A visão do Papa Francisco sobre Deus. Brasília: CNBB, 2018.